

UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: O CONFLITO ENTRE O CULTURAL E O
BIOLÓGICO NA ATUAÇÃO DO EDUCADOR**

MAGNA REGINA TESSARO BARP

Joaçaba
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: O CONFLITO ENTRE O CULTURAL E O
BIOLÓGICO NA ATUAÇÃO DO EDUCADOR**

MAGNA REGINA TESSARO BARP

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, *Campus* de Joaçaba, para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Roque Strieder.

Joaçaba
2007

Dedico esse trabalho aos educadores,
desejando que nesta dissertação encontrem um
pouco de alento às suas dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa externar um sentimento de que algo ou alguém foi importante para mim e para o meu crescimento. Assim desejo externar esse sentimento ao dizer que essa dissertação foi um passo imenso na descoberta de que nada sei, nada sou e nada posso diante de um universo tão diverso, tão infinito, tão cheio de ideologias e concepções diferentes. Mas esse nada que sou, que sei e que posso será a minha grande contribuição ao universo.

Para que essa descoberta fosse possível, contei com a presença sempre forte e marcante:

- dos meus pais Nadir e Dovilio: que hoje estão ausentes, mas que em vida me mostraram, com exemplos, a luz do mundo e dentro da sua pouca instrução acadêmica, foram sábios o suficiente para me dizer que vale a pena lutar, estudar e fazer o bem;
- dos meus filhos Bruna e Murilo: que amo de forma oceânica e pelos quais dou a vida;
- do meu esposo Edson: suportando, apoiando, compreendendo;
- dos meus irmãos Maria Terezinha, Luiz Fernandes, Marcos Antonio e Lílían Mara: sempre preocupados comigo, incentivando. Amo-os;
- dos meus sobrinhos, que como artistas, são fontes de inspiração para a alegria e a vida;
- das pessoas que fizeram parte da minha infância, adolescência e juventude: vocês foram o ponto de partida para esta dissertação;
- de forças positivas do universo (que alguns chamam de Deus): que sinto, que me recarregam a cada novo amanhecer, que me fazem forte, alegre, destemida;
- do meu orientador: que me dá o suporte sem ser visto, que fica por detrás do pano sussurrando o roteiro para que eu não me perca ao subir no palco da vida;
- dos meus professores: todos, desde a primeira série do ensino fundamental até os do mestrado, que me foram lapidando, extraindo de mim o que de melhor eu tenho;
- dos meus alunos: que na prática do dia a dia, me ensinaram que as teorias têm falhas;
- dos meus sonhos: que sempre me disseram que era possível.

Pai, mãe, madrinha Cata, que me educaram sempre com muito leite, polenta, Pai Nosso e Ave Maria. Desejo que saibam que jamais terei palavras suficientes para expressar o que sinto por vocês.

(Magna Regina Tessaro Barp)

RESUMO

A percepção, através de leituras e de observações, de que os educadores, em sua grande maioria, apresentam grandes dificuldades em tratar das questões sexuais com filhos e alunos, me fez refletir sobre as raízes de tais dificuldades, já que o surgimento do sexo e da sexualidade no ser humano foi um processo natural, lento e biológico no início e, mais tarde, acrescido do fenômeno cultural. A espécie humana, por conta de seu vasto desconhecimento sobre as questões da sua sexualidade, tem vivido de acordo com muitas crenças, tabus e preconceitos que foram alterando a biologia corporal e comportamental. Os comportamentos influenciados pela cultura, por sua vez, foram alterando também a biologia do ser humano.

A legislação indica a educação sexual como tema para ser discutido em aula, mas sem políticas públicas. Os educadores apresentam muitas dificuldades. O que o presente trabalho aponta, não são normas de condutas para educadores, muito menos receitas para educar. A discussão aqui apresentada objetiva compreender o porquê e as raízes de tantas dificuldades e com essa compreensão pensar numa educação sexual que contemple esses fatores, preparando, antes de tudo, o educador. Diante do exposto, a pesquisa mostrou que a dificuldade que muitos educadores apresentam ao abordar as questões da sexualidade tem raízes profundas e antigas. São processos não apenas culturais, mas também biológicos, que alteram paulatinamente a maneira de ser e de agir do ser humano e vão fazendo, silenciosamente, a sua evolução.

Palavras-chave: Sexualidade. Evolução. Biologia. Cultura.

ABSTRACT

The realization among readings and observations, of that major of educators, show large difficulties in dealing about sexual issues with children and students, it made myself to think about the roots of these difficulties, since the sex appearance and the sexuality in the human being was a natural, slow and biological process in the beginning and, later, it was added the cultural phenomenon. The human being, because of his vast unfamiliarity about the questions of his sexuality, has lived according to many beliefs, taboo and prejudices that were altering the body and behavior biology. The behaviors influenced by the culture, in turn, were altering also the human being's biology. What the current study puts forward, are not behavior rules for educators less often prescription for educating. The legislation shows the sexual education as subject to be discussed in class. The educators present many difficulties. The discussion that is showed here, has as objective to understand why and the roots of so many difficulties and with this understanding to think in a sexual education that considers these factors, preparing, first of all, the educator. In face of what was presented, the research showed that the difficulty that many educators have in dealing with sexuality issues have deep and old roots. They are not only cultural trials, but also biological ones, that change gradually the human being's way of being and acting and they are doing, silently, his evolution.

Keywords: Sexuality. Evolution. Biology. Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SEXUALIDADE E EVOLUÇÃO HUMANA: CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO .	14
2.1 POR EXPERIÊNCIA PRÓPRIA	14
2.2 A ATUALIDADE	20
2.2.1 Das notícias mais recorrentes	22
2.2.1.1 Homossexualismo.....	24
2.2.1.2 Pedofilia.....	29
2.2.1.3 Estupros	33
2.2.1.4 Incesto.....	35
2.2.1.5 Aids.....	36
2.2.1.6 Doenças do sexo	39
2.2.1.7 Sexo virtual.....	42
2.3 A TECNOLOGIA A SERVIÇO DO PRAZER	43
2.4 E NÓS, ONDE ESTAMOS E O QUE FAZEMOS?	46
3 CONTEXTUALIZANDO A TEORIA	48
3.1 O CONFLITO ENTRE O CULTURAL E O BIOLÓGICO NA EVOLUÇÃO SEXUAL HUMANA	51
3.1.1 O ser sexual	53
3.1.2 O que é ser vivo afinal?	56
3.1.3 E surge o sexo e a sexualidade	59
3.1.4 Compreendendo o humano sexuado	61
3.1.5 Por quê?.....	66
3.2 A QUESTÃO RELIGIOSA COMO MECANISMO DE CONTROLE	68
3.2.1 O pecado e o controle da igreja	74
3.2.2 As impurezas sexuais.....	75
3.3 AS REGRAS E NORMAS SOCIAIS	78
3.4 A QUESTÃO MERCADOLÓGICA DA SEXUALIDADE E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA	84

4 RESULTADO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO	89
4.1 METODOLOGIA.....	89
4.2 ANÁLISE DOS DADOS	92
4.2.1 As dificuldades	93
4.2.2 O conflito entre o cultural e o biológico na evolução sexual.....	99
4.2.3 A questão religiosa como mecanismo de controle.....	103
4.2.4 As regras e normas sociais	106
4.2.5 A questão mercadológica da sexualidade e a influência da mídia	109
4.3 O QUE EDUCADORES ESPERAM DA EDUCAÇÃO SEXUAL	113
4.3.1 O que os pais esperam dos professores.....	113
4.3.2 O que os professores esperam dos pais.....	115
 5 CONCLUSÃO.....	 118
5.1 RETOMANDO OS OBJETIVOS	118
5.2 AS RAÍZES DAS DIFICULDADES	122
5.3 NÃO HAVERÁ UMA EDUCAÇÃO SEXUAL ADEQUADA SEM UM COERENTE PROCESSO DE REEDUCAÇÃO SEXUAL DO ADULTO	 124
 REFERÊNCIAS	 128
 APÊNDICES	 136
 ANEXOS	 161

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade, marca biológica e cultural do ser humano, causa e consequência do seu processo evolutivo, é inerente ao corpo. Faz parte da vida.

A vivência da sexualidade passou por diferentes fases ao longo da evolução cultural e biológica do ser humano: ora natural e despercebidamente vivida; ora sutil, secreta, reprimida e pecaminosa; ora aberta, pública e amplamente divulgada. A abordagem do tema, no entanto, nem sempre acompanhou essa mesma lógica.

Ao estudar a história do processo de humanização percebo que a sexualidade nem sempre esteve relacionada às questões econômicas, educacionais, biológicas, culturais e sociais que se observa na modernidade, talvez por que existam dúvidas no sentido de se poder afirmar o que provocou o desenvolvimento humano: a sexualidade ou o progresso cultural, ou, ainda, se foi a complementaridade dos dois fatores. Nas palavras de Morris (1975, p. 45), “[...] o comportamento sexual moderno foi menos influenciado pelo progresso da civilização do que esta foi influenciada pelo comportamento sexual.”

Atualmente – início do século XXI – a vivência da sexualidade humana passa por uma fase revolucionária, não na sua forma de percepção física ou carnal, mas na forma com que é vivida pública e abertamente e na curiosidade que desperta cada vez mais precocemente nas pessoas.

Ao observar o processo evolutivo da biologia da sexogênese humana, percebo que esta alterou paulatinamente a cultura da vivência da sexualidade que pode ser percebida facilmente ao se prestar atenção na mídia. As notícias mais correntes nos meios de comunicação versam em torno da legalização da prostituição, das paradas *gays*, dos garotos viciados em *Viagra*, de inúmeras gravidezes na adolescência, da liberação dos casamentos entre homossexuais, dos números assustadores da Aids, das altas cifras que circulam nos “*sex shops*”, nas páginas apelativas ao sexo na Internet e assim um sem número de assuntos ligados à vivência da sexualidade humana.

Isso tudo se mostra bastante assustador para educadores, entendidos aqui como pais e professores, que sentem na sua biologia, na sua corporeidade e corporalidade as manifestações da sexualidade, mas têm dificuldade em admiti-la no seu filho ou aluno porque estão condicionados, social e culturalmente, que as manifestações do sexo são ocorrências vergonhosas, pecaminosas e desrespeitosas ao corpo.

A simples menção da palavra “sexo” é, por vezes, motivo de desconforto para os pais que, embora sabedores de que a sexualidade é inerente ao ser humano desde a sua concepção, ainda não estão suficientemente esclarecidos ou mesmo não admitem essa teoria como científica, principalmente nas crianças. A sexualidade infantil não é admitida:

As formulações conceituais sobre sexualidade infantil datam de começo deste século [Séc. XX] e ainda hoje não são conhecidas ou aceitas por parte dos profissionais que se ocupam de crianças, inclusive educadores. Para alguns, as crianças são seres ‘puros’ e ‘inocentes’ que não tem sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem a conotação de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve à má influência dos adultos. (BRASIL, 2001, p. 118).

Essa noção de negação da sexualidade infantil se fez ao longo do tempo através da cultura. Ainda nos PCNs encontrei: “As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola” (BRASIL, 2001, p. 112) e por grande parte dos pais no dia-a-dia da criança.

A tendência de fingir que a sexualidade não existe ou de que seria bom se os alunos a deixassem em casa, já não cabe mais no contexto social da atualidade. Apenas para ilustrar: “Por vezes a escola realiza o pedido impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela”. (BRASIL, 2001, p. 113).

Há muitos autores que corroboram com essa afirmação dos PCNs:

Em nossa prática docente, concordamos com Bernardi (1985) e Nunes (1987), pois percebemos, ainda, uma certa inquietação e dificuldade entre os educadores para abrir o diálogo e trazer a sexualidade no nível da palavra, do permitido, do prazeroso e do humano, pois pensam muito mais na sexualidade biologizada, anatômica, descritiva, fragmentada, fonte de males e, por isso, origem de culpa e medo. Alguns até se colocam como protetores dos alunos no sentido de alertá-los contra os “perigos sexuais”, que tanto podem ser de ordem psíquica quanto física ou moral. Outros, porém, estão convictos de que não se pode subverter a ordem, portanto o que está estabelecido é o correto. (CABRAL, 1995, p. 150).

Diante das afirmações acima fica ratificada a pesquisa que realizei na especialização, que detectou também a dificuldade dos educadores em abordar o assunto. Mas a questão é ainda mais complexa:

Tradicionalmente conservadora, a escola revela alguns pontos evidentes de que não está bem resolvida em relação à inserção da sexualidade em seus trabalhos. Por exemplo, na instituição escolar há pudores quanto ao ‘falar em sexo’, e preconceitos sorrateiramente arraigados atemorizam quanto à educação Sexual. (GUIMARÃES, 1995, p. 17).

Pesquisas mais recentes, como as de Nunes (1997) descrita em seu livro “Desvendando a sexualidade” também deixam clara essa dificuldade. Este autor afirma que não haverá uma educação sexual emancipatória e libertadora sem um coerente processo de reeducação sexual do adulto. Outras pesquisas como a de Preve (1997) “Sexualidade, Quem precisa disso?”; Medeiros (2000). “Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente” e notícias como a publicada pela Folha de São Paulo, em 1º de julho de 2004 (SAYÃO, 2004) comprovam e ratificam as afirmações sobre as dificuldades dos educadores em abordar a questão da sexualidade, e apontam alternativas sobre técnicas de como educar adequadamente para a sexualidade. As políticas públicas, além de escassas, não apresentam a compreensão do todo, da formação biológica e cultural do ser sexual.

Diante do acima exposto, percebo que há uma forte tendência em se afirmar que existe uma série de dificuldades e de repressões em se abordar a sexualidade, e, percebendo uma lacuna nos estudos sobre as raízes dessas dificuldades e repressões, me lancei a pesquisar **de onde vem essa dificuldade e essa repressão**. O ser humano evoluiu tanto biológica quanto culturalmente, em uma teia de relações, comportamentos e mutações que se torna difícil a compreensão de tais raízes, se é que elas existem. Assim sendo, meu dilema é complexo: A sexualidade, de onde veio? Como veio? Sempre foi assim? Essa dificuldade que os educadores apresentam tem raízes de comportamentos culturalmente construídos ou são alterações biológicas que paulatinamente se instauram no organismo e afetam as gerações seguintes? Isso justificou a proposição, pois para entender um fenômeno, faz-se necessário buscar suas raízes, contemplando todos os aspectos que o envolvem.

Assim, analisando algumas pesquisas que tratam da sexualidade humana, detectei que elas apontam problemas em relação à abordagem do tema e dificuldades por parte dos educadores entendidos aqui como pais e professores. E, embora seja lei, educar, ou “orientar”, como dizem os PCNs, para a vivência da sexualidade (PCNs e Resolução n.º 02 da CEB), esse trabalho não é feito nas escolas públicas de muitos municípios brasileiros. O motivo é o desconforto dos professores em abordar assuntos relacionados à sexualidade humana. Esse problema é da escola, pois “O silêncio da escola e a superficialidade com que tem tratado assuntos relevantes para a vivência sexual de seus alunos são, no mínimo, motivos de preocupação e de questionamentos” (SILVA, 1995, p. 3), mas é um problema também dos pais: “[...] os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa” (BRASIL, 2001, p. 111).

Partindo do pressuposto de que os educadores, tanto professores quanto pais, têm dificuldades em educar para a vivência da sexualidade, e tendo como objetivo geral caracterizar as raízes culturais e biológicas que sustentam as dificuldades de muitos educadores diante da temática “educação sexual”, pesquisei: “Que raízes, culturais e/ou biológicas sustentam as concepções de sexualidade e as dificuldades de abordagem do tema que os educadores apresentam hoje?”

Para chegar a esse entendimento, algumas questões de pesquisa foram levantadas:

- a) De que forma evoluiu a sexualidade humana, cultural e biologicamente falando?
- b) Que alterações mais visíveis ocorreram ao longo desse processo evolutivo na sexualidade humana?
- c) Que fatores determinam mudanças comportamentais em relação à sexualidade (igreja, mídia, grupo social)?
- d) Quais as raízes das dificuldades encontradas pelos educadores de hoje na abordagem da sexualidade?

Os objetivos específicos da proposição visavam:

- a) compreender de que forma evoluiu a sexualidade humana tanto nos aspectos culturais quanto biológicos, ao longo do processo de evolução dos seres vivos;
- b) identificar as alterações mais visíveis que ocorreram ao longo do processo evolutivo na sexualidade humana;
- c) elencar os fatores que determinam as mudanças comportamentais dos seres humanos em relação à sexualidade;
- d) identificar as raízes das dificuldades encontradas pelos educadores na educação sexual.

Para uma aproximação do alcance dos objetivos propostos, empreendi em uma pesquisa de caráter qualitativo, numa abordagem descritiva de análise de discurso onde foram buscados os aspectos culturais e biológicos da sexualidade, tendo em vista que somos todos, enquanto seres humanos, um organismo formado a partir da união desses dois aspectos. É a soma desses fatores – cultura e biologia – que faz o nosso viver, sentir, fazer.

Dessa busca resultou a presente dissertação que traz em sua segunda seção um *passeio* pela atual “problemática” da sexualidade humana. Um estudo de alguns aspectos atuais da vivência da sexualidade e suas implicações na vida e no momento evolutivo pelo qual passa a nossa geração.

Na seção III, encontra-se um referencial teórico abordando os seguintes aspectos: o conflito entre o cultural e o biológico na evolução sexual; a questão religiosa como mecanismo de controle; as regras e normas sociais; a questão mercadológica da sexualidade e, a influência da mídia;

Na quarta seção está a forma como foi aplicada a entrevista aos pais e educadores com o objetivo de detectar resquícios de uma cultura e de uma evolução biológica e que estariam influenciando a forma como educam seus filhos e alunos, apontando a metodologia, o instrumento utilizado, os dados obtidos e a análise dos referidos dados.

Na quinta seção, estão as considerações finais, indicando a compreensão que tive de todo o processo que nos faz agir como agimos na vivência de nossa sexualidade e na forma como orientamos nossos filhos e alunos.

2 SEXUALIDADE E EVOLUÇÃO HUMANA: CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO

Não se pode duvidar de que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência, porque, com efeito, como haveria de exercitar-se a faculdade de se conhecer, se não fosse pelos objetos que, excitando os nossos sentidos, de uma parte, produzem por si mesmos representações, e de outra parte, impulsionam a nossa inteligência a compará-los entre si, a reuni-los ou separá-los, e deste modo à elaboração da matéria informe das impressões sensíveis para esse conhecimento das coisas que se denomina experiência? No tempo, pois, nenhum conhecimento precede a experiência, todos começam por ela.

(Immanuel Kant)

2.1 POR EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Vivíamos numa micro-comunidade formada por quatro famílias cuja sobrevivência girava em torno de uma olaria. A família do dono morava numa casa grande, toda de alvenaria, mais afastada. As outras três famílias, em pequenas casas de madeira – seria ironia? – no final dos galpões da grande fábrica de tijolos e telhas de barro.

Meu pai, como os demais moradores, era oleiro: puxava, amassava, molhava se necessário, e moldava o barro. Máquinas rústicas eram usadas na fabricação dos tijolos e telhas. O motor imenso com largas correias ocupava uma área de aproximadamente 600m² dentro do barracão.

Esses galpões, com corredores imensos e prateleiras intermináveis era o local de trabalho dos pais durante a semana e o parque de diversões dos filhos nos finais de semana. Brincadeiras de pegador, de esconde-esconde, de bolinha do buraco, de negrinho do pastoreio e tantas outras eram a forma como passávamos os dias. Se chovesse nada era impedido, os galpões eram todos cobertos. Se houvesse qualquer desentendimento entre as crianças, era resolvido por lá mesmo, as mães jamais discutiram entre si por conta das discussões das crianças.

As mulheres, cada uma se ocupava com um afazer diferente. A vizinha de cima tirava leite de uma vaca e doava para as outras três famílias. Levava na casa de cada uma de manhã cedinho. A vizinha de baixo era uma alemã prendada. Fazia doces, cucas e bolachas em forno

de lenha; forno que, aliás, era comum para as três famílias. Cada uma sabia seu dia de fazer pão e utilizar o forno que era feito de tijolos unidos com barro. Na véspera de Natal e de Páscoa, uma só amassava a massa para todas. Era a festa... a vizinha alemã, reunia em sua casa a farinha, os ovos e o açúcar e amassava cucas e bolachas para todas. Para formatar as cucas e as bolachas, assar e passar a calda, todas ajudavam. Essa tarefa era então compartilhada. As bolachas e cucas eram divididas no final da tarde em partes iguais. Mas a família que tinha menos filhos, sempre deixava a maior parte para a família maior. A esposa do dono da Olaria, que morava um pouco mais afastada, nem sempre compartilhava dos trabalhos, mas sempre era presenteada com um prato de bolachas e uma cuca. Mais tarde, com esse aprendizado, todas estavam aptas para amassar em suas casas as suas próprias cucas e bolachas para as datas festivas.

E minha mãe... ah... minha mãe, figura fantástica, coração de ouro tanto quanto as outras mulheres da “tribo”. Ela era a costureira. Confeção de roupas novas e reformas para as vizinhas era de graça, afinal recebia leite, pães e outras coisas. Para as pessoas de fora, o preço era muito acessível e para as vizinhas do entorno da olaria, pagavam o que queriam, o que achavam que ela merecia. Minha mãe nunca enriqueceu costurando, mas o bem maior que ela sempre teve e sempre soube cultivar e compartilhar com os filhos e amigos foi a honestidade, a amizade, o carinho, o amor para com o próximo e recebeu em pagamento a valorização e a visão de pessoa do bem que todos tinham dela. Quando morreu, o salão da igreja matriz da cidade onde morava foi pequeno para acolher tantos amigos que vieram fazer a despedida e trazer um conforto à família (Assim também foi com meu pai).

As crianças eram criadas por todas as mulheres. Todas tinham o poder de orientar, educar, ensinar. A vizinha de cima, que para meu orgulho era minha madrinha (aliás, ainda é, por que é a única das mulheres da olaria que se mantém viva e forte). Ela era encarregada da formação religiosa das crianças. Todas as noites reuniam-se todas as famílias para a reza do terço e em seguida ela reunia as crianças para ensinar a cantar “Mãezinha do Céu” e rezar as orações de praxe – pai nosso, ave Maria e o santo anjo. Quando a “capelinha” (uma santa colocada num santuário transportável), chegava até a casa da vizinha de baixo, todas as famílias se reuniam lá para rezar e nas noites seguintes iam até a casa onde a santa estava e a acompanhavam até a próxima casa com cantos e orações. Na casa em que a santa deveria passar a noite, era rezado o terço. Depois do terço, o *filó* continuava. As crianças iam para o pátio gramado brincar à luz do luar e os adultos conversavam sobre as coisas de adulto. O pátio era imenso... muita grama. Ao redor dele, as três casas. O pátio também era comum para todos.

“Ah... que saudades que eu tenho da aurora da minha vida... da minha infância querida...”

Às vezes, todas as crianças eram convidadas por uma das vizinhas para passear em outra casa, mais afastada. Lá, as crianças passavam a tarde, brincando de “Pegador”, “esconde-esconde”, casinha de bonecas (feitas de sabugo de milho ou de pau de lenha enrolado em um pano). A tarde passava sem nem sequer percebermos. Quando voltávamos para casa... a grande surpresa:

Na nossa ausência, mamãe tinha saído para procurar um chá no banhado de onde era retirado o barro para fabricar tijolos e onde os sapos, à noite, faziam serenata e... SEM QUERER... ELA ENCONTRARA UM BEBÊ!

Agora, na cama, deitada ao lado do bebê, estava nossa mãe. Tão maravilhosa, tão humana por ter encontrado esse bebê no banhado e por ter tido a humanidade de acolhê-lo em nossa casa. Que lindo! O que perdemos? Por que fomos passear justamente hoje, quando nossa mãe encontrara um bebê? Eu deveria ter ficado em casa para ajudá-la a trazer. Ele devia estar todo cheio de lama, com frio, com fome. Mas mamãe era genial. Fizera tudo mesmo sem mim. - E agora mamãe, levanta, vem cuidar de mim também! Mas mamãe ainda não podia levantar da cama, porque o bebê poderia chorar e ela precisa ficar deitada para “nascer” leite para o bebe. Bem, paciência, se é assim, tudo bem.

Em poucos dias, todas as vizinhas vinham visitar esse “achado” que mamãe fizera. Mas quando as vizinhas chegavam, a ordem era que as crianças fossem brincar, bem longe. Não sei porque? Ah... mas um dia eu me escondi embaixo da casa e descobri. Era para falar coisas proibidas, coisas que as crianças não poderiam e não deveriam escutar. Era para falar sobre algo que veio em grande quantidade... ou não veio (hoje conhecemos como menstruação), era para falar sobre as dores da “hora” (parto), era para falar sobre uma ardência “lá” e sobre qual chá deveria ser feito para tomar ou para passar.

Deuses, que coisas confusas! Dores da hora, algo que veio, ardência lá. Isso tudo era muito sinistro, mas não era assunto de criança e pronto.

Aí a escola entrou na minha vida, ou eu entrei na vida da escola, ainda não sei. O que sei é que na escola jamais se falou qualquer coisa que pudesse responder a todos os questionamentos que eu tinha. Na escola não era lugar de falar dessas coisas!

E em casa também não.

Quando aos doze anos uma marca escura de algo que parecia um sangue, manchou o fundo da minha calcinha, quase enlouqueci. Recorri à mamãe e aí soube que esse seria o preço de estar atingindo a idade adulta e seria pago mensalmente, em centenas de prestações. Menstruar todos os meses era coisa de adulto.

Mesmo assim, não abandonei a boneca, que nessa época já era de plástico, ganhada da madrinha. Mas já nos escondíamos atrás das pilhas de tijolos onde uma amiga tinha uma grande revelação a fazer. Ela vira o porco subir na porca. Isso era inédito!

Além do que a outra amiga viu dois jovens da vizinhança se beijando... e o pior... era na boca... Será que ela não ficaria grávida??? Agora já sabíamos que os bebês não vêm do banhado e nem do repolho, mas da barriga das mulheres, se estas beijam na boca, ou sentam na mesma cadeira que um homem sentou. Ficamos algum tempo observando a moça para ter certeza de que não fora dessa vez que ela engravidara.

Era década de 70. O patrão dos oleiros comprou a primeira televisão. A partir de então, muita coisa mudou em nossas vidas. Como num ritual, íamos todos, todas as noites até sua casa ver aquela que seria a maior maravilha já vista por todos nós. Como a garrafa mudou a vida das pessoas da tribo dos Bosquímanos, no filme “Os deuses devem estar loucos”, a televisão mudou a vida das pessoas da tribo da olaria. O terço foi ficando um pouco de lado, ou pelo menos, mais rápido. A novela era o ritual sagrado.

A sala do patrão era imensa. Os sofás, todos ocupados e outra fila sentada no chão. Hoje, me pergunto: será que essa presença em massa dos filhos de quatro famílias (cerca de 17 pessoas entre crianças, adolescentes e jovens) não incomodava as pessoas da casa? Creio que não porque já entrávamos pela porta da sala e íamos sentando pelo chão, na soleira da porta ou onde desse. Não éramos visitas, mas platéia certa que quando olhava para os atores não queria comer, beber nem exigia qualquer atenção dos donos da casa.

Dúvidas então, começaram a assaltar meus pensamentos; se tudo era pecado, como poderia a televisão mostrar as pessoas beijando-se na boca? Esses atores iriam todos para o inferno? As atrizes não engravidariam? Coitados! Será que foram avisados? Como poderiam, a televisão e as revistas, mostrar pessoas nuas se abraçando, se nem eram casadas? Como podiam as pessoas na televisão fazer sexo e nem ficarem com as faces vermelhas? O que estava acontecendo, o que mudou? Mudaram as leis da igreja? O corpo mudara sua biologia? Sim porque se eu fosse beijar alguém na boca, certamente morreria de vergonha... Mas então...??? Como? Por quê?

Na sétima série, um médico, a chamado da direção, veio dar uma palestra sobre Educação Sexual. Saí da palestra jurando que jamais faria sexo com alguém. O que o médico mostrou, deu repulsa em todos. Pênis inchados, cheios de feridas, vaginas sangrando de tantas DSTs juntas, tudo muito assustador. Nessa palestra ficou bastante claro que o pecado do sexo nunca fica impune. Quem o praticasse, ficaria assim.

Ah, para as meninas a palestra foi em uma sala, para os meninos, em outra.

E foi assim, exatamente assim que se fez a educação sexual em minha vida, da qual sou flor, sou fruto e sou semente.

Em meio a tudo isso cresci, comecei a namorar, percebi que a vergonha ia se extinguindo a cada dia, engravidei, me casei e tive filhos. E embora essa não fosse a ordem exata das coisas, a ordem foi estabelecida com o casamento. O que fugisse a isso seria errado, pecado e motivo de vergonha para a mulher e para a família. Durante esse processo, e concomitantemente, a convivência social, a televisão, as revistas, etc. foram moldando a minha forma de ver e viver a sexualidade. Ou seja, uma sexualidade moldada por conceitos conservadores, mas por uma visão de vivência um pouco mais liberal imposta já pela mídia.

Alguns anos mais tarde, aliás, bem recentemente – em 2002 –, um fato novo chamou minha atenção. No município de Barracão (RS) com apenas cinco mil habitantes, muitas adolescentes engravidavam indesejadamente, pelo menos indesejadamente do ponto de vista consciente. Houve uma época em que mais de uma dezena de adolescentes estavam grávidas nessa mini-cidade, numa época “pós-carnaval”. E as dúvidas começaram a me possuir novamente. Que seria isso? Ninguém estava fazendo nada? Estavam todos achando normal? O que se ouvia era que as meninas estavam todas depravadas, sem limites, desavergonhadas. Uma pesquisa para cumprir um trabalho de especialização informou-me que a escola e as famílias estavam alheias, achando que a responsabilidade não era sua, mas sim da televisão, ou então uma colocando a responsabilidade sobre a outra. Escola e família não estavam se entendendo na divisão dessa responsabilidade de orientar para a sexualidade. A teoria existente e as entrevistas que fiz, me informaram sobre o despreparo dos pais e professores em lidar com as ‘coisas do sexo’, já que a cultura, principalmente a formação religiosa impediam que se falasse, se orientasse e se questionasse as manifestações da sexualidade. Tudo era feio, pecaminoso e “coisa de adulto”. Mesmo as teorias de Freud datadas de mais de um século que afirmam que a sexualidade está no ser humano mesmo na mais tenra infância, não foram capazes de conscientizar para a necessidade de uma orientação adequada e eficaz.

Mas, ao longo do tempo, deixando um pouco de “trasgenia” mesclar meus conhecimentos sobre a sexualidade humana, percebi que o que havia descoberto na pesquisa da especialização era apenas um fato: “Os pais e os professores tinham dificuldades em abordar a sexualidade com seus filhos e alunos” tanto quanto meus pais e padrinhos. Busquei mais teorias e esse fato se ratificou. Sim... e daí? O que fazer? Deixar as coisas como estão, já que é uma dificuldade geral? Já que é fato consumado? A primeira reação foi deixar as coisas como estavam e apostar em uma fórmula que eliminasse essa dificuldade. Comecei a dar

curso e palestras para pais e educadores, mas as coisas continuavam da mesma forma... Bem, então ainda não tínhamos um caminho. Percebi que estava fazendo exatamente o que outros educadores sexuais já faziam. Ou seja, dava curso e palestras orientando pais e professores a perder o medo e a vergonha... explicando que deviam falar sobre isso com os filhos e alunos. Como se o meu discurso fizesse com que centenas de anos de repressões e de medos, tabus e preconceitos, em que os pais e professores foram educados, fossem se desvanecendo e sumindo.

Ledo engano. Era preciso mais. Mas o que mais?

O que fazer? Com essa questão fui me enchendo ainda mais de dúvidas... de coragem, de espírito de busca e de uma dissertação de mestrado que nasce hoje com a intencionalidade quase que exclusiva de compreender esse processo todo que nos formou enquanto pais-educadores e professores-educadores e principalmente de compreender “Onde está a raiz dessa dificuldade toda que essa geração de educadores apresenta quando o assunto é *sexualidade humana*”.

O que encontrei nessa pesquisa é surpreendente e a viagem que empreendi por todo o processo evolutivo da humanidade para compreender essas questões é permeado de surpresas e respostas, mas, ao mesmo tempo, é povoada de dúvidas e questionamentos. A viagem antropológica foi realizada até as raízes do surgimento da raça humana para compreender reações e atitude, mudanças e comportamentos que temos e que percebemos em nós e nos outros em relação à sexualidade.

A formação sexual que as gerações anteriores à minha tiveram, é imensamente diferente da que é dada à geração atual. Os pais dos adolescentes de hoje, viveram a época dourada dos *Hippies* cujo lema era “sexo, drogas e Rock’n Roll”. Lutaram para se libertar da educação sexual que tiveram e da repressão que a cultura insistia em preservar e conseguiram essa liberdade. Hoje, esses que foram os *hippies* são os pais/educadores de uma geração que está aí, ansiando por viver as suas experiências sexuais. Mas as primeiras pesquisas mostraram que esses adolescentes têm orientações um tanto parcas em função da transição que seus pais podem estar vivenciando. Quiseram ser livres... E foram... Mas reconhecer essa liberdade nos filhos hoje e propiciar essa liberdade num mundo tão conturbado pelo comércio do sexo e pela violência que o envolve é bastante complexo. Além do que, a grande maioria dos pais ainda não descobriu o porquê dessa ânsia tão grande pelo sexo que os adolescentes de hoje apresentam. A geração de educadores de hoje, é a geração do meio, do ‘ponto zero’ que separa a geração do nada pode – seus pais – para a geração do tudo pode – seus filhos.

A dificuldade que os educadores tiveram no passado e que os educadores do presente ainda continuam tendo para abordar as questões da sexualidade, deve ter uma raiz bastante profunda, mas onde está essa raiz?

Eis o nosso dilema!

Começemos pelo fim. Vamos partir da atualidade para o passado e nessa viagem talvez encontremos algo que nos dê suporte.

Mas se é verdade que os conhecimentos derivam da experiência, alguns há, no entanto, que não têm essa origem exclusiva, pois poderemos admitir que o nosso conhecimento empírico seja um composto daquilo que recebemos das impressões e daquilo que a nossa faculdade cognoscitiva lhe adiciona (estimulada somente pelas impressões dos sentidos); aditamento que própria mente não distinguimos senão mediante uma longa prática que nos habilite a separar esses dois elementos. (KANT, 2006).

2.2 A ATUALIDADE

Estranho e maravilhoso é o mundo em que vivemos. O mundo dos contrários, onde ciência e religião não se completam, mas se opõe. Onde sexo e sexualidade não são extensões, mas faces distintas e ocultas de um mesmo sentir. Onde a vida e a morte marcam o ser, o estar e a vivência humana. Onde as fontes de prazer mais causam dor e solidão do que alegrias.

Estranho e misterioso é perceber que o prazer do sexo que para alguns é um deleite, para outros é conseguido através da violência, para outros ainda é fonte de renda. Onde as regras sociais são para alguns, mandamentos a serem seguidos, para outros, apenas um dito popular.

Estranho e apavorante é perceber que a modernidade que nos chega num rompante, sem aviso prévio, vem carregada de incertezas, de medos, de sensações e sentimentos inexplicáveis, onde a pedofilia causa prazer a alguns e dor, sofrimento e morte em outros; onde os estupros estão cada vez mais ocorrendo deliberadamente, onde o homossexualismo é doença e o sexo é artigo de feira, com os mais variados preços; onde o corpo é prisão e possibilidade ao mesmo tempo.

Esse estranho e (des)conhecido mundo em que vivemos será trazido à tona nesta seção, não na sua totalidade, porque isso seria impossível pelos limites de tal pesquisa e pela nossa incapacidade de ter a visão do mundo todo, mas em pequenos lampejos e nuances do

que circula pelos meios de comunicação e de informação a que temos acesso, em forma de notícias, de descobertas, de comerciais, de recortes de jornais e outros da atualidade sobre a sexualidade humana.

O que pretendo aqui é trazer um pouco da problemática (se é que podemos dizer que a vivência da sexualidade atual é problemática) atual da sexualidade humana para ancorar nela a pesquisa sobre as raízes que moldaram o viver e o pensar assim, dessa forma, a nossa sexualidade no atual século, e não de outra forma.

Usando termos de Bauman (2004), posso inferir que hoje vivemos a era dos “relacionamentos de bolso” do tipo que se “pode dispor quando necessário” e depois tornar a guardar. Ou, ainda parafraseando o autor, que diz que os relacionamentos são como a vitamina C: em altas doses provocam náuseas e podem prejudicar a saúde.

Essa forma de relacionamentos já foi diferente. O amor “até que a morte nos separe”, deu lugar ao amor “até que a vida nos separe”. Os pudores deram lugar aos fetiches. As invenções da ciência a serviço do prazer deram lugar ao prazer individual. O amor e o sexo natural e carnal entre o homem e a mulher deram lugar ao sexo virtual.

Há quem fale na decadência do romantismo. Da época da serenata na janela até a era do e-mail, muitas coisas se passaram, muitas mudanças ocorreram. A questão que surge é: isso é mudança de paradigma ou faz parte da evolução natural da vida?

É... a modernidade e a atual conjuntura política, social, econômica, tecnológica e biológica, mudaram e interferiram não apenas nas formas de produção e de geração de riquezas, mas afetaram profundamente até mesmo os relacionamentos humanos e a forma de ser, sentir e estar no mundo. Ou, adotando as teorias neodarwinianas que embasam a presente pesquisa, a modernidade e atual conjuntura foram afetadas pela evolução do sexo. Para Abramovay (2004, p. 30-31):

A segunda metade deste século foi marcada por, pelo menos, dois importantes eventos que deram novos impulsos para os estudos sobre a sexualidade, bem como aos seus sistemas de práticas e representações sociais: 1) o desenvolvimento de métodos contraceptivos que rompe com a associação, até então existente, entre o exercício da sexualidade e a reprodução da espécie; e 2) o surgimento de novas reflexões derivadas da interseção entre a mobilização de alguns segmentos da sociedade civil organizada e de estudos realizados no âmbito da academia.

As mudanças são constantes, sequenciais, processuais, evolutivas e ocorrem deliberadamente, independentemente do que pretendem pais, educadores, jovens, crianças. A evolução acontece aos organismos.

Isso será detalhado na seção III. Por ora, vou apresentar parte de como se encontra hoje a vivência do sexo e da sexualidade entre os humanos trazidos aqui através de uma coleta aleatória de notícias e relatos veiculados nos mais diversos meios de comunicação em cerca de seis meses. Vejamos:

2.2.1 Das notícias mais recorrentes

Prestar atenção na mídia é um exercício que requer algo a mais do que apenas ler e ouvir notícias e assistir novelas e filmes porque a mídia, principalmente a televisiva “age independentemente de nossa consciência” (HETKOWSKI; GEWEHR, 2000, p. 5). As coisas e os fatos que são apresentados midiaticamente, muitas vezes passam despercebidos, outras vezes, fazem sonhar e levam muitas pessoas ao delírio, porque assim o desejam seus editores. Trinta anos depois do meu primeiro contato com a televisão, entendo que o que vejo e ouço nos meios de comunicação são recortes da realidade, editados por alguém ou por algum grupo que deseja que o seu produto seja priorizado, ou que sua ideologia seja difundida.

Cito o exemplo de um estupro: é certo que se acontecer a um ente querido (desde que este não seja o estuprador) ficamos consternados, sofremos e lutamos por justiça. No entanto, falo aqui da mídia: se esse fato (o estupro) passar no noticiário noturno, já não nos atinge da mesma forma, fica distante, porque esperamos a próxima notícia e sabemos que ela será ainda mais dramática. No entanto, se uma nova marca de cigarros ou de bebidas for lançada, e embora esse lançamento aconteça do outro lado do planeta, o marketing é tão sutilmente perfeito, mostrando corpos perfeitos, rostos lindos, encontros amorosos que fazem com que o consumidor não apenas deseje ter aquilo, mas que se sinta o próprio ator. A cena é de tal forma programada para penetrar profundamente nos desejos e nas aspirações do telespectador que este, não pensará duas vezes antes de decidir que aquele produto foi feito para ele, em função dele e que poderá mudar a sua vida. O estupro? Já está esquecido.

Por que a mídia tem esse poder? Por que essa diferença em mostrar duas situações completamente diversas? Claro está, que há fatores econômicos por trás dessa diferença. Mas será por isso que as notícias que envolvem as barbáries acerca da sexualidade (como estupros, pedofilia, etc) parecem tão distantes e descoladas da realidade? Será por isso que esses fatos não abalam pais e educadores e fazem com que estes tenham dificuldades em falar sobre sexo, em orientar adequadamente para a sexualidade? Será esse fator que leva a maioria dos

educadores a seguir com antolhos os conteúdos livrescos que sempre trabalham em sala de aula, sem se atinar para as questões da sexualidade que talvez mereçam serem trabalhadas, discutidas, questionadas?

É comum a concepção de que o sexo é um mecanismo de reprodução. Se for, como explicar as atitudes de quem tem prazer pelo sexo violento? Será o sexo um mecanismo de reprodução mesmo?

E se não for um mecanismo de reprodução, por que as pessoas precisam dele para se reproduzir? A ameba não precisa, ela se duplica. A mandioca se reproduz através de um broto. E se o sexo for apenas um mecanismo de prazer e que tem como consequência a geração de novos seres, como explicar que esse prazer em alguns humanos precise da violência para ser completo? E mais, se o sexo não é um mecanismo de reprodução porque a sociedade condena os homossexuais?

Muitas dúvidas, raras respostas.

Um exemplo que ilustra e ratifica todas essas dúvidas nos vem de um canal de televisão de Nova Iorque (O Canal J) em janeiro de 1980: Uma mulher queria bater o Record de relações sexuais. Ela fez sexo com 52 homens e entrou para o Guinness. Como não havia registros de outros concursos anteriores, ela foi a ganhadora (GREGERSEN, 1983). Por quê?

Assim, ficamos à mercê de novas formas de vivência do sexo e da sexualidade e não mais sabemos a diferença entre o que é humanamente natural e o que é distúrbio anormal da evolução da espécie, não sabemos como encarar as coisas que tínhamos como pecaminosas e agora estas se nos apresentam como naturais, e também não sabemos como orientar nossas crianças e adolescentes para uma vivência mais tranqüila e natural da sua sexualidade.

Na verdade, assim como meus pais, nem nós sabemos se devemos orientar, afinal a sexualidade é algo natural como comer, dormir, andar. Além do mais, é comum ouvir de pais e professores o desabafo sobre seus filhos: “Eles sabem mais do que nós!”. Isso é uma realidade ou um mito? Será que eles (os adolescentes) sabem mais do que nós ou será que estamos achando cômodo crer nisso? Meus pais não achavam que eu sabia mais do que eles. Na verdade, faziam de um tudo para que eu não soubesse nada sobre o assunto. Talvez as crianças e adolescentes da geração informatizada (geração do início do século XXI, cercada de equipamentos de informação como computador, celular, etc.) tenham menos pudores e uma vivência mais pública da sua sexualidade, mas daí a achar que eles sabem mais do que nós, pode ser o bode expiatório para legitimar a dificuldade que temos em abordar temas referentes à sexualidade ou pode ser o aval que precisamos para assegurar que não temos nada para fazer no sentido de orientar.

Notícias, novelas, filmes, comerciais televisivos, radiofônicos, *out doors*, e mais uma infinidade de mídias trazem sutil ou explicitamente um apelo sexual que enche os olhos e desperta muito precocemente as nossas crianças para a vivência de sua sexualidade. Há uma nítida antecipação das experiências corporais em relação à época dos pais e educadores que hoje estão em contato com os adolescentes.

As fases diferentes entre si e as mudanças significativas que acontecem ao longo da história demonstram a evolução que observei. O corpo, que era parte natural do meio ambiente, passa nas eras religiosas a ser completamente coberto por panos e assim foi até pouco tempo. Na atualidade, os panos diminuíram e hoje eles cobrem apenas os atrativos erógenos (ou as partes sexuais). Demonstração clara de que o sexo é visto de forma diferente em cada fase, desde nossos ancestrais que andavam nus.

A folha de parreira, tão providencial nos primórdios da evolução para garantir a fidelidade do par, foi um elemento cultural que deu origem a uma série de comportamentos desde então. “Em virtude da sua posição vertical, o macaco pelado não pode aproximar-se de outro membro da espécie sem mostrar os órgão genitais.” (MORRIS, 1975, p. 74). Depois da folha de parreiras, o tapa-seios, o véu sobre os lábios, a burca. Hoje, o bustiê, a mini-saia, o topless. Os panos que não existiam, surgiram e por séculos cobriram completamente o corpo e, nas últimas décadas foram novamente sendo retirados. Vão despertando desejos e olhares de cobiça que podem estar causando violências como estupros e pedofilias. As repressões vividas durante séculos, entram em erupção e trazem reações nada naturais, do ponto de vista da humanização. Gregersen (1983) em “Práticas Sexuais – A história da sexualidade humana” traz um interessante estudo sobre todo esse processo de mudanças de vivências e de concepções que estarão sendo trazidas à tona ao longo da presente dissertação.

Trago aqui alguns itens e aspectos buscados aleatoriamente na mídia que dizem respeito à sexualidade e que são altamente debatidos e veiculados na atualidade para contextualizar o presente estudo.

2.2.1.1 Homossexualismo

A união entre os homossexuais (TIBA, 2000) que até pouco tempo não era sequer, cogitada, hoje ganha grandes espaços na mídia e na vida das pessoas. Isso não significa que as relações homossexuais não existissem; eram bastante reprimidas e vividas “noturnamente”, ou seja, às escondidas.

Na Bíblia, livro do Levítico, o homossexualismo era citado. No Versículo 13 do Capítulo 20 do referido livro, entre infinitas outras proibições, lê-se: “Se um homem dormir com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometeram uma coisa abominável. Serão punidos de morte e levarão a sua culpa”.

Alguns séculos depois – séc. VI dC – quando governava o imperador Justiniano “a sentença de morte para os atos homossexuais estava certamente nos livros – apesar de Justiniano castrar ao invés de matar os ofensores”. Na Espanha, por exemplo, sob o domínio dos Visigodos, com o estabelecimento do Cristianismo “atos homossexuais eram punidos com castração e morte, enquanto nas Ilhas Britânicas era imposta a penitência.” (GREGERSEN, 1983, p. 20).

A abominação da prática homossexual e o pecado que esse representava, eram sinônimos de controle da Igreja e marca indelével que os homossexuais já existiam. No entanto precisamos atentar para o fato de que essa atividade entre as mulheres não tem qualquer menção na bíblia. “[...] na bíblia não há tabu sobre a atividade lésbica (apesar de muitos grupos na tradição não a aprovarem), mas a bestialidade feminina é condenada.” (GREGERSEN, 1983, p. 12).

A sodomia, “relação sexual fora dos padrões tidos como normais entre indivíduos do mesmo sexo ou se sexos diferentes, ou ainda entre pessoas e animais.” (LUFT, 2000, p. 612) era pecado, fosse ela praticada entre homens ou com mulheres.

O homossexualismo, tanto feminino quanto masculino vive hoje, dois grandes dilemas: sua aceitação nos meios mais conservadores e a necessidade de se identificar suas causas. A questão está deixando o terreno religioso e moral e chegando à medicina, na qual também há controvérsias acesas.

Embora o homossexualismo tenha suas raízes nos primórdios da evolução da espécie humana, e embora seja extremamente natural entre os mamíferos:

A função primária do comportamento sexual é a reprodução da espécie, a qual é manifestamente posta de parte no acasalamento homossexual. [...] Não há nada de biologicamente anormal num ato de pseudocópula homossexual. Muitas espécies o fazem, em variadíssimas circunstâncias. (MORRIS, 2001, p. 69).

Na minha adolescência, não se ouvia, jamais, falar em homossexualismo. Essa palavra entrou para o meu dicionário já na fase da juventude, mas com uma carga de preconceito imensurável. Na sociedade atual, mais de 20 anos depois dessa fase, as dificuldades em aceitar tais comportamentos ainda incomodam, no entanto:

Se a pressão social nos leva a experimentar as nossas primeiras recompensas sexuais através de contatos homossexuais ou de masturbação, é possível que certos elementos, ligados a essas experiências passem a ter um significado sexual poderoso e duradouro. (MORRIS, 2001, p. 71).

Ou seja, se as primeiras experiências sexuais de um adolescente muitas vezes são feitas com amigos do mesmo sexo, em fase experimental, do ponto de vista procriativo é despropositual, mas do ponto de vista afetivo pode ser altamente compensador, mesmo que a cultura não aceite. Para Sales, as experiências homossexuais são naturais na adolescência porque:

É a idade da experimentação sexual. Essa experimentação geralmente se faz com um único indivíduo de seu grupo, com o qual já estabeleceu um relacionamento significativo há algum tempo. Essas experiências iniciais podem ser hetero ou homossexuais. Com o passar dos tempos e aos poucos, vai se firmando a escolha do seu verdadeiro interesse: masculino, feminino ou anfígênico. (SALES, 2000, p. 30 apud VITIELLO et al., 2000).

Hoje, embora haja uma maior aceitação da homossexualidade, ela ainda causa dor e medo a pais e educadores, e preconceito pela sociedade de um modo geral. Há uma tendência e uma necessidade de se detectar as causas desse “mal”. Mas parece difícil detectar as causas... se é que elas existem, pois os “estudos sobre a homossexualidade baseiam-se em conceitos aplicados para a compreensão da heterossexualidade.” (TIBA, 2000, p. 59). Quer dizer, se busca nos heterossexuais os comparativos para determinar os comportamentos homossexuais e assim, não se chega a nenhum lugar.

Ainda sobre as causas do homossexualismo Tiba (2000, p. 59) diz que:

[...] embora seja fácil identificar a homossexualidade, determinar a sua origem não o é de modo algum, na medida em que ela pode ser consequência de inúmeros fatores que interagem simultaneamente [...] que vão desde o puramente psicológico, individual, até o da influência do meio ambiente, da família e, por que não, também da interferência de hormônio ainda desconhecido.

Estudos sobre as causas existem, mas são controversos, pois que cada área da ciência busca e explica, mas se contradizem entre si.

O neurobiólogo Roges Goski (Universidade da Califórnia, EUA) fez experiências em laboratórios com ratos e seres humanos, ambos fêmeas, que receberam testosterona (o hormônio masculino) ainda em fase intra-uterina e observou que, desde a primeira fase da vida, elas tinham comportamentos masculinos, como gostos, brincadeiras mais agressivas além de sentirem-se mais atraídas por fêmeas. (LIMA, 2001, p. 10).

Para a neurobiologia, a explicação do comportamento homossexual estaria justamente na composição hormonal. Maior quantidade de hormônio do sexo oposto determinaria a

homossexualidade. Mas algumas questões restam duvidosas. Então deveria crescer barba e “pomo de Adão” nas lésbicas, porque sabemos, desde nosso tempo escolar que os hormônios masculinos e femininos determinam as características de cada sexo (seios, ovários, etc. nas mulheres; testículos, pomos de Adão, etc. nos homens).

Buscando mais encontro ainda no mesmo autor os estudos genéticos, que também provam as causas desse “mal”.

Já o geneticista Dean Hamer (Instituto Nacional de Saúde dos EUA) sustenta a tese de que homossexualismo tem determinação genética. O geneticista diz ter descoberto genes numa determinada região, que ele chamou de GAY-1, associados ao homossexualismo. Tal hipótese não teve muita credibilidade no meio científico americano, mas seus defensores dizem haver uma lógica: "se os genes transmitem as características hereditárias e contêm 'instruções' para a fabricação das substâncias que fazem os organismos funcionarem, também poderia lançar a probabilidade de homossexuais (assumidos ou não) terem filhos também homossexuais. É uma tese que coloca o homossexualismo não como uma opção ou estilo de vida, mas como resultado de uma variação genética. (LIMA, 2001, p. 10).

Assim a explicação é também plausível. Mas há outros ramos da ciência que se ocupam do assunto. A psicologia, por exemplo:

Não se nega que a base genética de nossas características humanas ou as tendências que temos de desenvolver algumas doenças, por exemplo, tem base genética, mas daí incluir o homossexualismo como quase-doença geneticamente determinada é, no mínimo, simplismo científico. Daryl Bem, psicólogo da Universidade de Cornell (EUA), pesquisa a formação intra-familiar do homossexual. Quais brincadeiras uma pessoa preferia quando criança, seus gostos por roupas, jóias, tipo de relação com a mãe, com o pai, etc. e concluiu que os incidentes do desenvolvimento, o tipo de investimento familiar e as tendências da própria pessoa, todos esses fatores pesam muito mais na determinação do homossexualismo do que os fatores genéticos. (LIMA, 2001, p. 10).

Só na América existem três equipes de cientistas

[...] que procuram o ‘gene da homossexualidade’, o gene humano que leva os homens a serem homossexuais. Todos acreditam que o gene ou genes para a sensibilidade às hormonas andróginas, como a testosterona, se encontra(m) no cromossoma X e pode(m) ser diferente(s) nos homossexuais masculinos e nos homens heterossexuais. (RIDLEY, 2004, p. 295).

Quer dizer, há um maior diálogo, há mais explicações, há mais liberdade para a vivência homossexual, há mais pesquisas. Hoje é possível ler nos jornais, nos livros e assistir novelas e filmes que trazem o assunto no próprio desenrolar da trama. A rede Globo apresentou recentemente a novela “Senhora do destino” onde as lésbicas Jenifer (Barbara Borges) e Eleonora (Mylla Christie), assinaram um contrato de comunhão de bens registrado em cartório. É a chamada união civil usada no lugar da palavra casamento. A exemplo desta, outras novelas, filmes e livros estão mostrando casais homossexuais com maior naturalidade.

Muitos famosos, cantores e artistas, casam-se com pessoas do mesmo sexo em cerimônias pomposas, com ampla divulgação; algo oculto até há pouco tempo atrás, vivido na clandestinidade.

Embora o homossexualismo não seja novidade, nem fruto de uma cultura moderna, ele só deixou de ser tratado como doença, muito recentemente, quando foi excluído da lista de doenças tratáveis da organização mundial da saúde em 1997. Mesmo assim, segundo a mídia, o governo dos Estados Unidos bem recentemente – neste início de século XXI – gastou uma considerável quantia em dinheiro na tentativa de “curar” os homossexuais.

Em outros países, como a Índia, uma legislação ultrapassada não vê os homossexuais como seres normais:

A Índia do século XXI não se livrou ainda de uma herança deixada pelos britânicos em 1861: o artigo 377 do Código Penal, que criminaliza o amor romântico e o ato sexual entre adultos do mesmo sexo, por ser “contra a ordem da natureza”. Uma anomalia da era vitoriana, que iguala a relação sexual entre gays ao sexo com animais e à pedofilia. Um crime que teoricamente poderia ser punido com até dez anos de cadeia. (COSTA, 2006, p. 6).

Para ilustrar:

A legislação relativa a vários aspectos da sexualidade ou a temas afins, como adultério, copula, contracepção, aborto, atividades homossexuais e pornografia foi se tornando mais liberal em todo o Ocidente e em outras partes industrializadas no mundo. Entretanto, em vários países muçulmanos – notadamente no Paquistão e Irã – houve por volta do final dos anos 70, um retorno às leis Islâmicas tradicionais, incluindo a pena de morte para casos de adultério, prostituição, e atos homossexuais – como também a volta do uso de véus pelas mulheres. (GREGERSEN, 1983, p. 164-165).

Diante de tantos progressos e retrocessos, de tantas leis e preceitos, até mesmo a religião, sendo o espaço mais conservador da cultura, sofreu e sofre alterações significativas ou proporciona essas alterações.

O jornal Correio Brasiliense, de 5 de abril de 2006, traz a notícia: “Primeira igreja homossexual de Brasília, na Asa Norte, promove cultos aos domingos e reúne pessoas que seguiam outras religiões” (MONTENEGRO, 2006, p. 12). A notícia que questiona a fé das pessoas e se auto-intitula Igreja da Inclusão, tem como proposta curar a “exclusão espiritual”, cujas principais vítimas são justamente gays e lésbicas.

O convite a “sair do armário” que se ouve deliberadamente na mídia e nos encontros de Gays, Lésbicas, Transexuais e Simpatizantes (GLTS) é um apelo às pessoas para que vivam as suas orientações sexuais de forma livre. É um chamado à libertação de mitos, tabus e preconceitos. A grande repressão ao homossexualismo sempre trouxe dificuldade para os homossexuais serem aceitos no meio social e cultural em que vivemos até então. Até mesmo a fé dessas pessoas era impedida de ser exercida em função da sua sexualidade.

O construtivismo moral evangélico nega explicitamente a possibilidade de existência da homossexualidade enquanto natureza. Já o discurso católico deixa margem para se pensar a existência de uma predisposição inata à homossexualidade. Enquanto no discurso evangélico hegemônico predomina a percepção da homossexualidade como atos induzidos por fontes externas (espirituais ou “sociais”), o pensamento católico não nega a existência de tendências “naturais” à homossexualidade, que podem ser tomadas, inclusive, como objeto para a afirmação da vontade: tendências homossexuais inatas não impedem o indivíduo de exercer o dom de si, e portanto, o verdadeiro amor através da prática da castidade. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2004, p. 5, grifo nosso).

A necessidade de se criar uma religião específica para os homossexuais vem do preconceito que a grande maioria das religiões tem em relação a essas pessoas. Para esses autores as visões religiosa sobre a homossexualidade são:

Católicos: a Igreja Católica não tem uma orientação formal sobre como tratar a homossexualidade de seus fiéis. Depende do padre da paróquia freqüentada pelo fiel aceitar ou não a orientação sexual do indivíduo. No entanto, casamentos homossexuais não são aceitos.

Evangélicos: não há uma orientação comum a todas as igrejas. Entretanto, costuma prevalecer a visão de que o homossexual está possuído pelo demônio e que precisa ser curado. Recomenda-se a renúncia a este tipo de desejo, considerado “impuro”.

Afro-brasileiras: são as mais inclusivas quando o assunto é a homossexualidade. Pais de santos gays são inclusive valorizados pela capacidade de entender tanto o gênero masculino quanto o feminino. Mas, ainda assim, há terreiros que vedam certas funções a homossexuais.

Diante do que aqui foi exposto, posso inferir que o homossexualismo tem a ver com afeto e amor e não com procriação ou preservação da espécie.

Nas escolas e famílias, que concepções temos sobre o tema? Como está a discussão sobre o assunto? Há uma tentativa de diálogo?

2.2.1.2 Pedofilia

O minidicionário Aurélio, distribuído pelo Ministério da Educação para as escolas brasileiras e altamente utilizado pelos alunos, nenhuma referência faz sobre palavras como pedofilia, pedófilo ou qualquer outra derivada destas. O Minidicionário Soares Amora (AMORA, 2000, p. 528), que também é utilizado por alguns professores e alunos, traz um conceito de Pedófilo bastante sutil. “Que, ou aquele que sente atração sexual por crianças.”

Etimologicamente a palavra pedófilo é um composto recente do substantivo *pais* (criança) e do verbo *phileo* (amar). O pai que ama o filho, ou o amor de um adulto por uma criança.

Um estudo feito por Tatiana Savoia Landini, que foi publicado nos Cadernos de Saúde, objetivou verificar qual o conceito da palavra Pedofilia no jornal a Folha de São Paulo, por ser uma forma de mídia de maior circulação no Brasil. O resultado desse estudo foi a constatação de que há uma confusão ou distorção quanto ao seu conceito.

São vários os casos nos quais a pedofilia é utilizada como sinônimo de abuso sexual. Exemplo é a matéria do dia 27 de janeiro de 1999 (Folha de S. Paulo, 1999a), intitulada Arcebispo Britânico é Acusado de Pedofilia. No texto, ao contrário do título, é utilizado "abusar sexualmente", como é possível ver na seguinte frase, retirada da matéria: "arcebispo foi detido acusado de ter abusado sexualmente de menina de 6 anos". Outro exemplo é de uma matéria que discorre sobre o caso de prisão de um diretor e de um ex-diretor de um colégio na Bélgica, acusados de não prestar socorro a estudantes do colégio, supostamente vítimas de abuso sexual. O principal suspeito estaria detido sob alegação de corrupção de menores e atentado violento ao pudor. A matéria ressalta que essa é a primeira vez que uma acusação desse tipo é feita em um caso de pedofilia (Acusado Diretor de Escola Belga, 4 de setembro de 1997 - Folha de S. Paulo, 1997). Da mesma forma, a matéria sobre o caso de Michael Jackson - que pagou 40 milhões de dólares para que a família de um garoto de 14 anos retirasse a queixa de abuso sexual - utiliza o abuso sexual e a pedofilia como sinônimos (LANDINI, 2003, p. 8).

Há de se deixar claro que, embora semelhantes, esses termos carregam consigo conotações diferentes mas essas conotações não são claras. Landini (2003) afirma que: "Além de ser entendida como uma forma de abuso, a pedofilia é retratada como sinônimo de pornografia infantil, possivelmente relacionada a outras práticas." Quer dizer, há pouca bibliografia, e a que existe não clarifica nossos conceitos formatados pela cultura que vivemos.

Poderíamos considerar normal não ter grandes referências ou grandes explicações se se tratasse de algo inofensivo. Mas considerando-se que a pedofilia pode ser um distúrbio bastante significativo para o pedófilo e um trauma indizível e indescritível para a vítima, preocupa a falta de pesquisa e de esclarecimentos.

Desinteressados assim, também estão os livros didáticos, os textos trazidos para as salas de aula, os diálogos entre educadores e educandos...

No filme *O Lenhador* (2004)¹, dirigido por Nicole Kassel, o pedófilo foi apresentado sob os mais diversos olhares: os olhos da sociedade, da psicologia, da lei, da família e dos colegas de trabalho sobre ele, mas principalmente o olhar dele sobre ele mesmo, sobre os demais pedófilos e sobre a sociedade que o avalia. O que não fica muito clara, no filme, aliás

¹ O filme trata de pedofilia, mas o nome do filme, dá-se em função da história de Chapeuzinho Vermelho em que o lenhador bate com o machado na barriga do lobo e retira de lá a criança intacta. No filme o pedófilo também salvaria crianças de outros pedófilos.

não fica nada clara, é a razão, o motivo, as raízes desse comportamento. Talvez aqui se confirme uma vez mais o que já constatamos: sabemos muito pouco ou absolutamente nada das raízes do comportamento sexual moderno. Mas sabemos que a pedofilia existe.

A pesquisa sobre a homossexualidade está crescendo porque se considera que é “um desvio” da sexualidade “normal”. Também a pedofilia foge aos padrões sexuais, mas é uma manifestação quase que corriqueira. Estou colocando no mesmo patamar homossexualidade e pedofilia? Talvez. Mas a sociedade viveu com a concepção de que o sexo “normal” é aquele que procria e que deve ser feito entre um homem e uma mulher adultos depois do casamento, então homossexualismo e pedofilia são igualmente dois desvios de conduta que merecem a mesma atenção por parte das ciências que se ocupam do comportamento humano, seja ela biológica ou cultural.

A pedofilia tem um conceito um pouco mais abrangente do que no dicionário, segundo Parisotto (2006a) “[...] é um transtorno parafilico, onde a pessoa apresenta fantasia e excitação sexual intensa com crianças pré-púberes, efetivando na prática tais urgências, com sentimentos de angústia e sofrimento.” Parece deixar claro que se trata de uma vítima atacada por um predador. Fica difícil determinar se a pedofilia é um mal da modernidade que surgiu por conta do estímulo sexual que as pessoas vem “sofrendo” ou se é algo posto há muito tempo e somente agora se tem notícias. Talvez possamos partir para o mundo do faz-de-conta ou elaborar algumas conjecturas: a estimulação sexual sendo forte na modernidade, pode ter despertado desejos sexuais em adultos que, por reprimendas de infância, pudores que lhes foram inculcados ou culpas em relação ao sexo, achem mais fácil manipular crianças para satisfazer seus desejos. Isso são apenas conjecturas.

Mas se é difícil datar ou encontrar as raízes da pedofilia, se é difícil abordar esse tema em sala de aula ou nas conversas com os pais, o que não é difícil é pensarmos que o silêncio dos educadores se associa ao problema.

Assim, embora recente, a discussão começa a acontecer:

É importante mencionar que, no Brasil, a violência/abuso sexual⁹ contra crianças e adolescentes só recentemente (década de 90 do século XX) começa a ser incluída como preocupação efetiva na agenda da sociedade civil e como política pública, através da Constituição Federal Brasileira (1988) e do Estatuto da Criança e do adolescente – Lei 8069/90. (FELIPE, 2006).

É comum a notícia de que o maior número de casos de pedofilia ocorre dentro da própria casa da criança. O Relatório Azul da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, confirma esses dados:

[...] o atual quadro da exploração sexual no Brasil e da violação dos direitos humanos de nossas crianças e adolescentes: a primeira causa que leva a criança à morte, no Brasil, até 10 anos de idade, é a violência; a residência do infante é o lugar mais perigoso às crianças de 0 a 4 anos; dos abusos sexuais envolvendo crianças menores de 10 anos de idade, 75% ocorrem na sua própria residência. (VELASQUEZ, 2005, p. 28)

Também são bastante freqüentes casos de pedofilia cometidos por padres. Esse fato pode nos levar a uma reflexão mais profunda já que são justamente os padres os que mais são “orientados” com a consciência do quão pecaminoso é o sexo e já que são eles os destinados a expiar os pecados do seu rebanho. As notícias são fartas sobre o assunto:

“Pelo menos 176 padres da Igreja Católica dos Estados Unidos foram retirados de seus cargos, desde que veio à tona o escândalo sexual envolvendo padres pedófilos em igrejas americanas, há quatro meses.” (IGREJA..., 2002).

A todo instante surgem novas denúncias contra religiosos assediam e abusam das crianças confiadas aos seus cuidados por pais que vêem na imagem do sacerdote o representante de Cristo na Terra.

Infelizmente, na grande maioria das vezes, um problema só é detectado quando está totalmente instaurado e já fez milhares de vítimas. É o caso da pedofilia. Como a pedofilia é prazerosa para o pedófilo, mas é dolorosa, traumatizante e impraticável pela criança, essas atitudes sempre são realizadas com muito sigilo, com muitas ameaças e quando a situação vem à tona, já não há muito o que fazer. Hoje, em meados do século XXI, depois de anos e anos de relações pedófilas, algumas instituições pensam em reprimir esse tipo de crime:

O Rio Grande do Sul contará, até o segundo semestre deste ano, com um serviço de rastreamento de sites gaúchos com conteúdo pornográfico envolvendo crianças e adolescentes. O sistema, que será implantado no Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude do Ministério Público Estadual, irá reforçar o combate à pedofilia na Internet já desenvolvido pela instituição com a ajuda da Polícia Federal, responsável em identificar o proprietário do site no Brasil ou exterior. (SFREDDO, 2006).

Na infância, sempre estive protegida desses segredos do sexo e isso não foi *privilégio* somente meu. Sendo assim, os pudores e as raízes culturais e religiosas não nos permitem ações mais enérgicas e eficazes. Nos escondemos atrás do medo e da vergonha e exceto algumas ações sutis, parcas e isoladas, não fazemos esforço algum para mudar esse quadro.

A educação de pais e professores pode fazer algo? Se pode, por que não faz?

2.2.1.3 Estupros

Vitiello e Martinez (2000) no relatório da Comissão Nacional de Estudos sobre a adolescência, ao se referir sobre estupros, incestos e pedofílias utilizam o termo “Vitimação Sexual de Crianças e Adolescentes” e assim eles a definem:

Entendemos por vitimação sexual como sendo a participação de uma pessoa em práticas eróticas mediante coerção física ou psicológica. A se tratar de vitimação sexual de crianças e adolescentes está se pressupondo que o agente da coerção é um adulto ou um adolescente mais velho [...] É obvio que nestas situações a criança ou adolescente é sempre vítima, mesmo quando induzida a aceitar essas práticas de boa vontade ou até cooperar com elas, visto que na relação assimétrica que se estabelece é a parte mais frágil, física e emocionalmente. (VITIELLO et al., 2000, p. 95).

Assim, o estupro, embora não ocorra somente com crianças, têm nelas as vítimas mais frágeis e mais fáceis de serem alcançadas. Omitir-se ou calar-se sobre isso nas relações educativas pode não ser uma prática adequada. As vítimas calam por medo das represálias... os educadores calam por todo um histórico de repressão e tabu em torno de sua sexualidade o que gera o silêncio geral e a falta de discussão e orientação sobre o assunto.

O estupro, segundo uma conversa informal que tive com um pai, ocorre muitas vezes pela estimulação visual: “essas meninas usam essas roupas que parecem que estão quase peladas... os homens não são de ferro”. Esse pai que tem apenas filhos homens, pode estar sentindo na pele os desejos que seus olhos denunciam e tenta compreender o que os estupradores sentem e justificar uma ação quase que exclusivamente masculina. Além disso, também pode estar justificando algo que sabe que seus filhos dificilmente serão vítimas. É uma forma de machismo sublimado. O corpo, que até uma geração atrás era quase que totalmente coberto hoje se deixa revelar e desperta sensações e desejos com um simples olhar. César Nunes, professor da Unicamp em suas aulas diz que “os homens se excitam olhando... as mulheres sendo olhadas”. A repressão sexual vivida durante anos pelo estuprador, pode estar se manifestando de forma violenta, conseguindo à força o que não conseguiria ou pensa que não conseguiria, pelo amor.

Freud (2004, grifo nosso) define essas manifestações anti-sociais ou anti-culturais utilizando-se de três termos distintos: “frustração, proibição e privação”. Para o autor, os instintos naturais humanos poderiam “permitir” muitas atitudes, no entanto as regras impostas pela civilização se apresentam como empecilhos gerando a “frustração” que é o fato de um instinto não poder ser satisfeito, a “proibição” que é o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida e a “privação” que é a condição produzida pela proibição. Assim:

Para nossa surpresa, descobrimos que essas privações ainda são operantes e ainda constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. Os desejos instintuais que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança; há uma classe de pessoas, os neuróticos, que reagem a essas frustrações através de um comportamento associal. Entre esses desejos instintuais encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar. Soa estranho colocar lado a lado desejos que todos parecem unânimes em repudiar e desejos sobre os quais existe tão vívida disputa em nossa civilização quanto a sua permissão ou frustração; psicologicamente, porém, é justificável proceder assim. (FREUD, 2004).

Embora Freud explique que “é justificável proceder assim” a grande maioria da população não vê isso como aceitável. Atos de violência sexual são abolidos pela civilização.

O Estupro é definido como “o ato físico de atacar outra pessoa e forçá-la a praticar sexo sem seu consentimento. Pode ser um ataque homossexual ou heterossexual, estando a pessoa consciente ou não (sob efeito de drogas ou em coma).” (PARISOTTO, 2006a).

O que pude perceber das notícias mais recorrente sobre casos de estupros é que, geralmente, o estuprador é do sexo masculino e “tem sentimentos odiosos em relação às mulheres, sentimentos de inadequação e insegurança em relação a sua performance sexual. Pode apresentar desvios sexuais como o sadismo ou anormalidades genéticas com tendências à agressividade.” (PARISOTTO, 2006a).

Os minidicionários Amora Soares e Aurélio (escolhidos em função de serem os mais utilizados na escola em estudo, tanto por professores como por alunos), trazem uma definição de estupro e de estuprar mais ou menos semelhantes. Estuprar: “Cometer estupro contra; violentar”. Estupro: “Abuso sexual pela violência”; violação.

Embora sutil, o fato de estar mencionado no dicionário já aponta para uma melhora em relação à pedofilia que nem sequer consta. Constar no dicionário não muda nada da prática violenta que ocorre na sociedade, mas sempre “corremos o risco” de a palavra ser lida na escola ou em casa e despertar ou propiciar a discussão sobre. E é a partir de algumas discussões iniciais que podem surgir algumas tomadas de decisão, alguma orientação, algum progresso.

Em relação à vítima do estupro, normalmente, é estigmatizada, havendo uma tendência secular e social de acusá-la direta ou indiretamente por ter provocado o estupro, como, por exemplo, ter usado roupas provocantes, andar de forma sedutora, lançar olhares sensuais. Ao que consta, esse conceito pouco mudou ao longo da história. Enquanto temos evidentes progressos tecnológicos vejo alguns comportamentos permanecerem exatamente iguais mesmo com o passar dos séculos: “No tempo de Constantino (séc IV) o estupro era uma ofensa séria: mesmo as vítimas eram passíveis de punição por não impedir o estupro gritando por socorro. Assim uma virgem que fosse estuprada, bem poderia ser queimada até a morte.” (GREGERSEN, 1983, p. 20).

No entanto sabemos que, na grande maioria das vezes,

[...] a vítima se sente impotente até mesmo em delatar o estuprador, que muitas vezes é alguém já conhecido, sentindo-se muito culpada e temerosa de represálias. Muitas vezes, pode sentir que o estupro não foi um estupro, que foi uma atitude permitida por ela e de sua responsabilidade. Tal atitude dificulta o relato do crime. Os sentimentos de baixo auto-estima, culpa, vergonha, temor (fobias), tristeza e desmotivação são comuns. (PARISOTTO, 2006a).

O estupro sempre existiu? Talvez sim. O tratamento é difícil, tanto para a vítima quanto para o estuprador, no entanto o problema existe, é atual e requer ações. O que estamos fazendo nós, educadores para minimizá-lo? Que concepções têm os educadores sobre o assunto? A vítima é vítima ou é culpada?

2.2.1.4 Incesto

De toda problemática atual da sexualidade, a que mais causa estranheza, talvez seja o incesto. Há tribos indígenas que adotam a iniciação sexual dos adolescentes com a mãe. “Os Kubeo da América do Sul exigem que um menino tenha relações sexuais com sua mãe, para marcar o começo de sua vida sexual oficial.” (GREGERSEN, 1983, p. 131). Para essas tribos, seria injusto que os filhos adolescentes fossem entregues a estranhos para compartilhar o momento mais prazeroso e/ou mais importante das suas vidas. Esse aprendizado deve partir dos pais. Para a nossa cultura, a cultura ocidental, isso é crime.

É possível que a organização dos grupos sociais da raça humana tenha surgido justamente de uma consciência ou de uma aversão ao incesto. “Os pensadores pioneiros como Sigmund Freud, Lewis Henry Morgan e Claude Lévi-Strauss [...] sugerem que a organização social humana como hoje a conhecemos começou com a instituição consciente dos tabus do incesto” (GREGERSEN, 1983, p. 131).

Não podemos aqui fazer um julgamento de valor sobre o que é certo ou errado. Nos resta relatar o que acontece. Incesto é crime na nossa cultura e por ser assim, ele é realizado, muitas vezes de forma forçada ou, às vezes, com consentimento conseguido através de manobras astutas dos incestuosos.

Afinal, o que é incesto? Recorro aos minidicionários novamente. O minidicionário Aurélio traz a seguinte definição para incesto: “União sexual ilícita entre parentes

consangüíneos, afins ou adotivos” e o minidicionário Soares Amora diz: “União ou cópula ilícita entre parentes consangüíneo”. Há uma concordância entre os dois de que é um ato ilícito e se é ilícito posso concluir, tanto no estupro, como na pedofilia que estão envolvidos numa situação assimétrica um dominador e um dominado. Então também podemos concluir que há algo a ser feito.

Para Freud, o pecado ou o tabu do incesto é um dos preços que temos de pagar por ser civilizados, pois ser civilizado implica na “supressão da satisfação dos impulsos incestuosos” (FREUD, 2004).

No entanto, como citamos acima, há culturas que não vêem o incesto com tanta restrição e Gregersen complementa “Mas Freud estava parcialmente errado: isto não se restringe ao homem civilizado. Mesmo o promíscuo chimpanzé receberia uma boa palmada de sua mãe se tentasse copular com ela. (GREGERSEN, 1983, p. 131).

Vitiello e Martinez (2000) é bastante profícuo ao relatar o assunto e sua verificação de que “a freqüência com que tais atos são praticados é de difícil estabelecimento, pois sobre eles se estende um manto de silêncio”, ou seja, os números podem não expressar a realidade.

Os números não são nada animadores. “É sabido, por exemplo, que nos Estados Unidos são registrados cerca de 5.000 casos por ano de queixas policiais de incesto pai-filha e que o incesto entre irmão ocorre em aproximadamente 4% das famílias.” (VITIELLO; MARTINEZ, 2000, p. 97). No entanto, se esses são os números oficiais e se considerarmos o quão sigilosamente esses atos são praticados, podemos supor que esses números são muito maiores do que os divulgados.

A escola, como espaço de discussão e como prática social, e as famílias estão discutindo o assunto? A escola não “pode” se envolver. As famílias não têm como orientar... e daí?

2.2.1.5 Aids

Da grande maioria das doenças sexualmente transmissíveis a mais moderna é, sem sombra de dúvidas, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Esse terrível mal assolou e alterou de forma extremamente profunda a vida de todos; do mundo todo.

A economia mundial se beneficiou, milhões de pessoas morreram e continuam morrendo, os governos fazem suas campanhas políticas utilizando a Aids como instrumento de retórica e a igreja, mantendo sua postura conservadora ao extremo, atravanca as ações, que embora sejam eleitoreiras e economicamente pensadas, precisam ser realizadas.

A AIDS, que teve sua descoberta em meados dos anos 80, é causada por um vírus, o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). O HIV destrói os linfócitos – células responsáveis pela defesa do nosso organismo: “É uma virose que provoca a perda da imunidade celular, responsável pela defesa do organismo contra vírus, fungos, protozoários e determinados tipos de bactérias, em indivíduos até então, sadios” (TIBA, 2000, p. 83). No início da descoberta havia o grupo de risco, hoje todos estamos em risco, embora, em função de medicamentos e práticas inovadoras, a expectativa de vida dos portadores do vírus aumentou, e muito.

O GAPA (Grupo de Apoio e Prevenção à Aids) mantém um site na Internet onde é possível acessar a muitas informações. Lá é possível visualizar um breve histórico da Aids e de como essa doença rapidamente se alastrou pelo mundo e o quanto rapidamente a ciência caminha para sua erradicação (Anexo A). O histórico leva a conhecer um pouco sobre a evolução da doença, mas de onde ela surgiu, embora se tenha alguns indícios, ele não faz referência. Garcia (2006) traz uma notícia que pesquisadores descobrem nas fezes dos chimpanzés sinais do vírus. Isso só vem reforçar o que já corria na mídia sobre a origem, mas a forma com que esse vírus passou a infectar os humanos ainda é uma incógnita. No entanto, os mesmo cientistas dizem que “Em muitos países da África é comum o consumo de carne de chimpanzés, gorilas e outros grandes macacos. A maioria dos cientistas acredita que essa é a forma mais comum e arriscada de contato com o vírus que pode eventualmente trafegar entre as duas espécies” (GARCIA, 2006).

Isso posto, posso trazer alguns números da Aids que deixam a todos bastante preocupados: “No Brasil, ela é a segunda causa de mortes entre mulheres. No mundo, uma pessoa se infecta a cada 14 segundos. São 14 mil novas infecções e 10.000 mortos por dia” (CNBB, 2004, p. 19).

Os dados da Unids (Programa Unido Junção das Nações em HIV/AIDS) e do Ministério da Saúde, indicam os seguintes números:

[...] um relatório da Unids (Órgão das Nações Unidas para o combate à Aids) revelou que o HIV está fora do controle, pois já infectou mais de 60 milhões de pessoas desde o início da epidemia, sendo que só em 2001 três milhões morreram por causa da Aids. A previsão é que nos 45 países mais afetados, entre os anos de 2000 e 2020, 68 milhões de pessoas morrerão prematuramente, sendo 55 milhões na África.

A Aids cada vez mais atinge pessoas jovens e produtivas; está relacionada com a miséria e a pobreza e afeta a economia de muitos países. O número de órfãos por causa da epidemia – 14 milhões – é o mesmo número de crianças norte-americanas com menos de cinco anos. Enquanto cerca de 17 mil pessoas participavam da Conferência de Barcelona, a Aids continuava matando 7.000 pessoas por dia. Durante os sete dias do evento, quase 50 mil pessoas morreram da doença. Outras 14 mil eram infectadas a cada dia. Apenas cerca de 230 mil pessoas nos países pobres tinham acesso aos antiretrovirais no final de 2001. Quase metade delas está no Brasil, graças ao programa de distribuição gratuita de drogas produzidas localmente. As previsões sobre o avanço da Aids são cada vez mais dramáticas. Se nada for feito é provável que a cifra de infectados e mortos tenha duplicado em dois anos, quando será realizada a próxima Conferência, em Bangkok, na Tailândia. (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AIDS, 2002).

De tudo isso, os laboratórios e os fabricantes de camisinha foram os grandes beneficiados. As notícias são abundantes neste sentido.

No ano passado, dos R\$ 600 milhões que o país gastou com a compra dos remédios — que foram distribuídos gratuitamente a 100 mil pessoas — 36% destinaram-se à importação de dois dos 12 medicamentos usados no coquetel anti-Aids. (NUNES, 2001, grifo nosso).

Esses números se referem apenas à compra de medicamentos, estão excluídos daí todos os recursos gastos com camisinhas e campanhas de prevenção, além dos gastos com hospitais e postos de saúde para atender aos aidéticos. Se o país gastou todo esse valor em 2000, imaginemos hoje, em 2007, quando sabemos que no Brasil, por ano: 10 mil pessoas morrem de Aids e 22 mil pessoas são infectadas.

Assim o Comércio Mundial tem razões de sobra para comemorar as altas cifras que circulam em funções da Aids, ou seja essa doença é extremamente interessante para a economia mundial. Não será por isso que a demora em descobrir a cura pareça estar tão longe?

A igreja, na contramão da ciência, proíbe o uso de preservativos e de qualquer forma que impeça a geração da vida. Talvez seja por que a igreja não precise sustentar os filhos de seus fiéis, ou porque não mantém os medicamentos necessários aos aidéticos. Mas ela é contra e ponto final.

No ano de 2003 uma Carta Aberta do Ministério da Saúde (Anexo B) demonstrava sua indignação e quebrava um silêncio respeitoso que vinha mantendo em relação à Igreja e à sua conduta de manifestar-se contra programas de prevenção à Aids através do uso da camisinha:

O ministro da Saúde do Vaticano, cardeal mexicano Javier Lozano Barragán, numa entrevista publicada pelo jornal italiano La Repubblica em 20 de janeiro de 2005 diz:

ROMA, 20 jan 2005 (AFP) - A Igreja católica proíbe o uso da camisinha na luta contra a Aids porque 'o objetivo é impedir o pecado da carne, a utilização do preservativo para evitar a propagação da Aids não é aceitável porque o objetivo é a luta contra o pecado da carne', afirmou Barragán em resposta à polémica provocada pelo episcopado espanhol ao tomar posição favorável ao uso da camisinha no combate desta doença. 'O sexto mandamento o diz claramente: não cometerás adultério. Não é uma posição negativa. Agimos assim para defender a vida', acrescentou. Apesar disso, o religioso reconheceu o direito de uma esposa de um portador do HIV pedir ao marido que utilize um preservativo. 'É seu direito. Tem o direito de pedir ao marido que use um preservativo', admitiu. (AFP, 2005).

Se a tragédia da AIDS não fosse tão alarmante, essa notícia seria uma comédia pela contradição. A luta desarmada e sem força física entre a igreja e a sociedade civil na questão da AIDS parece não ter avançado... continua como começou...

Como se não bastasse isso tudo, ainda há o preconceito. Conhecendo pouco ou nada sobre a doença e as formas de contágio, a grande maioria das pessoas age de acordo com suas convicções afetando muitas vezes, de forma negativa, os relacionamentos com portadores do vírus.

A AIDS é algo atual que surgiu e imprimiu novas formas de agir e de pensar a vivência do sexo e da sexualidade. E a escola? E a família? Que caminho toma ao educar? Que orientação apresenta aos educandos? A AIDS está aí. Como usar camisinha sem pecar? Ou como pecar usando camisinha? Quais os riscos, quais discursos devem ser adotados?

2.2.1.6 Doenças do sexo

Sexualmente evoluímos tanto quanto culturalmente ou culturalmente evoluímos tanto quanto sexualmente. Na verdade não há como separar, pois somos frutos de uma evolução tanto biológica quanto cultural e dizer que uma causou ou proporcionou a outra seria irracional diante da teoria que defendemos na presente dissertação.

Assim, posso afirmar que, se a evolução cultural trouxe consigo problemas, atritos, desestruturas, unificação dos povos e individualização das pessoas, assim também a evolução sexual trouxe problemas, atritos, uniões e desuniões, amores efêmeros, conflitos de uns para com os outros ou consigo mesmo.

Somos uma geração sexualmente doente: Impotência, frigidez, anorgasmia, ejaculação precoce, compulsão sexual, transtorno da sexualidade, e muitos outros, são termos quase que

corriqueiros na mídia da modernidade. Jornais, revistas, telenovelas, trazem esses e outros problemas da sexualidade apontando números que causam estranheza e preocupação. Se relacionarmos a vivência do sexo como uma das atividades que mais causa prazer aos seres humanos e se há uma grande fatia dessa população que não alcança ou não tem acesso a esse prazer, então somos uma geração doente sim.

As notícias na mídia moderna (internet, jornais, televisão) são fartas nesse sentido.

Estudos recentes sugerem que a Ejaculação Precoce seja o problema sexual mais comum entre os homens, afetando algo em torno de 10-30% em algum momento de suas vidas. Talvez esses números só não sejam maiores porque a maioria dos homens tem vergonha em procurar ajuda ou reconhecer o problema. Milhões de homens no mundo passam por esse problema da impotência sexual e as estatísticas mostram uma incidência de até 5% nos homens de 40 anos e até 25% nos de 65 anos. (GOMES, 2004).

Ou esta sobre a anorgasmia feminina:

A anorgasmia feminina é a falta de prazer orgásmico (gozo) após um período de excitação normal (com aumento de lubrificação e volume da vulva). Pode ser primária, quando a mulher jamais experimentou um orgasmo, ou secundária, quando essa deixou de obter o gozo sexual nos envolvimento amorosos, antes satisfatórios. É um quadro relativamente comum, atingindo uma frequência de aproximadamente 30% dos brasileiros. (PARISOTTO, 2006b).

No Jornal Zero Hora de 11 de março de 2006, duas páginas inteiras do caderno “Vida”, se ocupam para falar dos problemas que rondam a vida sexual dos casais modernos. A manchete da capa diz “Sexo em questão. Parece estar tudo bem com o brasileiro na cama, mas entre quatro paredes os problemas surgem”. Essa manchete com ‘problemas’ no plural é indício de que muitas coisas estão acontecendo. Na página onde começa a discussão do assunto o título e o subtítulo dão fortes indícios do que vem adiante: “Casais reclamam da rotina imposta pelo casamento à vida sexual – Saúde na cama”. Se formos analisar somente o título da reportagem teríamos assunto para várias páginas, como não é este o objetivo do presente trabalho, faço um breve comentário e alguns questionamentos: os casais estão reclamando (algo não está bem); sua vida sexual é uma rotina (por que está assim? O que contribuiu para a vida se transformar em uma rotina?) o casamento impõe limites (porque muitos se casam?). Simplificando, podemos dizer que o casamento faz mal à sexualidade.

No entanto, embora no título a advertência seja contra o casamento, no decorrer do texto e das entrevistas, a explicação é outra: “Nem homens, nem mulheres estão imunes a disfunções sexuais, quase sempre ligadas a questões psíquicas [...] o grande desafio é conhecer o próprio corpo [...] a sexualidade é muito importante para a qualidade de vida”

(SAÚDE..., 2006) e os “inimigos do sexo saudável” apontados pela reportagem são: cigarro, álcool, drogas e alguns medicamentos, deficiência hormonal, estresse, sedentarismo, doenças crônicas como o diabetes e altas taxas de gordura no sangue.

E se nos homens os maiores problemas apontados são disfunção erétil e ejaculação precoce, nas mulheres é a falta de orgasmo. Ratificando a explicação do site citado acima sobre anorgasmia, essa reportagem do jornal Zero Hora traz um aparte bastante específico:

Ao contrário dos homens, as mulheres tem um órgão específico para o prazer, o clitóris. Os estímulos em sua parte externa, onde há 8 mil terminações nervosas, é que levam ao orgasmo. Contrações nos músculos da vagina, do ânus, no útero e no canal da urina são os sinais de que o ápice foi alcançado. Chegar lá apenas com penetração é muito difícil. [...] para serem consideradas saudáveis, elas não precisam gozar todas as vezes. Se na maioria das relações tiverem orgasmos, com ou sem penetração, não devem se preocupar. Para as que raramente atingem o clímax, o principal conselho é se autoconhecer e buscar ajuda com terapias. (PARISOTTO, 2006b).

Quer dizer, o mercado do sexo também é benéfico para os terapeutas que estão se multiplicando consideravelmente. Ou seja, há uma forte relação entre o sexo, suas doenças e mercado financeiro. Por conta de todas essas disfunções, há terapias, mas há também medicamentos.

O Brasil alcançou no ano passado o posto de segundo maior mercado mundial de disfunção erétil. Atrás apenas dos Estados Unidos, o país movimentou cerca de US\$ 160 milhões, uma alta de 35% em relação ao ano passado. Em 2005, o país também se tornou o terceiro maior consumidor de Viagra, medicamento pioneiro no segmento, superando a Alemanha - os EUA são líderes, seguidos pelo Reino Unido. Apesar de novas marcas terem conquistado espaço nos últimos anos, a Pfizer, fabricante do Viagra, aposta em novidades para se manter na liderança. A estratégia inclui embalagens com apenas duas unidades, a preços mais acessíveis, e investimentos publicitários maiores, com foco nos médicos. A expectativa é de que os negócios da marca cresçam cerca de 12% em 2006. (ROSA, 2006)

O Viagra, um vasodilatador que surgiu como solução para o problema de homens com desempenho sexual baixo, ou falta de ereção, começa a ser utilizado para melhorar a performance daqueles que vivem do sexo, ou vivem para dar prazer a quem pode pagá-lo. Meninos de programa, usam viagra indiscriminadamente para melhorar seu desempenho

Mesmo sem receita, jovens recorrem ao Viagra para melhorar desempenho. O Viagra, remédio destinado a homens com impotência sexual, está sendo usado por jovens que o tomam para melhorar o desempenho. A compra é facilitada, pois não é preciso a apresentação de receita ou prescrição médica. Nonato Santos, 32, subgerente da Distrito Drogaria relata: "A maioria que passa aqui tem entre 25 e 30 anos. Sempre para experimentar. Não tenho um cliente fiel nessa faixa etária. São compradores esporádicos", diz. A popularização do Viagra vem da influência dos grandes centros, com São Paulo e Rio. Algumas pessoas estão cheirando o comprimido, como a cocaína. Rubor facial, dor de cabeça e náuseas são alguns dos efeitos colaterais. O uso do Viagra pode levar ao infarte. (MESMO..., 2006).

Quer dizer, a evolução que trouxe uma maior liberdade em relação ao sexo, também trouxe problemas, mas os problemas são para alguns. Para outros, esses problemas são fonte de renda. Entre o ônus e o bônus, a sociedade atual fica com os dois, para alguns o ônus, para outros o bônus.

E a escola, e a família? Diante de tantas dores e sofrimentos, de tantos prazeres e desprazeres, qual é o discurso dos educadores? É possível mudar esse quadro?

2.2.1.7 Sexo virtual

“Sobre o sexo, o silêncio” (NUNES, 1997), é o que se diz da época da rainha Vitória que governou com mãos de ferro uma geração inteira. Para ela, sexo era sinônimo de perda de energia que poderia ser gasta no trabalho e na geração de riquezas.

A extrema afetação do movimento foi acompanhada por uma crença nos perigos da perda de sêmen – não no sentido judeu-ortodoxo de poluição, mas na crença pseudocientífica de que toda ejaculação era debilitante e que a relação sexual, mesmo dentro do casamento, devia ser evitada o máximo possível para maior benefício da sociedade. (GREGERSEN, 1983, p. 17).²

Parece que o sexo não precisa mais ser reprimido para poupar energia. Fazer sexo sem consumo de energia hoje é uma realidade, ou então com gasto mínimo de energia. Sem beijo, sem toque real, sem sentir na pele. Até onde isso é prazeroso ou substitui o amor carnal, não podemos dizer, por que cada um sente um sentir diferente, mas que o sexo virtual tem sido o grande *bum* do momento, lá isso é verdade.

Ao entrar em uma sala de bate papo virtual qualquer, é possível ser convidada (ou cantada) para um amor ardente, um sexo sem limites e sem pudores... só que virtual, com estranhos, coisa que era sequer cogitada em gerações anteriores.

Em 2001 a revista Época trouxe uma reportagem de capa que trazia uma gravura de um computador e na tela do aparelho um letreiro luminoso dizia ‘*MOTEL ON-LINE*’ e a manchete era clara: “Sexo pela Internet – desconhecidos usam computador para trocar carícias”.

“A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos nas pontas das palavras. Minha linguagem treme de

² A posição judaico-ortodoxa a que a citação se refere é que, qualquer deposição de sêmen fora da vagina é impura: o sêmen, como o sangue menstrual, é poluente.

desejo”. (BARTHES, 1977, p. 45). Com essa citação, a revista começa sua matéria para dizer que Barthes, há quase 30 anos atrás “não imaginou que estivesse anunciando padrões de comportamento no século XXI. Estava. Quase três décadas mais tarde, Deise Ge, uma pesquisadora carioca de 44 anos, confirmaria o poder de sedução das palavras preconizado pelo escritor francês.” (KALIL, 2001, p. 88).

Hoje, em pleno século XXI, a linguagem substitui o toque, e a carne na carne já não é necessária para o prazer e para o sexo. Há um culto à masturbação. E embora a masturbação seja considerada como um prazer solitário, não se pode diferenciá-la do amor pela Internet onde as palavras e as imagens contribuem para a excitação, mas é na solidão de um cômodo onde o êxtase acontece. Ou seja, sexo virtual e masturbação em tese são diferentes, mas seus conceitos se confundem e ambos se diluem.

É claro que não mencionarei aqui o grande risco de se desejar um desconhecido e se marcar encontros reais que podem se transformar em tragédias como já assistimos ou lemos centenas de vezes em noticiários. No entanto, pelos limites de tal pesquisa nos deteremos apenas a mencionar o fato de que o sexo virtual existe e que ele afeta a sexualidade mexendo com sentimentos, prazeres, alterando batimentos cardíacos, relaxando músculos, etc.

Se é legal, se é moral, se é válido, é difícil dizer, mas que é a realidade do momento, isso não posso negar. Essa é a realidade. Essa é a atualidade. E com isso volto a sempre presente questão. E a escola? E a família? Até que ponto estão orientando e educando seus filhos e alunos para essa realidade? Até que ponto as crianças e os jovens estão lidando com isso de forma consciente?

2.3 A TECNOLOGIA A SERVIÇO DO PRAZER

Interessante adentrar nessa questão “A tecnologia a serviço do prazer”. Numa era em que o sexo se transforma em circuito interno e muitas vezes oculto de toda uma teia de relações econômicas e transações comerciais, é fácil entender porque a tecnologia trabalha a serviço do prazer. Embora saibamos que o desejo sexual ou a falta de, nem sempre é uma questão de equipamentos, porque o desejo sexual no ser humano pode variar tanto por razões genéticas como psicológicas, mesmo assim a tecnologia está fazendo a sua parte em nome do prazer (ou do dinheiro).

Uma breve análise: num mundo tão conturbado pela necessidade de ter e de poder, o ser humano deixa de lado as facilidades da vida simples para “correr atrás da máquina” como dizem os economistas. Essa conturbação toda requer a substituição de umas coisas por outras... e assim a humanidade procedeu. O *marketing* econômico, perspicazmente percebeu isso e como que por compensação, começa a fabricar e vender produtos com a promessa do resgate do prazer perdido em forma de *Fast food*. É rápido, prático, prazeroso... é só pagar. E deu certo!

As descobertas científicas em nome do prazer carnal sem perda de tempo, mas com muito dinheiro, fazem sucesso. Eis algumas curiosidades bastante recentes de como é possível criar equipamentos que substituem as relações humanas: “Pesquisadores americanos criaram um pênis artificial que permite a coelhos com o órgão danificado se reproduzir normalmente. Urologistas disseram que este procedimento vai ajudar no tratamento de homens com severa disfunção erétil.” (REDAÇÃO TERRA, 2006).

Outra descoberta da tecnologia capaz de “melhorar” a vida sexual das pessoas vem dos Estados Unidos e sugere um sexo solitário, mas intenso:

Um aparelho recém-lançado nos Estados Unidos promete dar às mulheres orgasmos mais longos e mais intensos – **e sem tocar a região genital**. Os fabricantes do *Slightest Touch* (*O mais suave toque*, em tradução livre) afirmam que o equipamento estimula nervos ligados à sexualidade. O produto custa quase US\$ 140 (pouco mais de R\$ 390) e a empresa diz já ter vendido 4 mil unidades. Para atingir o orgasmo com o aparelho [...], a mulher precisa começar tomando uma bebida isotônica [...] Cerca de 20 minutos depois, a usuária coloca dois eletrodos na parte interna dos tornozelos. Esses eletrodos estão ligados ao *Slightest Touch*, que então estimula os nervos por meio de suaves pulsos elétricos que se fazem sentir de baixo para cima, subindo pelas pernas da mulher. O processo leva de 10 a 30 minutos para deixar a mulher à beira do clímax. 'Brincando no limite' "O que o aparelho faz é levar a mulher a um "patamar pré-orgásmico", um estágio em que ela 'brinca no limite do orgasmo' e onde pode ficar o tempo que quiser", explicou Cherisse Davidson, diretora do serviço ao consumidor da empresa criadora do *Slightest Touch*. A BBC não conseguiu uma comprovação científica independente sobre a eficácia do aparelho. Mas Davidson, que o vem utilizando há três anos, garante que ele funciona. "Ele pode ser de grande utilidade para muitas mulheres", disse. Mas o equipamento não é recomendado para usuárias de remédios antidepressivos, grávidas e mulheres que sofrem de problemas cardíacos. (APARELHO..., 2004, grifo do autor).

E, como estou pesquisando na mídia para perceber a atualidade sobre a sexualidade dos seres humanos, posso perceber o quanto ela é rica em informações do gênero. Quando o assunto é tecnologia a serviço do prazer, então, encontro ainda mais informações do que aquelas citadas acima:

Cientista diz ter inventado 'chip' do orgasmo Um cientista que diz ter inventado um dispositivo que produz orgasmos ao toque de um botão não consegue encontrar voluntárias para testar o produto. Segundo o inventor, o implante, uma vez inserido sob a pele na base da coluna, provoca uma reação reflexa que produz a sensação de prazer. "Achei que as pessoas estariam derrubando a minha porta (para participar dos testes)", disse o médico Stuart Meloy, da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, à publicação especializada *New Scientist*. A Food and Drug Administration (FDA) – órgão americano que aprova a comercialização de medicamentos e os testes desse tipo de dispositivo – deu o sinal verde para Meloy testar sua invenção. Dor nas costas Meloy, originalmente um especialista em dor, descobriu o dispositivo quando inseriu um mecanismo semelhante a um marca-passo sob a pele de um paciente, para aliviar uma forte dor nas costas. Ele explorou essa técnica um pouco mais e patenteou a idéia de usar o mecanismo para tratar disfunções sexuais femininas. "Não acho esse procedimento diferente de implantes de seios, por exemplo", disse Meloy à *New Scientist*, em referência à dificuldade de encontrar voluntárias para testar o produto. Especialistas britânicos dizem que um implante inserido cirurgicamente não era uma resposta adequada aos problemas sexuais femininos. "Disfunções desse gênero são pouco conhecidas e é possível que em muitos casos haja um importante componente psicológico", disse Sarah Creighton, ginecologista do hospital Queen Charlotte, em Londres. (CIENTISTA..., 2003).

Com a ciência tão empenhada na busca do prazer perdido, e com os equipamentos que já estão sendo patenteados, posso inferir que a emoção, a paixão, a pré-cópula que Desmond Morris detectou, na geração atual, deixa de existir. O autor diz: “[...] o comportamento sexual atravessa, na nossa espécie, três fases características: formação de pares, atividade pré-copulatória e cópula” (MORRIS, 1975, p. 46). Desmentindo o autor, a ciência diz ‘fica sozinho, compra um equipamento, instala em seu corpo e você terá o máximo do prazer pelo menor preço’. Quer dizer, o sexo que durante muito tempo e por muitas pessoas foi considerado uma atividade reprodutora, deixa marcas indeléveis de que essa cultura ou de que essa função já não lhe pertence mais. A reprodução pode ser feita com a coleta de óvulos e espermatozoides de “matrizes” selecionadas, com os melhores genes, ou pode ainda ser clonada a partir de uma célula de alguém que se deseja reproduzir. Aliás, o termo reprodução nunca foi tão apropriado para designar a cópia de seres como o é na atualidade. Creio que em épocas anteriores a relação sexual propiciava a criação de seres humanos. Hoje a ciência faz a reprodução.

O extraordinário refinamento tecnológico envolvido nestas questões provavelmente se supera, no recente desenvolvimento de transplantes de pênis e de testículos e de cirurgias similares, particularmente com relação a cirurgias transexuais. Ao se transformar um indivíduo do sexo masculino em um indivíduo com fenótipo feminino, o pênis e os testículos são amputados, e se constrói uma vagina artificial – às vezes com tecido do próprio pênis. Quando se transforma um indivíduo do sexo feminino em um indivíduo com fenótipo masculino, por vezes se constrói um pênis com dobras da pele. Embora a ereção natural seja impossível, tem-se empregado vários dispositivos utilizados no tratamento de homens impotentes por razões fisiológicas. Um dos mais recentes desses dispositivos é um pequeno sistema hidráulico que permite ereções espontâneas através do bombeamento de líquidos do abdômen para o órgão sexual. As cirurgias transexuais são certamente os exemplos mais espetaculares de progressos tecnológicos afetos à sexualidade. (GREGERSEN, 1983, p. 174-175).

Diante de tanta tecnologia e de tanta divulgação desses novos métodos de prazer, como está a informação dos educadores? O que eles sabem e de que forma orientam seus educandos?

2.4 E NÓS, ONDE ESTAMOS E O QUE FAZEMOS?

A necessidade de geração incondicional de bens e de riquezas parece ser a “doença do século”. Em nome dessa necessidade de conforto, o ser humano passa por cima de tudo o que possa *atrapalhar* sua vida: “No costume atual, tudo é orientado para a produtividade, e a dor, o prazer, o ódio, o amor, o medo, e todas as outras emoções violentas, não favorecem a eficiência produtiva, mas lhe impõe obstáculos.” (BERNARDI, 1985, p. 55).

Diante de todo esse arsenal de invenções e vivências atuais, é pertinente perguntar: E daí? E diante disso tudo? O que? Como? O que posso fazer como professora? O que eu tenho a oferecer como mestrandia? Que diretrizes esta pesquisa pode oferecer aos educadores?

As inferências da presente seção mostram o quanto os comportamentos podem se alterar em menos de um século. Idéias, comportamentos e atitudes que levaram mais de 20 séculos para serem construídos, hoje estão deixando de ser lei, norma ou dogma. O que mudou? Foram os comportamentos? Foi a biologia? É a cultura? Talvez nada disso e talvez tudo isso, porque somos uma totalidade e quando muda nosso comportamento automaticamente muda nossa biologia e mudando nossa biologia, nosso comportamento se altera:

[...] os humanos são, de facto, animais, ainda que animais elegantemente complexos, e conseqüentemente sujeitos, sem especial isenção, às regras gerais da seleção natural, as normas que regem o comportamento e a história da vida entre os seres vivos. Embora não saibamos muito acerca das especificidades genéticas, contudo, é claro que os genes são uma “generalidade” a ser maximizada em várias equações comportamentais. (LOW, 2000, p. 29).

E mais adiante, o autor completa: “Talvez por causa do âmbito das nossas ações, raramente pensamos, exceto em termos mais pessoais, acerca do impacto do nosso comportamento na nossa linhagem genética”. (LOW, 2000, p. 30).

Adotar a filosofia da abstenção sexual pode não ser a melhor solução devido ao grande estímulo visual e a uma herança genética que a atual geração possui. A tentativa feita pelo

presidente americano e largamente divulgada na mídia, não deu certo. O número de contaminados pela Aids continua subindo. Os números de gravidezes na adolescência não diminuiu; os abortos continuam sendo praticados e isso se pode comprovar acompanhando qualquer meio em que as notícias circulam.

O que sabemos acerca da nossa sexualidade e dos processos que a geraram é apenas uma gota num oceano sem fim de histórias, mutações, evoluções, confrontos e sobreposição de culturas, etc. Hoje, a realidade sexual é a que, em breves resumos, apresentei acima. E as questões que formulei (sobre o que fazer? Como fazer? Por onde partir? Por que temos tantas dificuldades em lidar com essas realidades que estão o tempo todo em nossas casas através dos meios de comunicação e das vivências na sociedade?) serão ponderadas nas considerações finais, após a pesquisa bibliográfica que poderá se constituir numa luz ao final desse túnel extenso e obscuro que é a sexualidade humana.

O estudo do sexo, assim como outros estudos, só começou recentemente na história da humanidade, com o nascimento da ciência, com a invenção de equipamentos e com o despertar da curiosidade científica, quando os mitos não mais satisfaziam as curiosidades e não mais respondiam adequadamente um ser humano cada vez mais ansioso por respostas concretas e palpáveis. No entanto, o estudo do sexo ou a sexologia, já nasce com alguns problemas ou num meio onde ideologias repressivas e *histórias de vampiros* são bastante fortes:

A história do estudo do sexo caracteriza-se por duas ironias principais: primeiro, a sexologia começou na era Vitoriana, quando a mera menção de sexo era um tabu [acreditavam que ejacular fazia perder toda a energia do corpo] estrito; em segundo lugar, os antropólogos profissionais, na sua maioria, tem sido muito atrapalhados para acrescentar muito a tal estudo. (GREGERSEN, 1983, p. 27).

Assim, preciso procurar nos despojar de mitos e ideologias, embora sempre esteja impregnada por alguma cultura, e empreender em um estudo onde possa me afastar do objeto para melhor compreender.

Trouxe à tona apenas uns poucos tópicos do que circula hoje pela mídia em relação à vivência da sexualidade, mas fica o convite para a pesquisa sobre cada um deles, pois a bibliografia é escassa e a carência de informação se acentua mais a cada dia.

Nas seções seguintes, estarei buscando compreender as raízes culturais e biológicas que moldaram tais comportamentos. Toda a evolução das formas de viver e de culturas que aos poucos e lentamente, no passar de centenas e até milhares de anos, foram se modificando até chegarmos aonde estamos hoje.

3 CONTEXTUALIZANDO A TEORIA

Fosse eu (que as minhas custas já sou
 Uma daquelas estranhas criaturas prodigiosas chamada
homem)
 Um espírito livre para escolher por mim próprio
 Que invólucro de carne, e de sangue, me agradasse usar,
 Seria um *cão*, um *macaco* ou um *urso*.
 Ou qualquer outra coisa que não fosse esse *animal* vaidoso
 Que tanto orgulho tem em ser racional.
 Os sentidos são demasiados grosseiros,
 E um sexto irá inventar para contradizer os outros cinco;
 E, em vez de preferir o instinto certo, irá preferir
 A *razão*, que erra uma em cada cinquenta vezes.
 John Wilmot, Earl of Rochester

A seção III está destinada a construir um referencial teórico que busque a compreensão das quatro categorias que elegi para ancorar a discussão sobre as raízes das dificuldades que os educadores (pais/mães, professores/as), apresentam ao compreender e abordar as questões da sexualidade de seus educandos. As categorias são:

- a) o conflito entre o cultural e o biológico na evolução sexual;
- b) a questão religiosa como mecanismo de controle;
- c) as regras e normas sociais;
- d) a questão mercadológica da sexualidade e a influência da mídia.

Low (2000, p. 29), numa tentativa de provar que os seres humanos são “animais elegantemente complexos, e conseqüentemente sujeitos, sem especial isenção, às regras gerais da seleção natural, às normas que regem o comportamento e a história da vida entre os seres vivos”, faz um rebuscado comparativo com o estudo de outras espécies.

Embora sejamos todos descendentes de uma mesma linhagem evolutiva de seres vivos, não somos exemplares ou protótipos de uma espécie, mas indivíduos complexamente diferenciados. Assim, tentar entender ou explicar o ser humano e suas particularidades é tarefa complexa, especialmente quando se busca as diferenças de sexo para esse fim:

Somos seres complicados altamente sociais. Vivemos numa variedade espantosa de meios ecológicos e sociais. As nossas famílias, amantes e amigos não são exemplares ou protótipos, mas indivíduos únicos e particulares. Nenhum de nós deseja ser “reduzido” a uma fórmula qualquer. (LOW, 2000, p. 19).

Para Ridley (2004), afirmações como essas são verdadeiras, mas ele acrescenta que não é apenas o aspecto evolutivo que nos faz diferentes, mas o fato de termos um corpo condutor dos genes que se vão alterando ao longo do processo evolutivo, e que esses genes se proliferam pelo sexo. Assim ele se expressa:

Como pode existir uma natureza humana universal e específica da espécie quando cada ser humano é único? A solução para esse paradoxo reside no processo conhecido como sexo. Com efeito, é o sexo que mistura os genes de duas pessoas e deita fora metade da mistura, assegurando que nenhum filho seja exactamente igual a qualquer dos progenitores [...] O sexo origina as diferenças entre os indivíduos, mas assegura que essas diferenças nunca se afastem muito de uma meta dourada para toda a espécie. (RIDLEY, 2004, p. 22).

Podemos perceber que, embora sutis, sempre existem diferenças entre os tipos de explicações dos fenômenos do comportamento humano e variam de acordo com cada cultura ou visão de mundo que o sujeito ou “cientista” tem. Eis alguns exemplos que foram trazidos por Low (2000, p. 20-22). Nessa viagem, que ele inicia contando a história da comprovação cultural dos vampiros, ele afirma que “[...] é importante separar cuidadosamente aquilo que as pessoas *descrevem*, quando vêem, ouvem e cheiram o que acontece, das *causas que lhe atribuem*”. Analisemos o porquê da sua afirmação. “Os humanos procuram sempre explicar os padrões que vêem”. Mas, segundo ele mesmo, “[...] criar histórias que correspondem mais ou menos às nossas observações não é ciência, mas folclore”. O mito do vampiro que reescrevo a partir de Low (2000, p. 20-22), confirma que na cultura popular, os vampiros são vistos como seres superiores, fortes, elegantes, determinados (isso tudo se pode observar em filmes e novelas sobre o assunto), e além disso, diz-se que são seres não decompostos na terra após sua morte, possuem pele avermelhada ou escura, não sofrem o “rigor mortis”, são inchados, tem sangue na boca e crescem-lhe as unhas após a morte. Assim, as pessoas suspeitas de serem vampiros, eram enterrados de forma diferente, o que aumentava ainda mais o diagnóstico do vampirismo. Os mortos, numa era pré-industrial eram enterrados sem caixão e como não conheciam as propriedades das bactérias, os seres humanos achavam que os corpos não permaneciam na terra, mas sim que saiam dela para algum lugar. No entanto, os que eram enterrados com a premissa de serem vampiros, eram enterrados de barriga para baixo para que, se tentassem escavar a terra, estariam se enterrando cada vez mais. Isso fazia com que o sangue se concentrasse na face e as unhas crescessem ainda mais. Outra providência adotada pelos seres daquela época, seria enterrar os suspeitos de vampirismo com visco para tentar acelerar o processo de putrefação. O visco, ao invés de ajudar a acelerar, retarda esse

processo e numa possível exumação, ficaria ainda mais evidente tratar-se de um vampiro, já que permaneceu na terra, tinha o rosto escuro e a terra o aceitou. Quer dizer, se comprovou a tese de ser um vampiro, apenas com as observações feitas. Tais práticas confirmam crenças erradas. “Ser-se desencaminhados por ‘mitos de vampiros’ que parecem razoáveis, mas que não estão testados, é muito possível de acontecer quando um comportamento é complicado e desejamos acreditar nas histórias que contamos.” (LOW, 2000, p. 23).

Da mesma forma que práticas erradas confirmam teorias erradas, não podemos explicar fenômenos através de folclores. Vejamos o exemplo do biólogo Bernd Heinrich sobre a partilha de alimentos nos corvos. Ao andar no Maine, ele observou um comportamento estranho nos corvos. Ao se banquetear com um alce morto, um grupo de corvos proferia gritos que atraíam outros corvos. Quanto mais corvos, menos alimentos e os primeiros se afastavam. Ele então questionou: Por que o primeiro corvo não se manteve silencioso e por que é que não estavam agora a disputar o cadáver, mas a compartilhá-lo? Numa explicação folclórica, comparando o comportamento dos corvos com os humanos, poderia se pensar no “quão generosa seria toda essa partilha indiscriminada” (LOW, 2000, p. 23). Essa explicação, no entanto, seria mais uma história de vampiros pois os ecologistas comportamentais confirmam que o altruísmo dispendiosamente genético é muito raro. Após muito trabalho Heinrich eliminou a possibilidade de chamamento ou convite dos corvos. Descobriu então que os corvos, sendo territoriais, atraíam os seus pares para defender a presa de outros grupos de corvos (juvenis, adultos, etc.)

Estas palavras iniciais objetivam esclarecer o quão necessária é a pesquisa feita de forma sistemática e organizada para que não caiamos no conto no vampirismo e nem no conto do altruísmo dos corvos quando se fala em um dos assuntos mais complexos da vida humana, que é a sexualidade

A ignorância dos fatos básicos a respeito do sexo levou a muitas teorias inexatas da concepção e procriação entre as culturas do mundo. O desenvolvimento da tecnologia científica pode ter erradicado muitos erros, mas algumas superstições têm permanecido, mesmo no Ocidente. (GREGERSEN, 1983, p. 12).

Assim pretendo, com essa terceira seção, uma asserção às teorias existentes para que a comprovação das quatro categorias de análise da pesquisa sejam aquiescidas.

3.1 O CONFLITO ENTRE O CULTURAL E O BIOLÓGICO NA EVOLUÇÃO SEXUAL HUMANA

As falas em relação à evolução humana, muitas vezes são ancoradas em pressupostos de que a necessidade de adaptação à natureza é que faz buscar novas formas de alimentação e de sobrevivência. Esse argumento pode não estar completamente equivocado, mas não se pode minorizar a evolução das espécies a um único ponto. Preciso de uma explicação mais plausível do que essa ‘confirmação de vampirismo’ para compreender o processo. A complexidade de todos os fenômenos que envolvem a sexualidade humana deve ser contemplada em um estudo que objetiva verificar as suas raízes.

Assim, pretendo adentrar não apenas nas questões biológicas, mas também nas questões culturais para a compreensão de todo esse processo que nos formou e que nós formamos. Tenho uma convicção prévia de que cultura e biologia andam juntas no processo evolutivo do universo e que sexualmente evoluímos tanto nos aspectos culturais quanto biológicos. Aliás, foi o sexo e a necessidade de procriar e não a cultura que proporcionaram todo o desenvolvimento da humanidade. “A reprodução é o único objetivo para o qual os seres humanos foram concebidos; tudo o resto é um meio para atingir esse fim.” (RIDLEY, 2004, p. 14). A forma física que temos, os mecanismos de sobrevivência e as concepções sobre sexualidade evoluiu de mãos dadas para garantir que a raça humana não fosse extinta do planeta. Os genes mais fortes e mais potencialmente reprodutores é que permaneceram e se proliferaram, garantindo assim a manutenção das espécies e ratificando a tese de que não é a necessidade de sobrevivência, mas a garantia da procriação, e, portanto o sexo, que proporcionou toda a evolução da qual somos o fruto.

Portanto, tentarei aqui a construção de conceitos, tanto do ponto de vista da biologia quanto da cultura, sobre o processo de evolução da humanidade baseada na tese de que a sexualidade e o sexo enquanto mecanismo de reprodução da espécie é que foram o palco e a razão de todo esse processo evolutivo da humanidade: “A natureza humana é um produto da cultura, mas a cultura também é um produto da natureza humana, e ambas são o produto da evolução.” (RIDLEY, 2004, p. 17). A sexualidade humana é construída a partir da sua cultura conjuntamente com a evolução do seu biológico, num processo indissociável, pois que assim como a biologia dos seres vivos se altera ao alterar os comportamentos, também os comportamentos se alteram quando se altera a biologia e essa evolução conjunta entre cultura e biologia, pode gerar alguns conflitos e algumas dificuldades de toda ordem. Freud amplia essa discussão ao afirmar que

Acha-se em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torne gradativamente internalizada, pois um agente mental especial, o superego do homem, a assume e a inclui entre seus mandamentos. Toda criança nos apresenta esse processo de transformação; é só por esse meio que ela se torna um ser moral e social. (FREUD, 2004).

Tratarei também, da nossa similaridade com os demais seres vivos e com os aspectos significativos que nos diferem enquanto seres humanos sexuados; além disso tentaremos especificar os conceitos culturalmente construídos sobre “sexo” e “sexualidade”.

Ancorada na teoria da evolução das espécies, busquei compreender e sistematizar a bibliografia existente sobre tal processo, que é de vital importância para embasar uma compreensão e uma posterior educação sexual mais real para servir de referência a uma vivência social e pessoal da sexualidade com segurança e sem misticismos, assim também, busquei compreender as raízes das dificuldades que apresentam hoje os educadores quando se trata de abordar as questões relativas à sexualidade dos seus educandos.

As teorias evolutivas de Darwin não foram tomadas por completo no início pelos seus estudiosos, ou talvez não tenham sido bem compreendidas, ou ainda, ele mesmo não as tenha formulado na sua totalidade. O que ficou evidente com todos os seus estudos e escritos, é que, os seres vivos que somos, não foram feitos por um criador, um deus, um ser superior, mas sim produtos de um complexo processo evolutivo. No entanto, o que não deu muita repercussão no início, mas que agora começa a ser desvendada e desvelada é a tese de que os seres vivos evoluem para sobreviver e para se reproduzir: “[...] o objectivo de um animal não é apenas sobreviver, mas reproduzir-se”. (RIDLEY, 2004, p. 30). Diríamos até, baseados em pesquisadores modernos das teorias de Darwin, os neodarwinianos, que a evolução do sexo e a necessidade de garantir a continuidade da espécie, é que foram, são e serão as fontes de toda a evolução e o desenvolvimento das espécies vivas. “o comportamento sexual moderno foi menos influenciado pelo progresso da civilização do que esta foi influenciada pelo comportamento sexual.” (MORRIS, 2001, p. 39). Para ratificar o que afirmei, aponto o excerto de Matt Ridley em *A Rainha de Copas* que afirma:

Este livro terminará com a surpreendente teoria de que a própria inteligência humana é produto da seleção sexual, e não da seleção natural [...] que os cérebros grandes contribuíram para o sucesso reprodutor, quer porque permitiram que os homens fossem mais espertos ou enganassem outros homens (e que as mulheres fossem mais espertas e enganassem outras mulheres), quer porque foram originalmente utilizados para cortejar e seduzir membros do sexo oposto. (RIDLEY, 2004, p. 31).

Ao sugerir que os seres vivos reagem a qualquer coisa que ameace o sucesso reprodutivo, as teorias neodarwinianas dizem que “qualquer coisa que aumente o sucesso reprodutor irá alastrar à custa de qualquer coisa que não o faça – mesmo que ameace a sobrevivência.” (RIDLEY, 2004, p. 30).

Com isso, posso inferir que o número assustador de gravidezes na adolescência e a busca desenfreada por sexo, mesmo em tempos de Aids, que no senso comum e na teoria do vampirismo seriam consideramos como “prostituição, falta de juízo, falta de valores, banalização do corpo” talvez não sejam nada disso, mas sim uma reação natural de uma espécie que está ameaçada de extinção e que procura garantir sua procriação e sua preservação. Se os ambientalistas dizem que o animal que mais está ameaçado de extinção em função dos seus desmandos com o meio ambiente é o homem, e se há uma busca inconsciente pela reprodução, talvez essa teoria da garantia da reprodução se confirme.

Se mesmo em tempos de Aids (coisa que ameaça a sobrevivência) as pessoas estão buscando desenfreadamente o sexo que é a forma de garantir a reprodução, então posso inferir que, mesmo arriscando a sobrevivência, a espécie humana quer garantir a procriação e a sobrevivência da espécie. Há um grito silencioso e inconsciente da espécie humana: “Pode ser que eu morra, mas a perpetuação da minha espécie está garantida!”

Se pensar também que junto com a descoberta da esterilização veio a descoberta do congelamento de óvulos e espermatozóides, então estaremos ratificando a tese de que é o sexo com sua responsabilidade de manter povoada a terra, o responsável pela evolução e não a adaptação ao meio.

É a biologia humana ditando comportamentos que a cultura compreende, tem dificuldades em abordar e quer abolir.

3.1.1 O ser sexual

Sexo e sexualidade. Palavras tão em voga na mídia, na roda de amigos, nos *sites* da grande rede, nos *out doors* das grandes cidades, nas propagandas de marcas de produtos famosos. Embora nessas propagandas, essas palavras não apareçam explicitamente, está estampado que querem dizer exatamente isso, implícita e deliberadamente. O corpo, objeto de prazer e instrumento de marketing, deixa de ser o castelo sagrado, morada do espírito para ser o suporte dos grandes negócios. É neste contexto cultural e social da atualidade que sinto a

necessidade, não de resolver tal situação, mas de entender e, se possível, de compreender como chegamos a essa forma de vivência e como podemos encaminhar ações educativas para uma vivência da sexualidade sem tabus e preconceitos e sem promiscuidades e banalizações do corpo, do sexo e da sexualidade.

É sobre o ser vivo que se inscreve a sexualidade, mais especificamente sobre os seres humanos. Em outras espécies, aparentemente não há uma sexualidade intencional, mas uma prática sexual reprodutiva, (embora se saiba da existência de outras espécies que fazem sexo sem estarem necessariamente no período de estro). (DIAMOND, 1999). Esse ser humano, cultural e biologicamente formado, vive atualmente um momento bastante distinto do que foi vivido pelos seus ancestrais e pelos seres primários que lhes deram origem.

O ser humano, que hoje assim está constituído, com suas vivências culturais e biológicas, atravessou uma história oceânica para chegar até aqui ou para chegar a ser do modo como é hoje. Inicialmente, como um ser vivo simples e que foi paulatinamente evoluindo, precisa ser compreendido para que possa ser orientado ou se orientar na sociedade em que vivemos. Orientar o ser humano que temos em nossas escolas hoje, é o grande desafio que nos impõe a modernidade. Tentarei entendê-lo, então, a partir da sua constituição biológica/cultural.

Antes de empreender nessa compreensão do ser vivo, no entanto, faz-se necessário conceituar sexo e sexualidade:

É possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal. Já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo. (NUNES; SILVA, 2000, p. 74).

Para Bernardi (1985, p. 14):

[...] usarei a palavra sexualidade para indicar uma propensão humana que envolve a pessoa inteira, enquanto que com a palavra genitalidade farei referencia àquela expressão concreta e física da sexualidade que se funda no emprego dos órgãos genitais.

Abramovay (2004), em seu relatório “Juventude e Sexualidade”, que apresenta o resultado de uma pesquisa para a Unesco, em 2004, sobre as relações entre sexualidade e juventudes nas escolas, diz que as definições de sexo e sexualidade “[...] são conceitos em disputa.” Para definir sexo, ela busca auxílio em Hiborn (2003b apud ABRAMOVAY, 2004), que diz: “[...] uma das primeiras formas de classificação no mundo social diz respeito ao sexo

das pessoas. A palavra sexo, contudo, pode ter vários sentidos superpostos: ela pode designar o formato físico dos corpos – macho ou fêmeas da espécie –, mas também a atividade sexual.”

Para o termo sexualidade, a autora formula a seguinte teoria:

[...] é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos [...] Assim é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. (ABRAMOVAY, 2004, p. 29).

Assim, o ser humano estaria qualificado num nível “acima” dos demais seres vivos, por ostentar essa herança biológica/cultural que faz com que sua prática sexual e as sensações do corpo, sejam exclusivamente humanas. Orientar esse ser, carregado de alterações biológicas e constituído com a adição de uma cultura, além de ser o grande desafio, carece de uma compreensão profunda buscada desde longa data.

Para ilustrar, busco em Ridley (2004) as implicações do sexo para a natureza humana. A primeira implicação é a de que o sexo origina as diferenças entre os indivíduos, mas assegura que essas diferenças nunca se afastem muito de uma meta dourada para toda a espécie. O sexo, para o autor, é apenas o jogador que dá as cartas, gerando mãos únicas a partir do mesmo conjunto monótono de cartas genéticas partilhadas por toda a espécie; a segunda implicação é de que o sexo, diferente da meiose, gera duas naturezas humanas: a masculina e a feminina. A assimetria básica do sexo dos indivíduos condiz inevitavelmente a diferentes naturezas para os dois sexos, naturezas que se adaptam ao papel particular de cada sexo. Por exemplo, os machos, de um modo geral competem pelo acesso às fêmeas, e não o inverso. A terceira implicação é que qualquer ser humano vivo, na atualidade, é uma fonte de genes em potencial. E nós descendemos apenas daquelas pessoas que procuraram os melhores genes, um hábito que herdamos delas, (RIDLEY, 2004, p. 24) ou seja, a procura do par perfeito é algo biológico. Uma pesquisa feita nos Estados Unidos e apresentada em DVD no documentário “Human Instinct” – Instintos, o lado selvagem do comportamento humano (INSTINTOS..., 2005) produzido pela BBC e publicado pela Superinteressante da Editora Abril. mostra que, se na juventude as mulheres procuram o homem em forma de triângulo invertido e com dinheiro no bolso, não é apenas por capricho, mas sim porque inconscientemente e biologicamente esses atributos garantem que os melhores genes e a manutenção da prole estão nesse tipo de homem. Ao contrário da mulher, o homem procura nelas seios fartos e ancas largas, o que, biológica e inconscientemente garantem que seja uma “boa reprodutora”. E aqui encontra-se o cerne dessa dissertação, que o ser humano evolui

tanto biológica quanto culturalmente e que o que muitos educadores vêem como problema ou “revolução sexual” eu vejo como processo evolutivo natural que tenta garantir a preservação da espécie humana no planeta.

3.1.2 O que é ser vivo afinal?

Para compreender esse ser vivo que se reproduz pelo ato sexual e sobre o qual se apresenta uma sexualidade, começemos pelo entendimento de seu surgimento. Desbancando a explicação criacionista, a teoria evolucionista de Darwin nos fala de uma evolução constante e ininterrupta. Baseados em seus achados científicos, outros autores descrevem o surgimento do ser vivo: “O antepassado comum de todos os seres vivos foi, muito provavelmente, uma bactéria, tecnicamente chamada de procarionte, que significa um organismo unicelular, sem núcleo e com uma organização interna rudimentar.” (MURARO; BOFF, 2002, p. 30). E ainda:

Há cerca de um século, o naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) agravou a demolição do nosso ego ao apresentar sua teoria da evolução, todos os seres vivos – incluindo nós mesmos- frutos de uma criação especial. De acordo com a teoria da evolução, todos os seres vivos têm origem comum e se modificam ao longo do tempo. (LIMA, 1988, p. 33-34).

Essa primeira expressão da vida (a bactéria procarionte) surge como uma organização física em que uma associação quase simbiótica (interdependência complementar de dois parceiros de natureza diferente) entre nucleótidos e ácidos aminados se unem e se auto-produzem formando uma entidade viva capaz de se manter viva e de se reproduzir através de metabolismos efetuados a partir de trocas com o meio. A vida surge então, de uma organização entre átomos inanimados que associados entre si, formam um material bastante complexo, capaz de trocar sólidos, líquidos e gases com o meio ambiente, a ponto de se manter vivo, se ampliar e se multiplicar.

Nas palavras de Morin (1999, p. 118):

Os primeiros seres celulares provêm de uma histórica pré-biótica muito longa que associa de modo cada vez mais estável e funcional [...] nucleótidos e ácidos aminados; os primeiros, duplicadores, tornando-se aptos para regenerar e reproduzir a associação, e os segundos, transformáveis, para assegurar suas trocas e sua nutrição, e o todo tornando uno encontrou-se dotado de um feixe de qualidades emergentes que cada um dos associados desconhecia: a vida.

Assim, “Começamos a compreender o jogo, mas ignoramos tudo acerca do jogador” (VENDRYES, 1975 apud MORIN, 1999, p. 105). É preciso mais do que uma simples revelação sobre o surgimento da vida para que possamos compreender como se dá esse processo e como biológica e culturalmente chegamos a ser o que somos hoje e porque agimos como agimos. E tendo a vida surgido da associação de seres não vivos, é pertinente trazer à essa reflexão, a questão muito instigante de Eigen: “De que maneira um sistema vivo difere de um sistema não vivo? Quando e como essa transição ocorreu durante a história do nosso planeta ou mesmo do universo?” (EIGEN, 1997, p. 18).

O que sabemos é que a matéria *de per si* não vive. Ela se torna viva através da associação entre os elementos capazes de metabolismos que permitam sobreviver: o *genos* e o *fenon*. (MORIN, 1999, p. 99). Esses dois elementos associados e em consonância com o meio, moldam o viver dos seres vivos que se apresentam numa autonomia e embora essa autonomia seja um tanto diversa daquela dos demais elementos do universo, também dependem destes para sobreviver.

[...] toda a organização física dispõe duma relativa autonomia e existem seres físicos organizadores-de-si, estrelas, turbilhões, produzindo e mantendo a sua existência autônoma na e pela reorganização permanente e regulações espontâneas. A vida, dispõe não só destes caracteres fundamentais de autonomia, mas também, duma autonomia original. (MORIN, 1999, p. 99).

Assim, parece ficar implícita a necessidade de algo mais, além da complexidade para que uma organização físico/química possa ser considerada um ser vivo. Nas palavras de Eigen (1997, p. 18):

Qual é a diferença entre um sistema químico acoplado, embora complexo de maneira arbitrária, e um ser vivo onde mais uma vez encontramos, essencialmente, uma abundância de reações químicas? A resposta é que todas as reações químicas de um ser vivo seguem um programa controlado, operado por uma central de informações. A meta desse programa é a auto-replicação de todos os componentes do sistema, incluindo a duplicação do próprio programa ou mais precisamente do material que o contém.

Assim, podemos compreender a vida como a auto-organização de sistemas complexos, que carregam em si informações. Parafraseando Morin (1999), podemos dizer mais, que os seres vivos, esses seres *autopoiéticos*³ (MATURANA; VARELA, 2001, p. 52) são compostos, não apenas pelas informações internas que trazem consigo, mas da soma destas com as informações captadas pelo meio que os produzem: o *Genos* e o *fenon*.

³ Os seres vivos se caracterizam por – literalmente – produzirem de modo contínuo a si próprios, o que indicamos quando chamamos a organização que os define de **organização autopoiética**.

Genos e fenon são inseparáveis na auto-organização, mas distinguem-se. Genótipo é o sujeito tal qual nasce, com sua carga hereditária. Fenótipo é o sujeito que vejo e assim se fez, a partir do genótipo e assim aparece graças a sua interação com o meio, ao seu metabolismo. O genótipo, ou expressão de uma herança genética, ao sofrer as influências do meio, se transforma em um fenótipo que tem a carga genética básica garantida, mas com as alterações impostas pelo meio. Numa reprodução, vai gerar indivíduos com a herança genética básica (genos), mas vai acrescentar-lhes a contribuição que seu organismo recebeu do meio (fenon).

O novo empreendimento da biologia, após essas descobertas da origem dos sistemas vivos e da sua evolução, é o de “recorrer a princípios de organização desconhecidos em química, isto é, às noções de informação, de código, de mensagem, de programa, de comunicação, de inibição, de repressão, de expressão, de controle” (MORIN, 1975, p.25) para explicar a vida e a sua origem. “A nova biologia, procurando a Índia, encontrara a América: no próprio ato que a abria ao universo físico-químico, descobria os princípios originais da organização viva.” (MORIN, 1975, p. 27).

Assim, é pertinente ver o século passado (séc. XX), como dividido entre a era da física quântica e a era da biologia: “Estamos plenamente justificados ao proclamar a segunda metade deste século como a era da biologia molecular, assim como a primeira metade foi a era da física atômica” (EIGEN, 1997, p. 16). Mas é imprescindível reconhecer também que não há uma ruptura entre essas ciências e sim uma continuidade:

A excitante descoberta atual é que a seleção age já no nível molecular, com moléculas replicáveis como o RNA e o DNA, e é portanto passível de derivação em virtude das propriedades físico-químicas das moléculas. Isto acaba com a cisão que colocava a biologia de um lado e a física e a química de outro. O que não significa que a biologia deva ser reduzida à física ou à química no sentido convencional. Simplesmente confirma que existe uma continuidade entre química, física e biologia. (EIGEN, 1997, p. 20).

Quer dizer, para se compreender os sistemas vivos e ir além dessa compreensão, como, por exemplo, saber como a matéria é capaz de produzir pensamentos, precisamos mergulhar nos conhecimentos não apenas da biologia, mas também da física, da química e aqui ousamos acrescentar “da cultura” na história da humanidade, porque a biologia se altera quando se altera o nosso comportamento:

Uma vez que sabemos tão pouco acerca da dimensão do efeito de qualquer *locus* genético ou comportamento particulares, os ecologistas comportamentais devem pressupor que os comportamentos são o produto da *interacção* dos genes e do meio – não o resultado puramente da genética *ou* do meio. (LOW, 2000, p. 30).

Morin (1999) também faz referência a esse fenômeno quando afirma que “a teoria neodarwiniana considera que o meio retroage sobre os genes, efetuando neles uma seleção natural” (MORIN, 1999 p. 129). Evidentemente que a referência de Darwin é sobre o meio natural, mas como o meio natural é influenciado pelos seres vivos, é natural que consideremos a cultura como parte desse meio.

Mas o que é o ser vivo afinal? A visão de um ser essencialmente formado por sistemas com estruturas químico/físico/biológicas, dá uma noção do que seja um ser vivo, mas não explica. A genética nos mostra a formação e a formulação central de um indivíduo, mas é preciso mais. Morin (1999, p. 131) diz que “a determinação genética continua a ser anterior ao indivíduo, e ser-lhe-á posterior, mas é essencialmente interior e situa-se no centro do seu ser [...] esta inscrição genética, sem deixar de ser determinação hereditária, se torna o fundamento duma identidade individual.”

A pergunta então: “de que maneira um sistema vivo difere de um sistema não vivo?” feita por Eigen (1997), foi por ele também respondida:

[...] todas as reações químicas de um ser vivo seguem um programa controlado, operado por uma central de informação. A meta desse programa é a auto-replicação de todos os componentes do sistema, incluindo a duplicação do próprio programa ou mais precisamente do material que o contém. (EIGEN, 1997, p. 18).

Isso nos leva a concluir que o que diferencia um ser vivo de um ser não vivo é a quantidade de informações existentes em sua estrutura molecular e que trazem em si a potencialidade da reprodução.

3.1.3 E surge o sexo e a sexualidade

Em meio a tudo isso, é pertinente o emaranhado de dúvidas e de questões acerca da sexualidade.

Se entendermos o ser vivo na sua mais básica composição celular, que é o que tentamos fazer no título anterior, talvez possamos ter uma melhor compreensão do que seja e de que forma teria surgido a sexualidade no ser vivo humano.

Ao se multiplicar rapidamente por divisão celular, denominada mitose [...] surgiram colônias de bactérias. Reinaram, sozinhas, durante quase dois bilhões de anos, caracterizados por uma vontade espantosa de viver e de se expandir. [...] Teoricamente, a reprodução por mitose confere imortalidade às células, pois seus descendentes são idênticos, sem mutações genéricas. (MURARO; BOFF, 2002, p. 30).

Essa imortalidade, presente na reprodução por mitose, deu lugar à morte com o surgimento da sexualidade. Na divisão celular não há morte, os seres se dividem em dois e formam novos seres sucessivamente. A morte está associada à sexualidade. A morte surge quando a reprodução começa a ser sexual.

Mas em que momento da vida dos seres vivos a reprodução começa a ser sexual? Em Muraro e Boff (2002) encontrei elementos importantes que clareiam essa questão. Eles afirmam que há aproximadamente dois bilhões de anos, um importante fenômeno ocorreu nas bactérias primárias dotadas de único núcleo e que se reproduziam por mitose:

[...] a irrupção de uma célula com membrana e dois núcleos. Dentro deles se encontram os cromossomos – material genético – nos quais o DNA se combina com proteínas especiais. Tecnicamente é chamado de eucarionte [...] ou também célula diplóide [...] isto é, célula com núcleo duplo. (MURARO; BOFF, 2002, p. 30).

Qual a importância dessa célula binucleada para o nosso tema?

É o fato de nela se encontrar a origem do sexo. Na sua forma mais originária e primitiva o sexo significa a troca de núcleos inteiros entre células binucleadas, chegando à fusão num único núcleo diplóide, contendo todos os cromossomos em pares [...] A forma eucarionte de sexo, que se dá pelo encontro de duas células diferentes, permite uma troca fantástica de informações contidas nos respectivos núcleos. Tal fato já aponta para o sentido profundo de toda sexualidade: a troca que enriquece e a fusão que cria paradoxalmente a diversidade. Esse processo envolve riscos, mas também oportunidades, já que a margem de imperfeição, inexistente na mitose, favorece mutações, adaptações e patamares novos de evolução. (MURARO; BOFF, 2002, p. 31).

Assim posso conceber que a evolução chegou até o estágio atual a partir dessa lógica cooperativa que permite a troca entre elementos genéticos e entre os aspectos culturais adquiridos do meio que cada ser vivo carrega consigo. No entanto, é preciso esclarecer que existem ainda hoje seres unicelulares que se reproduzem pela mitose (as bactérias, por exemplo) e os celulares com reprodução por sexo. “Todos os organismos vivos maiores e nós, humanos, somos representantes desta segunda ramificação.” (MURARO; BOFF, 2002, p. 32).

Cabe esclarecer que nos primeiros dois bilhões de anos de vida não existiam órgãos sexuais específicos. Havia, diríamos,

[...] uma existência feminina generalizada que no grande útero dos oceanos, lagos e rios produzia vidas [...] É especialmente em função da reprodução em terra e de seres complexos que surge o pênis, propriamente dito, há duzentos milhões de anos, na época dos répteis. (MURARO; BOFF, 2002, p. 32).

O surgimento desse pênis, que permite a troca de elementos entre dois seres, é assim explicado:

Na evolução, tudo o que existe, de certa forma, preexiste. Tudo é preparado para irromper num certo momento de acumulação de energia e de informação. Assim ocorreu também com a sexualidade. Ela foi preparada pelos filamentos⁴ finos e longos, que se encontram em algumas células bacterianas já na primeira ramificação, há 2,5 bilhões de anos. (MURARO; BOFF, 2002, p. 32).

Assim, como lidar com esse paradoxo que concede ao sexo o poder de gerar a vida e o poder de gerar a morte? Embora possa parecer complexo, talvez eu possa simplificar afirmando: faz parte da evolução porque ela não desenvolve a inteligência, mas a inteligência é desenvolvida pela necessidade de garantir a procriação.

A passagem da duplicação celular para a reprodução com troca de elementos, é parte do processo evolutivo que jamais cessou. A evolução continua. Se hoje temos a capacidade de gerar seres vivos em vidros nos laboratórios ou a partir de uma única célula como é o caso da clonagem, é parte da evolução da capacidade humana, da biologia, da cultura. Se em alguns anos os ‘acasalamentos’ humanos forem exclusivamente parte da sua rotina para o prazer, se as relações homossexuais se proliferarem ainda mais e se as debilidades do corpo humano para a reprodução forem cada vez maiores, talvez seja possível que as reproduções ou a geração de filhos sejam encomendadas em lojas, em laboratórios. Delírio? Utopia? Talvez sim, mas a evolução reserva surpresas.

3.1.4 Compreendendo o humano sexuado

Adepta a essa teoria evolutiva compreendo, hoje, que o ser humano surgiu, ao que parece, há menos de 100.000 anos: “Mamíferos 200 milhões de anos, Antropóides 10 milhões de anos, Homínidas 4 milhões de anos, Homo sapiens 100.000 a 50.000 anos” (MORIN, 1975, p. 5), nos lançamos em busca de uma compreensão do ser humano e de como ele se fez humano ao longo de todo esse processo evolutivo. Para isso, fomos pelo viés da sexualidade e da contribuição que esta pode ter dado para a atual forma do viver humano. O que encontramos chega a ser surpreendente. Vejamos.

Diamond (1999, p. 11), sugere que se pudéssemos perguntar a um cachorro o que ele pensa da vida sexual de um ser humano, nos surpreenderíamos com a resposta. A resposta seria nesses termos:

⁴ Os pili, que em latim significa pelos e são os meios pelos quais as células se tocam entre si, passando o material genético ou o DNA. Os pelos funcionam como pênis passando o material para a outra célula que funciona como feminina.

Esses seres humanos nojentos fazem sexo qualquer dia do mês! Bárbara propõe fazer sexo mesmo quando sabe que não está fértil. [...] João está sempre querendo fazer sexo, mas sem se preocupar se seus esforços resultarão num bebe ou não. [...] Que desperdício! E o mais esquisito de tudo é que [...] fecham as portas dos quartos fazem sexo às escondidas, em vez de fazer isso diante dos amigos, como qualquer cachorro descente!

Na verdade, somos mesmo animais de comportamento sexual muito estranho, se comparado com outros mamífero dos quais somos ramificações. Se partirmos do princípio de que o antepassado comum dos seres vivos foi uma bactéria, e nossos genes são apenas 1,6% diferentes dos de outros símios, porque o nosso comportamento sexual não é semelhante ao dos demais mamíferos? “[...] a sexualidade humana é muito anormal segundo os padrões dos outros trinta milhões de espécies de animais existentes no mundo. É também anormal pelos padrões dos milhões de espécies de plantas, fungos e micróbios do planeta.” (DIAMOND, 1999, p. 12).

Para esse autor, a sexualidade normal ou que obedece aos padrões da espécie, ressalvadas as suas exceções, deveria indicar que a maioria dos mamíferos:

- a) não convive em família;
- b) faz sexo somente quando está no cio e com o fim único da reprodução;
- c) os machos não proporcionam cuidados paternos e sua única contribuição é o esperma;
- d) faz sexo em público;
- e) as fêmeas “avisam” quando querem ou necessitam copular (sinais coloridos nos órgãos genitais, cheiros diferentes, ruídos atrativos);
- f) as fêmeas rejeitam o macho fora do período próprio à reprodução;
- g) raramente tem menopausa.

Fugindo a esse padrão “normal” dos mamíferos, os humanos freqüentemente:

- a) unem-se em pares por longo tempo (alguns até a morte);
- b) o casal faz sexo várias vezes, apenas ou principalmente um com o outro;
- c) casamento é parceria para cuidar da prole resultante;
- d) os casais vivem numa sociedade com outros casais;
- e) fazem sexo em locais privados;
- f) a ovulação é oculta;

- g) a receptividade sexual da mulher vai além do período da ovulação;
- h) o sexo é quase sempre uma diversão, sem fins de inseminação;
- i) todas as mulheres entram na menopausa.

Essa é a regra mais geral do comportamento sexual humano, portanto é o que poderíamos chamar de sexualidade normal dos humanos. Para a grande maioria dos mamíferos, nós é que somos estranhos (com raras exceções, assim como há homens que copulam e engravidam várias mulheres, sem tomar conhecimento da sua descendência, há a aranha “viúva negra” que come o macho depois de ser copulada para garantir os nutrientes suficientes para que seus ovos se gerem com condições de sobreviver).

Se somos frutos de uma evolução e se somos mamíferos tal qual os demais, por que nossa vida sexual é tão diferente da dos outros animais? O que houve, ou em que momento houve toda uma transformação para que nos diferenciássemos tanto? Porque agimos como agimos e não de outra forma, ou da forma como os demais mamíferos?

A vida na Terra existe há mais de três bilhões de anos. De lá para cá muitas transformações ocorreram no universo.

Todos nós sabemos que somos animais da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos homínidas, do gênero homo, da espécie sapiens, que nosso corpo é uma máquina de trinta bilhões de células, controladas e procriadas por um sistema genético, o qual se constituiu no decorrer de uma evolução natural que durou de 2 a 3 bilhões de anos, que o cérebro com que pensamos, a boca pela qual falamos e a mão que usamos para escrever são órgãos biológicos. (MORIN, 1975, p. 19).

Diamond (1999, p. 18) completa:

Existe vida na Terra há mais de três bilhões de anos, e grandes animais ungulados e complexos explodiram em diversidade há mais de meio bilhão de anos. Nesse período relativamente curto, durante o qual nossos ancestrais e os ancestrais dos nossos parentes, os grandes macacos, evoluíram separadamente, nós divergimos em apenas alguns aspectos significativos e num grau modesto, mesmo que algumas dessas modestas diferenças – em especial nossa postura ereta e os cérebros maiores – tiveram enormes consequências para nossas diferenças comportamentais.

Essa diferença é o que nos faz ser humanos e que faz também toda a diferença no comportamento humano em relação à sexualidade. No entanto, isso tudo ainda não está totalmente esclarecido e a pergunta que não quer calar é: a sexualidade se alterou com a evolução do homem ou o homem se alterou com a evolução da sua sexualidade?

De animal coletor de folhas e frutos para caçador e de caçador para ser informatizado, um longo caminho foi trilhado.

A primeira transformação, de comedor de fruta sexual em caçador sexual, demorou muito tempo e teve um êxito relativo. A segunda mudança não foi tão bem sucedida. Além de muito mais rápida, obedeceu mais à inteligência e às proibições impostas do que a alterações biológicas resultantes da seleção natural. Pode mesmo dizer-se que o comportamento sexual moderno foi menos influenciado pelo progresso da civilização do que esta foi influenciada pelo comportamento sexual. (MORRIS, 2001 p. 39).

Assim, altera-se não apenas a visão de ser vivo, mas principalmente a visão do ser humano.

A recente decodificação do genoma humano, em fevereiro de 2000, mostrou o profundo parentesco existente entre todos os organismos vivos, mesmo entre aqueles que, numa compreensão superficial e ideológica, parecem mais humildes, como os vermes, as moscas, os camundongos e as ervas daninhas. Temos, por exemplo, 2.758 genes iguais aos da mosca e 2.031 idênticos aos do verme. (MURARO; BOFF, 2002, p. 29).

Se não é a nossa composição biológica o que nos difere dos outros animais, talvez possamos pensar em algo muito mais profundo. Precisamos nos permitir compreender melhor as idéias de vida, de existência, de indivíduo e de sujeito. Como conceber que a matéria seja capaz de produzir pensamentos? Como esse aglomerado de átomos, células, moléculas (o ser humano) pode amar, odiar, sonhar? E o pé de alface e a vaca que são constituídos da mesma matéria?

Na compreensão de Eigen (1997, p. 32) “[...] aqui reside o problema-chave. A humanidade não é algo como um organismo multicelular onde cada célula leva sua vida individual mas assumiu um compromisso, por meio da legislatura genética, para o bem da coletividade celular.”

Talvez a compreensão dessa força estranha do pensamento e da criação de meios de sobrevivência, da criação da cultura que o humano é capaz, não esteja na física, nem na química e muito menos na biologia, mas esteja em algum ponto de convergência entre esses três fatores e que são recheados pela cultura: “No plano da mente humana, uma nova forma de evolução pode acontecer: a evolução cultural da humanidade.” (EIGEN, 1997, p. 32).

Talvez possamos atribuir a dois fatores esse princípio de sexualidade, não apenas voltada à reprodução, mas ao prazer: a passagem do animal coletor de frutas para caçador e o surgimento do fogo.

Nessa época, que podemos chamar de período Paleolítico (cerca de 30 a 4 mil anos a.C.), os homínidas viviam em bandos nômades, coletando e caçando sua sobrevivência.

Mais tarde, cerca de 700 a 800 mil anos antes da nossa era, surge o fogo.

O fogo não deve ser concebido apenas como uma inovação que aumenta o conhecimento prático geral e torna possível a utilização técnica do material lenhoso. Trata-se de uma aquisição de alcance multidimensional; a pré-digestão externa pelo assado alivia o trabalho do aparelho digestivo: ao contrário do carnívoro que adormece pesadamente depois de devorar a presa, o homínida, senhor do fogo, pode estar em forma e alerta depois de ter comido; libertando a vigília, o fogo também libertou o sono; o fogo é a segurança noturna dos caçadores em expedição, bem como das mulheres e crianças que ficam no abrigo sedentário; o fogo cria o lar, lugar de proteção e de refúgio; o fogo permite o sono profundo do homem, ao contrário dos outros animais, cujo sono é sempre marcado pelo alerta. É bem possível, também, que o fogo favoreça o desenvolvimento e a liberdade do sonho (MORIN, 1975, p. 68).

Com o surgimento do fogo, uma nova forma de vivência da sexualidade também é proporcionada. A sensualidade e a sexualidade começam a se intensificar nesse novo local de encontro (ao redor da fogueira). A partilha da caça, o assado, o lugar de proteção que o fogo propicia, é o sinal de novos tempos em relação à vivência sexual dos primatas.

Paulatinamente as comunidades vão surgindo ao redor do fogo. O trabalho começa a fazer parte da rotina. Os homens para caça vão complexificando cada vez mais seus instrumentos, as mulheres, pela observação e pelos experimentos vão descobrindo técnicas de plantio e de cozimento. “O homem estranha-se da natureza pelo seu trabalho, que se transforma em elemento de evolução cultural e de alteração da natureza de si mesmo.” (NUNES, 1997, p. 58).

Essa passagem traz profundas mudanças físicas/biológicas nessa espécie que teve que sair da floresta e buscar sua sobrevivência na caça:

Cerca do final da era terciária, a seca fez recuar a floresta e, então, a savana estendeu-se por vastas áreas. Os primeiros homínidas, cujos fósseis são encontrados nas regiões que foram secas, são primatas africanos, a quem as árvores abandonaram, que abandonaram as árvores e que se instalaram as savanas. (MORIN, 1975, p. 63).

Não apenas sua condição de vida muda, mas toda a sua biologia. Ao andar ereto para visualizar a caça, os órgãos sexuais iniciam um deslocamento de trás para a frente, que mais tarde, vai ser útil para a cópula. O encontro para partilhar a caça, traz o encontro frontal que também auxilia nesse deslocamento.

Essa nova atividade, vai paulatinamente ampliando e complexificando as atividades que por sua vez permitem a ampliação e a complexificação do cérebro. Essas alterações todas, proporcionam o desenvolvimento do ser como um todo.

Evolutivamente, esse processo ou esses novos paradigmas e novas formas de vivência são completamente normais. Durante todas essas etapas, que não são estanques, mas processuais, a sexualidade humana foi se construindo e se constituindo de forma cada vez mais “humana”, ou seja, se diferenciando sempre e cada vez mais dos outros animais.

3.1.5 Por quê?

Compreender o porquê do sexo na espécie humana é um desafio para muitos cientistas ainda. Ridley, numa atitude lúdica, tenta nos fazer compreender que nem os próprios seres humanos sabem porque os humanos fazem sexo. Qual seria a causa, a razão ou a consequência da nossa espécie fazer sexo?

Zog, a marciana, conduziu cuidadosamente a sua nave na nova órbita e preparou-se para reentrar no buraco na parte posterior do planeta, aquele que nunca tinha sido visto da Terra. Já o tinha feito muitas vezes e não estava nervosa, estava impaciente por regressar a casa. Tinha sido uma longa estada na Terra, mais longa do que a que a maioria dos marcianos fazia, e estava ansiosa por um longo banho de árgon e um copo de cloro gelado. Ia ser bom voltar a ver as colegas. E os filhos. E o marido – reparou no que tinha pensado e riu-se. Estivera na Terra tanto tempo que começara a pensar como uma terráquea. Marido, realmente! Todos os marcianos sabiam que nenhuma marciana tinha marido. O sexo não existe em Marte. Zog pensou com orgulho no relatório que tinha na mochila: “A vida na Terra; o enigma da reprodução resolvido”. Era a melhor coisa que já tinha feito; agora não lhe seria negada uma promoção, fosse o que fosse que Big Zag dissesse...

Uma semana mais tarde, Big Zag abriu a porta da sala do comitê da Estudos da Terra, L.da, e pediu à secretária para mandar entrar Zog. Zog entrou e sentou-se na cadeira que lhe fora indicada. Big Zag evitou os seus olhos à medida que pigarreava e começou a falar.

“Zog, este comitê leu cuidadosamente o seu relatório e estamos todos, penso eu, impressionados com o seu pormenor. Fez de fato uma investigação muito exaustiva da reprodução na Terra. Além disso, com a possível exceção da menina Zeeg aqui presente, todos nós concordamos que fez uma excelente defesa da sua hipótese. Considero agora, para além de qualquer dúvida, que a vida na Terra se reproduz do modo como descreve, utilizando este estranho mecanismo chamado ‘sexo’. Alguns membros do comitê estão menos satisfeitos com a sua conclusão de que muitas das facetas peculiares da espécie terráquea conhecida como seres humanos são uma consequência dessa coisa do sexo: ciúme, sentido de beleza, agressão masculina, até mesmo aquilo a que eles hilariantemente chamam inteligência.” O comitê riu-se bajuladoramente da verilha piada. “Mas”, disse Big Zag, de repente e muito alto, deixando de olhar para o papel em frente dela, “temos uma grande dificuldade com o seu relatório. Consideramos que ignorou a questão mais interessante de todas. É uma pergunta muito simples de seis letras.” A voz de Big Zag escorria sarcasmo. “Porquê?”

Zog gaguejou: “O que quer dizer com porquê?”

“Quero dizer por que têm os terráqueos sexo? Porque não se clonam como nós fazemos? Porque necessitam de duas criaturas para fazerem um bebé? Porque existem machos? Porquê? Porquê? Porquê?”

“Ah”, disse Zog rapidamente. “Tentei responder a essa pergunta, mas não cheguei a uma conclusão. Perguntei a alguns seres humanos, pessoas que tinham estudado o assunto durante anos. E eles não sabiam. Tinham algumas sugestões, mas eram todas diferentes. Alguns diziam que o sexo era um acidente histórico. Outros diziam que era uma maneira de evitar doenças. Outros diziam que estava relacionado com adaptarem-se a alterações e a evoluírem mais depressa. Outros ainda diziam que era uma maneira de reparar os genes. Mas, essencialmente, não sabiam”.

“Não sabiam?”, gritou Big Zag. “Não sabiam? A peculiaridade mais importante em toda a sua existência, a pergunta científica mais intrigante que alguém já fez sobre a vida na Terra, e eles não sabem? Valha-nos Zod!” (RIDLEY, 2004, p. 35-36).

O texto ilustrativo acima mostra que a curiosidade dos “marcianos” em relação aos terráqueos é a mesma que os próprios terráqueos tem em relação a si próprios: por quê?

Já que estamos caminhando na linha de pensamento da evolução e se afirmamos em vários momentos da presente dissertação que os seres vivos evoluíram todos de uma mesma ameba que, por acidente ou por erro da natureza se tornou viva, então porque nos reproduzimos de forma diferentes das próprias amebas, da grande maioria das plantas como é o caso do salseiro que reproduz com estacas e de algumas fêmeas de animais que já nascem grávidas?

A frase “A vida é um erro da matéria e a morte é um erro da vida”, explica exatamente o surgimento da vida no planeta e o surgimento do sexo. Ao andarem soltos por aí, na tão famosa “sopa cósmica” que os cientistas explicam o cós existente antes da vida na terra, os átomos foram acidentalmente se chocando, se unindo, se afastando até que em algum momento do universo, houve uma junção tão perfeita de átomos que criaram uma membrana em torno de si e a energia produzida dentro dessa membrana precisa ser expelida e novos elementos externos a ela precisavam ser absorvidos. Assim, essa reunião de átomos, que hoje conhecemos como célula, começou a gerar tanta energia que, não cabendo em si, se dividia em duas e assim sucessivamente. Essas primeiras células vivas, que eram as amebas e que existem até hoje, surgiram por acidente ou por erro da matéria existente no início do surgimento do Planeta e foram as precursoras de toda a vida na terra. Ao se reproduzir por duplicação essas células não morriam e rapidamente povoaram o planeta. No entanto, houve uma época em que a troca de energia entre algumas dessas amebas e o ambiente, já não eram suficientes para se manterem vivas. Aí surgiu a troca de energia entre amebas e dessa troca surgia uma nova ameba. Ou seja, surge o sexo e com ele a morte. No entanto, outras espécies seguem seu curso se reproduzindo por duplicação.

Assim, a grande questão hoje é saber por que continuamos a nos reproduzir através do sexo, quando ele está deixando de ser um mecanismo de troca de genes para a reprodução e assume um papel tão importante na vida dos seres humanos. O sexo não tem mais o papel de reprodutor, mas é a mola propulsora de grande parte das ações humanas. Por sexo, as pessoas choram, brigam, mentem, amam, odeiam, matam, vivem, fazem coisas muitas vezes descabidas. Por sexo, as pessoas pulam muros altos, arriscam a vida, viajam quilômetros. Por sexo, as pessoas inventam tecnologias, criam comerciais, trabalham mais, ganham dinheiro, perdem dinheiro. Por sexo... apenas pelo prazer do sexo.

O sexo é uma necessidade vital dos seres humanos. Mas por quê? E por que temos tantas dificuldades em admitir e tantas restrições de lidar e de falar sobre isso com nossos filhos e alunos.

Há cerca de vinte anos, um pequeno grupo de biólogos influentes mudou de idéias no que diz respeito ao sexo. De o considerar um meio de reprodução lógico, inevitável e sensato, mudou quase da noite para o dia para a conclusão de que era impossível explicar porque não tinha desaparecido. O sexo não parecia fazer sentido. Desde então, o objetivo do sexo tem sido uma questão em aberto e tem sido chamada a rainha de todos os problemas evolutivos. (RIDLEY, 2004, p. 36-37).

Para Diamond (1999, p. 65), o sexo se tornou divertido a partir do momento em que começamos a ocultar a ovulação: “Somos estranhos também em nossa prática quase contínua de sexo, comportamento que é uma consequência direta das nossas ovulações ocultas.”

Assim, o conflito entre o cultural e o biológico na evolução sexual humana encontra-se na raiz da nossa cultura que tenta afastar ou inibir a evolução biológica natural do universo sexual humano e que evolui graças a essa mesma cultura. Em outras palavras, a cultura tentou e por longo tempo conseguiu reprimir a evolução biológica natural da sexualidade humana. No entanto, ela irrompe com mais força na atualidade, tanto pela estimulação a que está submetida como pela própria cultura que evolui significativamente.

3.2 A QUESTÃO RELIGIOSA COMO MECANISMO DE CONTROLE

O desenvolvimento biológico e cultural que concomitantemente foi alterando a forma física e as ações desses povos, foi trazendo uma necessidade de compreender o meio e de explicar os fenômenos da natureza. Ao observar raios e trovões, ventos e tempestades, calor e frio e sentindo a necessidade de saber de onde provinham esses elementos, o homem começa então a atribuir esse poder a um ser invisível, mas poderoso. Surgem os mitos.

Discutindo, explicando e compreendendo os mitos, a filosofia surge para questionar. As crenças e os mitos, por seu turno, tiveram um desenvolvimento significativo entre os povos primitivos. Se observarmos, por exemplo, os índios antigos do Amazonas, perceberemos isso, pois eles tinham, e alguns ainda tem, a capacidade fantástica de combinar estilos de vida extremamente simples, com complicadas e complexas crenças e tabus sobre o sexo.

E num emaranhado de explicações, a filosofia e a mitologia dão lugar à religiosidade que confirma algumas explicações, refuta outras e altera as demais. Um deus único, poderoso e vingativo seria a fonte da vida e da morte. Seria a razão de tudo.

Um novo paradigma nasce a partir de então. Uma nova cultura afeta a biologia das pessoas que passam a reprimir e a refutar muitas coisas tidas como naturais. O pecado entra em cena, reprimindo corpos e expressões, ritos e manifestações. Uma cultura de repressões da sexualidade humana surge com a ascensão da igreja, há mais de vinte séculos atrás. “[...] o que talvez constitua o item mais importante do inventário psíquico de uma civilização, item este que consiste, no sentido mais amplo, em suas idéias religiosas, ou, em outras palavras [...], em suas ilusões.” (FREUD, 2004).

De lá para cá, foram séculos de repressões e alterações culturais e biológicas que afetaram sobremaneira toda a raça humana. Do ponto de vista antropológico, essa mudança faz parte da evolução, pois uma nova cultura altera a biologia e alterando a biologia, a cultura também se altera.

Hoje, a humanidade vive a sua sexualidade dentro dos padrões proporcionados por sua cultura e por sua evolução biológica, permitindo que a evolução não seja interrompida.

A tentativa de libertação das gerações atuais em relação aos preceitos religiosos tem trazido conflitos. Entre a cultura e a biologia pode-se observar na atualidade que o corpo exige uma vivência sexual que a cultura não permite ou reprime. Os rituais religiosos de ‘castigar o corpo para salvar a alma’ já não mais são admitidos. O corpo se libertou das vestes, a sexualidade dá lugar ao pecado e o sexo é visto como necessidade fisiológica do ser humano. E quando Freud fala que “as idéias religiosas surgiram da mesma necessidade de que se originaram todas as outras realizações da civilização, ou seja, da necessidade de defesa contra a força esmagadoramente superior da natureza” (FREUD, 2004), podemos inferir que a vivência da sexualidade, por ser uma força evidentemente oculta da natureza, a religião tenha surgido como um mecanismo de controle dessa força.

Uma outra teoria a respeito do surgimento da religião tem a ver com a necessidade humana de proteção. A criança tem a proteção dos adultos, mas quem protege os adultos? A necessidade de proteção do ser humano é semelhante a de uma criança. Ela tem na mãe a primeira figura que lhe transmite alimento e amor, mas logo a substitui pelo pai que, apesar de temer, oferece-lhe proteção, pela força e pela coragem. Essa é a base, segundo Freud, de toda a religião: A necessidade do homem de humanizar a natureza e vê-la como a um pai. Por isso na religião tudo é uma relação de pai e filho.

Assim se fez o poder da religião. Crer sem ver e sem duvidar. E durante muitos séculos assim foram ficando claras duas situações: a nossa incapacidade de questionar e o grande poder que a igreja exerce sobre nós.

Para explicar o inexplicável e aceitar o sofrimento, as repressões e o poder que a religião exerceu durante muito tempo e que ainda continua exercendo, aceitamos as explicações culturais que, mesmo não tendo autenticação alguma, são passadas de geração para geração. Hoje manifestamos mais deliberadamente a nossa indagação aos preceitos mas nem sempre assim foi. “Muitos deles [dos nossos antepassados] provavelmente nutriam as mesmas dúvidas que nós, mas a pressão a eles imposta foi forte demais para que se atrevessem a expressá-las”. (FREUD, 2004).

O grande paradoxo que se percebe, é a diferença da cultura dos que foram educados e criados dentro dos padrões religiosos de repressão e dos que foram criados numa cultura mais liberal de vivência da sua sexualidade.

Aos reprimidos o sexo é ‘pecado’, motivo de vergonha e de desgraças; aos libertos dessas repressões, sexo é motivo de prazer e possibilidade do corpo.

A Normofilia (ato de se excitar somente através de relações consideradas normais pela religião ou sociedade) abre espaços para discussão na sociedade atual. Qual o papel que a cultura religiosa exerce, exerceu ou exercerá sobre a sexualidade humana? Que compreensão ou que fundamentos podemos buscar na religião para explicar as dificuldades que temos em abordar a sexualidade com nossos educandos? Talvez seja ela, a religião, uma das maiores vilãs de todas as dificuldades que temos quando o assunto é sexo.

Viajemos pela história da religião para tentar essa compreensão, embora saibamos que buscar na religião a explicação para as questões da sexualidade, é adentrar num terreno lamacento entrecortado por grandes extensões de areia movediça. No entanto, como a igreja durante muitos séculos comandou e ainda comanda muitas das concepções que temos, faz-se necessária essa busca.

Não apenas a igreja será relacionada nessa categoria, mas a religião como um todo, mesmo quando ela se expressava através da mitologia. É na mitologia que buscamos as primeiras expressões e as primeiras explicações do controle sexual a que estamos ainda submetidos hoje.

A mitologia, de acordo com estudos modernos, é considerada “como uma verdadeira ciência” (ALVES, 2003, p. 16), pois que apresenta-se com metodologia própria e apóia-se em outras ciências. Segundo Alves (2003, p. 16), essa metodologia particular dos mitos, apresenta-se em três linhas teóricas: “a funcionalista, a simbolista e a estruturalista”.

Assim a autora explicita cada uma das linhas teóricas:

A primeira considera sobretudo a função social que as narrativas místicas desempenham na vida de uma comunidade, expressando, justificando, direcionando, fixando e protegendo preceitos morais, religiosos e relações sociais [...] Na perspectiva simbolista, de um modo geral, o mito traduz a necessidade de exprimir figurativamente o que não pode ser expresso de modo direto. [...] O enfoque estruturalista, por sua vez, focaliza os mitos numa perspectiva relacional de caráter articulado, sendo eles a expressão dramática da ideologia que sustenta uma sociedade. (ALVES, 2003, p. 17).

Com essas inserções bastante básicas, superficiais e iniciais sobre a mitologia, podemos nos valer desses seus atributos para trazer à tona alguns elementos que poderão nos posicionar em relação ao surgimento dos primeiros ensaios que a religião fez sobre a sexualidade e a partir daí empreender na tentativa de compreender de que forma a religião, ao longo dos séculos, foi se infiltrando e ditando normas de controle da vida das pessoas.

E como citamos acima, as primeiras expressões de manifestações culturais, míticas e religiosas apontam o culto à mulher como sendo a divindade da época das sociedades agrárias, podemos inferir que a questão da identidade feminina “encontra seus fundamentos mais remotos nos mitos da criação.” (ALVES, 2003, p. 17).

O ser humano, desde as mais remotas eras, sente uma grande necessidade de explicar os fenômenos que acontecem ao seu redor. Assim, ao “abrir os olhos” para a civilização e a despertar para os mistérios que o cercava, o ser humano valeu-se de mitos para essas explicações e é nesses mitos que se enraízam a identidade sexual que carregamos em nós.

Olhando pela primeira vez o mundo, maravilharam-se os homens das primeiras eras tanto com a própria natureza como com o milagre do nascimento. Assim, o sol e a lua configuram-se como forças motrizes de toda a vida terrena e a **mulher, como matriz da criação**. Nesse mundo primitivo, as representações da **divindade** forjam-se em imagens femininas e as deusas da fertilidade foram os primeiros objetos de adoração e culto [...]. Por analogia, todo o universo também teria surgido de um grande parto, e a figura da mulher se ampliou na representação da Grande-Mãe, a deusa maior, doadora de toda criação. (ALVES, 2003, p. 18, grifo nosso).

A deidade feminina, que mais tarde deu lugar ao machismo, é ricamente presente na cultura dos povos da antiguidade. Podemos citar a cultura judaico-babilônica, que apresentou duas figuras femininas: Lilith e Eva e, por conta do mito adâmico da criação, extinguiu a primeira. Lilith, fora criada em igualdade de condições, caracteriza-se como um ser livre, mas por sua insubordinação a Adão, é excluída dos textos judaicos. “Por não corresponder ao ideal feminino patriarcal, é satanizada e substituída por Eva.” (ALVES, 2003, p. 18). Esta sim, lhe seria submissa por ter sido “arrancada” da costela de Adão e se pecado cometeu, foi por influência da serpente e não por insubordinação.

A existência de Lilith, confirma-se em textos atuais, como é o caso do famoso Código Da Vinci de Dan Brow, que resgata o sagrado feminino e devolve a Maria Madalena o lugar de Santa (não mais prostituta salva por Jesus como nos foi incutido durante longos séculos), esposa de Jesus e mãe do seu filho, que foi exilada do seu país para que se criasse o mito de Jesus o filho de Deus, livre do pecado e com o corpo livre dos “prazeres da carne”. Quer dizer, a ocultação de uma esposa e de um filho, davam a Jesus o status de um homem digno de ser seguido, adorado e santificado, pois as suas vivências sexuais, se divulgadas, poderiam torná-lo um ser tão comum que não mereceria ser reverenciado. A igreja foi astuta ao fazer da religião um meio sórdido de acumular riquezas e a ocultação da sexualidade de Jesus comprova o grande poder que a igreja exerceu e ainda exerce na vida das pessoas.

O ato sexual, que já foi realizado como ritual de adoração a Deus em eras mais remotas, agora passa a ser o grande vilão contra esse mesmo Deus.

No processo de evolução, quando as sociedades agrárias começam sua estruturação, há um ‘acordar’ ou o ser humano começa a perceber a relação entre sexo e geração da vida. A percepção que é através do ato sexual que a vida se forma, o sexo começou a fazer parte de um ritual sagrado. Um culto de adoração a Deus. “A prostituição sagrada (ou de templo) refere-se a diferentes costumes, nos quais o ato sexual é realizado como parte de um ritual religioso, ou por pessoas que de algum modo possam ser sacramentadas, ou em locais sagrados.” (GREGERSEN, 1983, p. 159). Também o Código Da Vinci de Dan Brow, explicita como era o ritual sagrado do sexo. Um ritual de elevação a Deus, onde os corpos em êxtase estariam mais próximos de deus e assim poderiam se comunicar com ele e também gerar uma nova vida.

A separação científica entre corpo e alma, trouxe uma nova realidade e uma nova percepção do sexo. Se o corpo era uma coisa e a alma era outra, não poderia haver prazer no instrumento de proteção da alma que era o corpo. O corpo, portanto deveria ser castigado e protegido dos perigos e dos prazeres para que a alma, que habitava em seu interior, fosse salva.

Claro está, que esse ritual fosse abolido com o surgimento da filosofia e depois ratificado pela religião. Ele foi realizado até meados do “século IV d.C. quando foi proibido pelo imperador Constantino.” (GREGERSEN, 1983, p. 159), no entanto:

Tanto o cristianismo como o islamismo, nunca apoiaram oficialmente a prostituição sagrada. Curiosamente, muitas santas Cristãs eram originalmente prostitutas, incluindo-se SS Maria do Egito [...] No cristianismo popular, Maria Madalena é vista como uma mulher perdida, embora não haja nenhuma justificativa para esse fato na Bíblia. Apesar do ponto de vista oficial, as prostitutas francesas da Idade Média, que se organizaram em sindicatos, adotaram-na como sua Santa Padroeira. (GREGERSEN, 1983, p. 160).

Maria Madalena teria sido a santa que praticava o ritual sagrado do sexo com Jesus.

Parece que duas coisas ou dois conceitos foram totalmente antagônicos; assim como água não existe com fogo e fogo não existe com água, parece que religião que surge com o cristianismo não existe com sexo e sexo não pode ser vivido pela religião. Esqueceu-se, durante séculos que o sexo é o ritual mais sublime de relação entre as pessoas, de geração da vida, de êxtase do ser humano, para transformar-se em algo sujo, pecaminoso, indigno do ser humano.

Da mitologia à Bíblia:

Quando estava sendo contada às crianças uma história de fadas e todas a escutavam com embevecida atenção, ele se levantava e perguntava: “Essa história é verdadeira?” Quando se respondia que não, afastava-se com um olhar de desdém. Podemos esperar que dentro em breve as pessoas se comportem da mesma maneira para com os contos de fadas da religião, a despeito de tudo o que o “como se” advoga. (FREUD, 2004).

Segundo a Bíblia (GÊNESIS, 1991, cap. 1, ver. 26-31), Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e deu-lhe de presente um paraíso. Desse paraíso tudo pertencia ao homem, menos a árvore do conhecimento do bem e do mal. Melhor, essa árvore também pertencia ao “homem”, ela apenas não deveria ser tocada. A serpente (ou o demônio), veio mansamente e incitou o desejo da mulher que, por ter sido feita de pedaços de “homem”, não soube resistir com bravura e cedeu: “Comeu do fruto proibido”.

O que se pode deduzir dessa leitura, e que a religião nos incute, é que um deus machista criou seres semelhantes a ele, mas não lhes deu a conhecer sua verdadeira condição. O “homem” somente conheceria a verdade e a diferença entre o bem e o mal se comesse do fruto da árvore proibida. Era por isso que Deus o proibira. Na Bíblia (Gênesis, 1991, cap. 3, ver. 22) pode-se ler o que Deus falou em seguida para seus anjos: “E eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Agora, pois, cuidemos para que ele não estenda a sua mão, e tome também do fruto da árvore da vida, e coma e viva eternamente”. Ou seja, o homem igualou-se a Deus no momento em que abriu os olhos para o conhecimento do bem e do mal.

Assim, Adão e Eva, sendo os primeiros seres do universo, deveriam ter passado as mesmas informações e orientações recebidas de Deus para sua vasta descendência. Mas vemos que isso não aconteceu e ao longo da história da humanidade, o sexo e a sexualidade passaram por diferentes fases e somente ganharam esse aspecto pecaminoso com a ascensão da igreja.

O casamento passa, a partir de então, a ser o cenário único e apropriado ao sexo que tinha como justificativa última, a procriação. “Todas as atividades têm um propósito definitivo e o propósito da atividade sexual é a procriação: essa crença permeia a tradição judaico-cristã.” (GREGERSEN, 1983, p. 1).

Tudo o que for de cunho sexual e fugir dessa norma é pecado.

3.2.1 O pecado e o controle da igreja

O livro do Levítico trás informações importantes acerca de como deve ser a vida do ‘bom cristão’ e como deve ser a expiação de seus pecados. Há toda uma sistemática de controle e uma conotação sexual na Bíblia, como se houvesse a necessidade de se deixar clara a diferença entre masculino e feminino. Os mecanismos de controle da igreja podem ser sentidos em momentos dos mais sutis nas entrelinhas do textos que podem passar despercebidos numa leitura superficial, mas numa leitura mais atenta é possível detectá-los. Na Bíblia (LIVRO DO LEVÍTICO, 1991, cap. 3, ver. 7-11, grifo nosso) que fala sobre os sacrifícios pacíficos e a forma de ofertar ao Senhor é diferente se o animal imolado é macho ou fêmea. Conforme Bíblia:

Se oferecer um **cordeiro**, apresenta-lo-á diante do Senhor, porá a mão sobre a cabeça da vítima e a imolará diante da Tenda de Reunião [...] deste sacrifício pacífico oferecerá, à guisa de sacrifício pelo fogo ao Senhor, a gordura, a cauda inteira cortada rente à espinha, a gordura que envolve as entranhas e que se acha aderidas a ela, os dois rins com a gordura que os envolve [...].

A diferença se a doação for do sexo feminino está explícita:

Se sua oferta for uma **cabra** apresenta-la-á diante do Senhor, porá a mão sobre a cabeça da vítima e a imolará diante da Tenda de Reunião. Desta oferta oferecerá, à guisa de sacrifício feito pelo fogo ao Senhor, a gordura que envolve as entranhas e que se acha aderida a elas, os dois rins com a gordura que os recobre [...] Toda gordura pertence ao Senhor. Isto é uma lei perpétua para vossos descendentes, onde quer que habiteis: não comereis nem gordura sem sangue. (BÍBLIA, LIVRO DO LEVÍTICO, 1991, cap. 3, ver. 12-17, grifo nosso).

Quer dizer, a cauda, se o animal imolado for do sexo feminino, não deverá ser oferecida ao Senhor, mas somente as outras partes e principalmente a gordura e o sangue. Tendo claro que essa gordura, era a parte mais nobre do corpo do animal. Uma outra

abstração, de cunho econômico da norma religiosa é que a gordura, sendo um produto de alto valor de comercialização na época, não deveria ser consumido pelos simples mortais, mas sim doada à Igreja (*a Deus*).

A igreja dita normas ainda de como deverá ser o sacrifício de acordo com o pecado cometido. Isso pode ser visto como mais um mecanismo de controle já que a atitude do pecador diante do altar delataria seu pecado.

Há também uma hierarquização que determina o “peso” do pecado e a forma de sua expiação. Se o pecado for cometido por um sacerdote ungido, por um chefe ou por alguém do povo. Isso tudo se pode constatar ao longo de todo capítulo 4 do mesmo livro.

O controle da igreja sobre todos os aspectos da vida das pessoas que viviam naquela época, fica ainda mais evidente na Bíblia (LIVRO DO LEVÍTICO, 1991, cap. 5, ver. 1): “Se alguém, chamado como testemunha, após ter ouvido a adjuração do juiz, peca por não declarar o que viu ou o que soube, levará o peso de sua falta”. Jurar também se caracteriza como uma falta grave que deve ser limpa com a oferta de um animal fêmea. (BIBLIA, LIVRO DO LEVÍTICO, 1991, cap. 5, ver. 4).

Um deus macho, machista e irado era o instrumento maior de controle da vida de toda a população “Não descubrais as cabeças, nem rasgueis as vossas vestes; não suceda que morrais e que se levante a ira do Senhor contra toda a Assembléia [...] E obedeceram à palavra de Moisés.” (BIBLIA, LIVRO DO LEVÍTICO, 1991, cap. 10, ver. 6).

De todas essas aberrações, que eram seguidas fielmente pela população, as de controle estritamente sexual são as mais abomináveis e de maior enfoque neste trabalho, já que objetiva justamente a análise do controle da igreja em relação à vida sexual das pessoas e que vem influenciando até nossos dias as formas de vida e a reação das pessoas diante de acontecimentos ligados à sexualidade.

3.2.2 As impurezas sexuais

Conforme a Bíblia (LIVRO DO LEVÍTICO, 1991, cap. 12, ver. 1-8) é totalmente dedicado a deixar clara a impureza da mulher que procria. Embora se saiba que não existia na época outra forma de reprodução humana, essa reprodução era vista como algo sujo e destinado às mulheres que tinham na carne o estigma do pecado.

Quando uma mulher der à luz um menino, será impura durante sete dias, como nos dias de sua menstruação. No oitavo dia far-se-á a circuncisão do menino. Ela ficará ainda trinta e três dias no sangue de sua purificação. Se ela der à luz uma menina, será impura durante duas semanas, como nos dias de sua menstruação, e ficará sessenta e seis dias no sangue de sua purificação. Cumpridos esses dias, por um filho ou por uma filha, apresentará ao sacerdote [...] um cordeiro de um ano em holocausto, e um pombinho ou uma rola em sacrifício pelo pecado. (BÍBLIA, LIVRO DO LEVÍTICO, 1991, cap. 12, ver. 2-6).

Mais uma vez fica evidente que entre homens e mulheres há uma diferença que é patente. É mais grave dar a luz a uma menina do que a um menino. É preferível ter um filho homem já que o pecado é menor e que o sacrifício pelo “ato” será menos oneroso.

Talvez não por acaso, em dois momentos desse mesmo livro do Levítico, as mulheres tinham suas impurezas delatadas. No primeiro momento, era quando ela dava a luz e que já mencionamos acima e, depois volta a ser mencionada a sua impureza (BÍBLIA, LIVRO DO LEVÍTICO, cap. 15, ver. 19-31), mas dessa vez relacionada à sua menstruação normal, mensal e cíclica como é de praxe a todas as mulheres que têm seus órgãos sexuais maduros e em funcionamento. Nesse mesmo capítulo 15 (ver. 32-33), são delatadas as impurezas sexuais do homem relativas exclusivamente à gonorréia e depois às da mulher relativas à sua menstruação.

Na Bíblia, o livro do Levítico (1991, cap. 15) pode remeter a infinitas abstrações. Quando se trata de doenças venéreas, por exemplo, podemos perceber que ainda existem neste século XXI, mas que já eram conhecidas naquela época e denominadas como o são hoje. Quando se fala das formas de controle e das formas de oferecer sacrifício, podemos perceber a dominação sutilmente imposta: não precisava confessar o pecado da gonorréia, mas a forma de oferecer animais em sacrifício tinha algumas peculiaridades que deixavam evidente a doença no momento em que o “pecador” subiria ao altar. Ainda, nesse mesmo capítulo percebemos as impurezas sexuais do homem “Todo homem que tem uma gonorréia, será por isso mesmo impuro. A impureza está no fluxo, quer sua carne deixe correr o fluxo quer o retenha, há impureza.” (BÍBLIA, LIVRO DO LEVÍTICO, cap. 15, ver. 2-3)

Esse controle não apenas sexual, mas econômico, social e moral imposto pela igreja, reflete no modo de vida de toda uma população. A visão de vivência sexual que temos hoje, é completamente diferente da dos nossos ancestrais, mesmo assim, estamos impregnados pela cultura religiosa que os formou e informou. Estamos num meio termo entre a cultura da religião do passado e a cultura da mídia, do comércio, da poder econômico do presente.

É através dessas observações que podemos, retornando à explicação bíblica da origem do ser humano e ancorados nos escritos de Nietzsche, afirmar que a bíblia traz ensinamentos que vão

contra a natureza humana: “Pregar a castidade é um incitamento público a atos contra a natureza. O desprezo da vida sexual inculcá-lo com o conceito de ‘impureza’, é um verdadeiro delito contra a vida, constitui um verdadeiro pecado contra o espírito santo da vida.” (NIETZSCHE, 2002, p. 74).

Há também que se levar em conta que a bíblia pode ter sido alterada de acordo com a visão de época de cada nova edição e cada nova tradução, pois não há uma fidelidade confiável nas traduções tendo em vista que cada língua tem seus aspectos particulares que são impossíveis de serem traduzidos literalmente. “Tradottore, traditore” (tradutor, traidor) é um ditado italiano que traduz exatamente o que referimos acima.

Assim sendo, a educação sexual torna-se atualidade, uma faca de dois gumes: ou se educa segundo a bíblia e se arca com as conseqüências nefastas do ridículo do pecado original, da castidade como salvadora da alma e aí Nietzsche faz mais uma observação: “Noutros tempos a alma olhava o corpo com desdém, e então nada havia superior a esse desdém: queria a alma um corpo fraco, horrível, consumido de fome! Julgava deste modo libertar-se dele e da terra. Ó! Essa mesma alma era uma alma fraca, horrível e consumida, e para ela era um deleite a crueldade!” (NIETZSCHE, 2003), ou se educa dentro de uma visão mais libertadora da sexualidade, e arca-se também com as conseqüências nefastas já que não temos conhecimento, abertura e linguagem adequada e já que a nossa sexualidade, reprimida ao longo dos séculos, não nos permite uma coerência entre o que pensamos, o que fazemos e o que devemos ensinar. “Se determinado homem obteve uma convicção inabalável a respeito da verdadeira realidade das doutrinas religiosas, a partir de um estado de êxtase que o comoveu profundamente, que significação isso tem para os outros?” (FREUD, 2004).

Para Nietzsche (2002, p. 47) “[...] o homem é de todos os animais o mais imperfeito, o mais mórbido, o mais perigosamente desviado dos seus instintos – ainda que, com tudo isso, seja o animal mais interessante” e aí reside a necessidade de uma nova visão da sexualidade, nem tanto bíblica, nem tanto herege, mas natural apenas, assim como o foi durante o longo processo de humanização.

A fé cega, nos conduz a um mundo em que é mais cômodo viver. Não se questiona, apenas se segue. Mas é preciso que se saiba que a vida não condena, não pune, não vê pecado no natural, “Não há pecado na vida e sim na inocência.” (NIETZSCHE, 2002, p. 24).

As reformas religiosas que se seguiram, como a de Martinho Lutero, trouxeram outras formas de vivência e outra visão a alguns atos que eram tidos como pecado. “A ênfase do celibato na igreja foi atacada por Lutero e vários outros reformistas, que tendiam a elevar o estado do casamento; ao mesmo tempo, eles negavam ser o mesmo um sacramento e permitiam o divórcio.” (GREGERSEN, 1983, p. 17).

Ao mesmo tempo que a reforma procurou trazer alguma forma de libertar o sexo da igreja, outras contra-reformas foram revalidando o caráter sagrado do sexo para a reprodução e do pecado de tudo o que se relacionava a ele. Segundo Gregersen (1983), existem três grandes movimentos que tenderam a legitimar os preceitos primordiais da igreja, desde a Reforma:

- a) a ascensão dos puritanos na Inglaterra no século XVII que, apesar de não se oporem ao sexo dentro do casamento, eram intolerantes com o adultério e a idolatria sem paralelos na história da Cristandade. Desenvolveram uma extraordinária paranóia sobre orgias sexuais⁵ satânicas;
- b) o renascimento das doutrinas Agostinianas na Igreja Católica Romana, sob o rótulo de Jansenismo. Esse movimento reforçava o dano causado pelo pecado original e os males da luxúria à natureza humana;
- c) o vitorianismo, que pregava os males que a perda de sêmen poderia provocar, debilitando o homem.

Assim evoluíram as normas religiosas e foram educando gerações. Mas “avaliar o valor das doutrinas religiosas não se acha no escopo da presente investigação” (FREUD, 2004).

Diante de tudo isso, nos resta perguntar: Como educar adequadamente essa grande diversidade de seres, frutos de diferentes culturas e opiniões se somos altamente desconhecedores de toda essa evolução cultural e biológica que nos forma a cada nova geração?

3.3 AS REGRAS E NORMAS SOCIAIS

Entre os seres humanos, em nenhum lugar o sexo permaneceu meramente um ato físico para aliviar certas tensões corpóreas. Ele transformou-se dentro de todas as sociedades humanas, para tornar-se uma área básica para a moralidade e organização da sociedade. Numa distância ainda maior da biologia, ele gerou temas que passam através da religião e da arte, e assim participa de sistemas simbólicos excessivamente complexos. (GREGERSEN, 1983, p. 3).

⁵ Que segundo Dan Brow, eram os ritos religiosos de culto aos deuses antes da religião impor suas regras. Segundo ele, um ritual sexual com a finalidade do orgasmo era o momento de oração mais sublime em que o homem, em êxtase, estava com a mente livre e portanto, mais próxima e mais semelhante a deus.

Estar sujeitos a normas e convenções sociais é próprio da cultura humana. E cultura, é assim definida por Humberto Maturana: “[...] é uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações.” (ZÖLLER; MATURANA 2004, p. 33).

Desde muito cedo, na história da civilização, foram se impondo determinismos, decisões e regras que, possivelmente, despercebidamente vão passando de geração em geração através das diferentes culturas: “As sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e idéias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos [...]” (MORIN, 2001, p. 29).

Embora a Igreja tenha sido uma das entidades que mais fortemente controlou, controla e por muito tempo ainda controlará o viver humano, as regras e as normas sociais que antecedem e mais tarde se foram instaurando em torno e a despeito dos ditames religiosos, merecem ser buscados para uma melhor compreensão do nosso viver sexual e para uma melhor compreensão das raízes que fundamentam as nossas dificuldades de uma educação sexual mais aprofundada e mais natural porque “O homem nasce livre, mas é como escravo que ele passa a sua vida”. (REICH, 1999, p. 1).

Se observarmos o breve relato histórico das fases da vivência sexual, detectadas por Nunes, poderemos confirmar essa teoria de que as regras e as normas sociais é que determinam muitas de nossas condutas e comportamentos. Nunes (1997) diz que é possível fixar cinco etapas, historicamente organizadas, para compreender a sexualidade no mundo ocidental:

- a) A primeira será a compreensão mítica, semidivinizada, das sociedades agrárias no Oriente Médio. Nessas sociedades, a mulher era senhora e dona das verdades, era quem tinha o poder de gerar a vida, era ela quem representava a fertilidade que era cultuada representada pela “Deusa-Mãe” ou “Terra-Mãe”. A representação simbólica desses cultos manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mais especificamente a vagina, representada por um triângulo. A exaltação e a divinização do sexo feminino podem ser explicadas pela falta de relação adequada, na mente do homem primitivo, entre causa e efeito da fecundação, desconhecimento da paternidade e da relação entre o ato sexual e a gravidez pela falta de adequada noção de tempo.
- b) A segunda etapa identificada inicia-se com o advento das civilizações urbanas do mundo antigo. O homem descobre sua participação na geração da vida; surgem as

primeiras manifestações do patriarcalismo que vemos crescer ao longo dos séculos. O sexo gradualmente perde seu caráter mítico e passa a ser mais “racionalizado”, mais conhecido e controlado. Distingue-se o sexo da reprodução e da fecundidade, e é possível introduzir a noção de prazer. A divisão do trabalho acentua-se, e o homem usurpa certos privilégios da mulher tomando em suas mãos o controle da produção e da reprodução da vida.

- c) A terceira etapa, que se dá a partir do século V, pode ser chamada de “civilização cristã”. Coincide com a desestruturação do mundo antigo com a queda do Império Romano e a emergência da Igreja como instituição que lentamente catequiza e organiza o mundo bárbaro. Surgem uma nova antropologia e uma nova teologia, o predomínio dos valores espirituais e morais, a superioridade do espírito e o estímulo ao medo das condenações eternas, tudo isso engendra uma nova compreensão da sexualidade e um novo comportamento sexual. A sexualidade passa novamente ao controle da religião. Alguns autores vinculam o ideal celibatário da igreja com a conservação de sua propriedade ameaçada pelo direito de herança que caberia aos filhos, numa estrutura familiar.
- d) A quarta etapa de nossa pontuação é justamente ligada à transformação do mundo medieval com o advento da sociedade capitalista, das entranhas do feudalismo. A nova sociedade precisa muito da energia sexual para o trabalho, e a repressão da sexualidade é muito forte. O auge desse modelo se dá com a compreensão repressora da sexualidade na época da Rainha Vitória, a era vitoriana. Sobre o sexo, o silêncio.
- e) Uma quinta periodização se pode fazer com a perda da hegemonia européia sobre o mundo: a sociedade de consumo. Toda a repressão sexual vivida nos séculos XVI, XVII e XVIII começa a tomar novo impulso e novo rumo a partir do século XIX. Há uma “descompressão” da sexualidade.

O século XIX, onde ocorre essa “descompressão” sexual é visto por Cabral (1995) como sendo o século de rupturas, pois vários aspectos da vida humana são pensados e pesquisados:

O século XIX [...] torna-se um século de ruptura. A partir da metade dele, o mundo é surpreendido com idéias revolucionárias a respeito da origem e evolução do homem – Darwin; do surgimento e desenvolvimento das instituições sociais; da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem – Marx; da crítica radical à moral vigente – Nietzsche; e, finalmente, da valorização do sexo e a explicação de que é a sexualidade que está na base de qualquer expressão humana – Freud. (CABRAL, 1995 p. 23).

Assim, podemos pensar que se as regras e normas sociais ditadas por seus membros e não por uma instituição religiosa, retomam hoje a ordem das coisas. Elas já existiam antes e foram entrecortadas e talvez até impedidas de prosseguir quando a igreja, que também é uma entidade social, assumiu esse papel. Hoje, a igreja está sendo deixada de lado, não por sua própria vontade, mas porque a humanidade, na sua evolução natural, vem aos poucos encontrando outros valores, adotando outras posturas e por vezes até “se rebelando” contra o sistema e as normas impostas por ela. É a evolução natural se impondo e modificando a ordem das coisas.

Biológica e culturalmente, as regras foram se impondo e sendo impostas de forma tão entrelaçada que fica difícil separar a responsabilidade da evolução biológica humana na imposição das regras e da responsabilidade cultural. Ou seja, biologia e cultura juntas impõem normas que são seguidas pela humanidade e esta, sem perceber, adota para si esses comportamentos porque já está “condicionada” a obedecer essas normas.

Podemos questionar, por exemplo, a questão do patriarcado que foi tomada pelos historiadores como a era da divisão das tarefas em que aos homens era dado o poder e a sabedoria para resolver os problemas externos e à mulher cabia a tarefa de cuidar do lar e educar a prole. Essa divisão de tarefas já acontecia no início da civilização quando a grande seca atingiu a floresta e algumas espécies tiveram que abandonar seu habitat, ou foram abandonadas por ele e iniciaram a caça como forma de alimentação.

Morris (2001), em “O macaco Nu”, faz um resgate antropológico da evolução da sexualidade humana e nos dá pistas importantes sobre essas regras sociais de divisão do trabalho e do quanto biologicamente essas regras precisam ser seguidas. Ele assim nos fala:

[...] o macaco pelado tinha de caçar, para sobreviver. Em seguida, tinha de ter um cérebro mais desenvolvido, para suprir sua inferioridade física na caça. Em terceiro lugar, tinha de viver uma infância muito mais longa, para crescer e educar um cérebro maior. Em quarto lugar, as fêmeas tinham de dedicar-se de corpo e alma aos bebês, enquanto os machos iam à caça. Em quinto lugar, os machos tinham de cooperar entre si durante a caça. Em sexto lugar, tinham de manter-se em pé e de usar armas para caçar alguma coisa [...] E acredito que essas mudanças contêm os ingredientes necessários para a elaboração da nossa atual complexidade sexual (MORRIS, 2001, p. 48-49).

Isso nos leva a inferir que machos e fêmeas tinham tarefas distintas e essas normas sociais não se deram por “par ou ímpar”, mas em função da própria fisiologia que, na evolução cultural e biológica dera à fêmea os órgãos necessários à alimentação da prole e que, em função disso, elas deveriam permanecer no local onde estavam os filhotes enquanto os machos saíam à caça. Morin (1975) em seu livro “O enigma do Homem” também nos reporta ao macaco em processo de hominização e na relação entre masculino e feminino que biologicamente impõe normas e regras sociais:

[...] a caça, ao desenvolver-se, vai causar uma reestruturação da sociedade primática. A sociedade dos primatas mantinha no mesmo espaço os machos e as fêmeas, com os jovens afastando-se somente para a periferia vizinha. A sociedade hominídea viria a separar ecológica, econômica e culturalmente os sexos, que a partir de então, seriam duas quase sociedades em uma. (MORIN, 1975, p. 70).

Diferentes anatomicamente, mas ligados biológica, social e culturalmente, começam a estabelecer normas e regras de convivência que paulatinamente os vão diferenciando das demais espécies e os vão tornando humanos.

Assim, podemos empreender em um novo questionamento: Até que ponto as regras e as normas sociais influenciam ou são influenciadas pela vivência sexual da humanidade?

Como não dispomos de confirmações concretas sobre o surgimento das imposições sociais de comportamentos, seguimos os estudos antropológicos que determinam, através de estudos de ossadas e dos conjuntos dessas ossadas, como deve ter sido a organização social das condutas dos povos primitivos e pré-homínidas. O que podemos afirmar é que foi o surgimento da cultura propriamente dita que fez com que as regras e normas sociais fossem se impondo. A necessidade de repassar as experiências positivas e negativas de geração para geração é que firmaram no seio da humanidade as regras de comportamento mais adequadas a cada geração.

[...] a mais rica complexidade da sociedade hominídea necessita, pelo menos a partir do *homo erectus*, primeiramente para se manter e, depois para se desenvolver, de um conjunto de informações estruturadas segundo regras, informações e regras essas que não são inatas geneticamente no indivíduo e que também não resultam da simples ação das interações entre indivíduos e grupos. (MORIN, 1975, p. 81, grifo do autor).

Resta esclarecer que a cultura surgiu somente após o desenvolvimento da linguagem. O surgimento da linguagem, no entanto, não foi obra do acaso, mas de uma complexa evolução biológica e cultural que foi sendo paulatinamente desenvolvida. Ainda, segundo Morin (1975), para que tenha havido possibilidade de linguagem, era preciso:

- a) mutações genéticas, as quais, talvez separadamente, talvez simultaneamente, rearrumam a caixa craniana, dão-lhe aptidões acústicas e, desenvolvendo o cérebro, dispõem nele um centro organizador próprio para a linguagem (*homo erectus*?);
- b) uma complexidade crescente da organização social requerendo cada vez mais comunicações;
- c) uma relação mútua e uma interação entre essas duas ordens de fenômenos.

Se entendermos as raízes de tantas dificuldades, poderemos nelas ancorar um novo projeto, não de educação sexual para os alunos, mas de “reeducação sexual do educadores” que, com sua sexualidade entendida e/ou bem resolvida, terão outra visão da sexualidade e conseguirão, sem traumas nem pudores, educar seus alunos para a vivência da sexualidade responsável e consciente, o que resultará em uma melhor qualidade de vida para todos. Seria talvez a imposição de mais normas e regras sociais para os educadores? Talvez, mas as regras e normas sociais não são de todo más. São, às vezes, até necessárias e é Freud quem nos explica isso:

Mas quão ingrato, quão insensato, no fim das contas, é esforçar-se pela abolição da civilização! O que então restaria seria um estado de natureza, muito mais difícil de suportar. É verdade que a natureza não exigiria de nós quaisquer restrições dos instintos, deixar-nos-ia proceder como bem quiséssemos; contudo, ela possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir. Ela nos destrói, fria, cruel e incansavelmente, segundo nos parece, e, possivelmente, através das próprias coisas que ocasionaram nossa satisfação. Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza. (FREUD, 2004).

As regras e normas sociais são necessárias porque mantêm uma unidade de conduta individual e de comportamentos coletivos. Ou seja, visam uma unidade de ações que permitam a convivência *harmônica* entre os habitantes do planeta. E, quando o autor fala da nossa defesa contra a natureza, ele explica:

Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização. Uma das poucas impressões gratificantes e exaltantes que a humanidade pode oferecer, ocorre quando, em face de uma catástrofe elementar, esquece as discordâncias de sua civilização, todas as suas dificuldades e animosidades internas, e se lembra da grande tarefa comum de se preservar contra o poder superior da natureza. (FREUD, 2004).

Embora sejamos contra algumas regras e normas sociais, elas nos parecem necessárias:

Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. (FREUD, 2004).

Freud (apud CECCARELLI, 2000, p. 80), deixa claro que as regras e normas sociais afetam profundamente o ser humano por conta das suas tendências antagonistas. Ele assim nos fala:

[...] por um lado, a condição primeira para que o bebê do homem se transforme em sujeito é a renúncia ao narcisismo - ou, se preferirmos, ao gozo narcísico - ou seja, a entrada no mundo do limite da castração e da morte. Por outro lado, uma tal renúncia nunca é completa, e a convicção de que, logo no início da vida, algo foi-nos roubado, que nada, nenhuma gratificação será uma indenização à altura do "objeto primordial" perdido, é uma constatação que se traduz pela reivindicação universal, que pode ser patológica em alguns casos, de que a comunidade nunca nos dá aquilo que nos é de direito. A própria civilização é, em seu cerne, marcada por aquilo que afeta o sujeito do desejo: o recalque. (CECCARELLI, 2000, p. 80).

Essa *castração* social, ou essa necessidade que a sociedade tem de formatar os seres todos dentro de uma mesma cultura, são regras e normas que afetam a vivência natural e que nos diferencia dos animais, que é uma preocupação constante dos organizadores das sociedades humanas.

Este conflito inerente à condição humana pode também ser expresso da seguinte forma: ser "um", ou seja, unir-se na comunidade constituindo-se mais um membro desta e, por outro lado, manter os privilégios de ser "UM", "ÚNICO", quer dizer, ocupar o lugar do filho predileto, no mito de Totem e Tabu. A perspectiva que se segue é pouco alentadora: os homens não podem nem suportar a civilização, nem viver sem ela; eles têm que viver juntos [...] separadamente. (CECCARELLI, 2000, p. 80).

Essas regras e norma sociais parecem ter um fim único: controlar a sexualidade dos seres humanos: “Se por um lado, é a civilização que constitui o homem e o protege, por outro, ela exige deste último, para que a vida em comum seja possível, o recalque, ao menos parcial da sexualidade” (CECCARELLI, 2000, p. 80).

3.4 A QUESTÃO MERCADOLÓGICA DA SEXUALIDADE E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Em palestra para professores do Rio Grande do Sul, a psicóloga Angela Leal, de Florianópolis faz uma analogia bastante interessante entre a televisão e a caverna de Platão. Ela se refere à televisão como sendo a própria caverna de Platão da modernidade e diz que as imagens que a televisão projeta são as sombras que as pessoas vêem no fundo da caverna, são

as visões daquilo que a grande massa humana pensa ser a realidade. Ao falar do medo de ousar viver as próprias experiências, ela diz que as pessoas as vivem através das sombras e dos atores. As pessoas têm medo de se permitir buscar um beijo, por exemplo, e o vivem através das emoções das novelas. Têm medo de se permitir muitas coisas e se permitem através das cenas programadas especialmente para essas pessoas.

Essa caverna de Platão da modernidade, chamada televisão, que todos temos em nossas casas tem trazido conseqüências e resultados que certamente não foram sequer imaginados pelo seu criador.

Há cinquenta anos a TV foi lançada no mercado com um precário conhecimento da sua influencia sobre o comportamento humano. Mesmo sem a garantia de uma única pesquisa científica, a indústria decidiu que era oportuno colocá-la à disposição dos consumidores. Quando sua produção entrou em escala industrial, já era tarde. Depois da TV não se fabricaria outro aparelho capaz de se entranhar de maneira tão profunda na vida cotidiana das pessoas, sem distinção de sexo, idade, raça, credo, ou classe. (ACOSTA-ORJUELA, 1999, p. 13).

No entanto, uma questão trazida por Ceccarelli, pode ser o aval que os inventores desse meio de comunicação podem pautar sua defesa: “É-se responsável pelos efeitos secundários que não se desejou?” (CECCARELLI, 2000, p. 75).

Assim, como que, num passe de mágica, esse misterioso aparelho começou a fazer parte da vida cotidiana das pessoas. As suas conseqüências? As pesquisas que podem nos dar essas respostas estão surgindo agora.

Para Acosta-Orjuela (1999) a influência que a mídia exerce no cotidiano das pessoas, é algo bastante preocupante. Em relação às crianças e adolescentes a preocupação deve ser ainda maior já que estão na fase de formação de valores, conceitos, modelos de condutas e comportamento sexual:

O vínculo chega a ser tão estreito que entre os 2 e os 15 anos a única coisa que crianças fazem mais do que ver TV é dormir. Justamente numa fase crítica, em que os modelos que observam são de extrema importância para a formação de seus valores e padrões de comportamento. (ACOSTA-ORJUELA, 1999, p. 14).

Em estudo publicado na revista Roteiro, Gewehr e Hetkowski (2000) pesquisam a influência do grupo no comportamento do indivíduo da era televisiva. A descoberta dos pesquisadores surpreendeu-os já que não há uma influência e sim uma dialética que perpassa essa tríade: “Percebemos durante a pesquisa que a relação entre o adolescente, a televisão e o grupo, é dialética e não ‘do grupo ao indivíduo’, como havíamos hipotetizado inicialmente.” (GEWEHR; HETKOWSKI, 2000, p. 171).

Se a televisão, não apenas influencia, mas é parte intrínseca da vida do adolescente, podemos inferir que ela faz mais do que influenciar; ela é vivenciada pelo adolescente. Não apenas dita normas de comportamentos, mas participa da vida de cada um:

Assim é que a televisão mantém a solidão do adolescente remediada. Ela funciona como um espelho no qual se pode depositar a ansiedade e conquistar, através dos ídolos, uma posição ainda inatingível para um eu em construção. A ‘moratória’ adolescente ganha força com a televisão que adia sua participação ativa na conquista de seus ideais, ainda – e talvez por essa razão – que o admita no meio, fazendo do adolescente uma imagem do seu próprio esquecimento. (GEWEHR; HETKOWSKI, 2000, p. 169).

Assim, podemos analisar essa vivência ‘harmônica entre adolescente, televisão e grupo, quando o assunto é sexualidade. A sexualidade, por ser algo inerente ao ser humano desde antes mesmo de seu nascimento, obedece a um certo padrão de fases. A criança, ao nascer, já traz consigo um potencial sexual e uma sexualidade que lhe são próprios. Negar a sexualidade infantil, é como negar parte da constituição do ser humano. No entanto, esse *amadurecimento* da sexualidade, se dá paulatinamente ao longo do processo de constituição desse ser humano, ou seja, a cada fase ou época da vida, a sexualidade humana vai se modificando e acompanhando o processo natural do crescimento e do amadurecimento do ser. Essa maturação natural deve ser respeitada para que o sujeito em construção se constitua naturalmente e “[...] a exposição prematura a um excesso de estímulos sexuais pode ser problemática.” (CECCARELLI, 2003, p. 9). Na modernidade, com essa presença tão forte da mídia, principalmente televisiva, que oferece esses excessos, como lidar com isso? Se as crianças estão expostas e podem tomar como regra os comportamentos mostrados, tanto mais os adolescentes que estão na fase de substituição dos modelos familiares por modelos sociais.

Os adolescentes tão pouco estão ao abrigo dos efeitos da mídia que podem ser perversos. A busca de modelos externos, típica desta fase de separação dos modelos familiares, fazem com que aqueles carentes de referências que suportem esta passagem tomem aos padrões e comportamentos sexuais que a mídia exhibe como ‘regra de conduta’. (CECCARELLI, 2003, p. 9).

Uma pesquisa publicada em 2000, coordenada pela médica britânica Judith McKay do *Royal College of Physicians* da Inglaterra e citada pelo jornal O Estado de São Paulo (2000 apud COBRA, 2002) diz que o Brasil é o campeão mundial na prática do sexo. O professor Cobra (2002), ao comentar essa pesquisa, afirma que “esse fato espelhou não somente o comportamento de um povo, mas acima de tudo um estilo de vida, centrado no prazer”.

O mais interessante é que esse mesmo autor afirma mais adiante que “o marketing apenas observou uma tendência e passou a dirigir o seu foco para a realização de desejos

explícitos e até mesmo ocultos”. Quer dizer, a tendência à *prática do sexo* já existia e o marketing, observando isso formatou e direcionou suas ações para esse foco. Estaremos, com essa afirmação, excluindo a televisão e o marketing do compromisso da forma de vivência da sexualidade hoje? Afirmar anteriormente que cultura e biologia andam juntas na evolução sexual. Posso afirmar então que o marketing, ao mesmo tempo em que detectou tendências em relação à vida sexual das pessoas, também implantou e proliferou nova forma de vivência da sexualidade.

Se, no entanto, o marketing apenas identificou uma tendência e dela fez seu ponto de apoio, posso excluir essa categoria de análise da presente dissertação. Ou seja, a vivência atual da sexualidade é uma dada realidade. O Marketing, identificando isso a usou para fazer seu comércio e obter lucros. Mais adiante, o mesmo autor coloca a questão: “[...] o que se observa no mundo dos negócios, é que não existe sexo sem marketing, assim como não existe marketing sem sexo e nexo [...] Quem surgiu primeiro, o marketing no sexo ou sexo no marketing?” Parece agora que surge uma dúvida em relação à sua afirmação primeira.

Para Ceccarelli (2003, p. 9) “A mídia, tem uma responsabilidade ética com aquilo que exhibe, e não pode ignorar a sua participação na construção social, na formação de mentalidades e no desenvolvimento psicossocial da criança e dos adolescente.”

Não se pode negar aqui o caráter informativo que a televisão faz, como nenhum outro meio de comunicação por que associa sons e imagens. No entanto a carga ideológica e o interesse comercial que está por trás e por dentro de cada imagem, é algo que merece ser aprofundado. Aqui, pela intencionalidade do presente trabalho, estaremos fazendo um recorte mais especificamente relacionado com o uso do sexo e da sexualidade humanas.

Pensemos nessa perspectiva da televisão como um meio fortemente influenciador na vida das pessoas e com um apelo sexual altamente livre de tabus e preconceitos. Agora pensemos nessa influência em pessoas que ainda não têm um ponto de vista ou uma opinião própria formada como é o caso das crianças e das pessoas mais vulneráveis e facilmente influenciáveis. Agora, tentemos fazer uma associação de quebra e de junção de valores tão diferentes. A geração que assistiu o nascimento da televisão é a mesma geração que foi criada e educada dentro de valores religiosos e morais totalmente contrários aos da TV. Como conceber que a TV está em todos os lares, é adorada, substituiu a imagem dos santos nas famílias e tem um discurso que vai totalmente na contramão do discurso dos pais? E os pais e os filhos assistem a essa mesma tv... e as mães proíbem os filhos de falarem ou fazerem barulho durante a novela ou o comercial, obrigando-os a prestar atenção também. Aprofundemos a discussão.

Qual é o número de famílias que têm acesso à televisão ou que têm um aparelho em casa?

Segundo uma estimativa de 1998, das 92,6% das moradias com energia elétrica no país possuem aparelhos de TV dos quais 82,4% são em cores. Aumentou também o número de residências com mais de um aparelho de TV: 85% das classes A e B têm dois ou mais aparelhos em casa, além de videocassete e TV a cabo. Na classe C, o índice de lares com TV subiu para 47% (contra 25% antes do Real); este índice passou de 3% para 8% nas classes D e E juntas. (CECCARELLI, 2000, p. 78).

Diante desses números, as emissoras começaram a formatar sua programação para atingir esse contingente populacional, “baixando o nível” da produção e exibindo cada vez mais programas que vão ao encontro dos desejos da população e não à sua formação cultural ou social, como seria esperado que a televisão fizesse. Esses programas *deseducadores*, no entanto, não atingiram apenas a população mais carente e alijada da cultura.

[...] é curioso constatar que a adesão da população a estes programas não é um fenômeno localizado, centrado nas classes menos favorecidas e típico da realidade brasileira. Em países desenvolvidos, naturalmente dentro de suas realidades - por exemplo o Japão dito "o país da classe média por excelência" ou ainda a França onde o estudo secundário é invejável - observa-se um elevado índice de audiência dos programas populares, o que sugere que a qualidade da programação não é um reflexo do grau de instrução ou do nível sócio-econômico da população. Isto parece confirmar uma das leis básicas da teoria da informação: "quanto maior a audiência, menor a taxa de informação da mensagem veiculada, o que significa menor qualidade dessa mensagem". Mais uma vez, a velha tese parece confirmar-se: a televisão foi feita para o divertimento e não para espelhar, e menos ainda para fazer que se reflita, sobre o contexto sócio-político de uma nação. (CECCARELLI, 2000, p. 78).

Quer dizer, há uma forte tendência em se afirmar que a televisão e todos os demais meios de comunicação, influenciam sim na formação de valores sexuais e na transformação do corpo e do sexo em produtos de mercado. A virgindade, por exemplo, deixa de ser importante, “Não se pode negar que, economicamente falando, a prostituição rende dividendos. O que não ocorre com a virgindade, que só dá lucros espirituais.” (ALVES, 1986, p. 37)

E os educadores, já fizeram essa avaliação? Discutem os programas e comerciais assistidos por seus filhos e alunos? Se não fizeram, como conceber uma educação sexual voltada para a atualidade?

4 RESULTADO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Existem atualmente cento e noventa e três espécies de macacos e símios. Cento e noventa e duas delas têm o corpo coberto de pêlos. A única exceção é um símio pelado que a si próprio se cognominou *Homo sapiens*. Esta insólita e próspera espécie passa grande parte do tempo a examinar as suas mais elevadas motivações, enquanto se aplica diligentemente a ignorar as motivações fundamentais. O bicho-homem orgulha-se de possuir o maior cérebro dentre todos os primatas, mas tenta esconder que tem igualmente o maior pênis [...] já é mais do que tempo de examinarmos o seu comportamento básico.

Desmond Morris

4.1 METODOLOGIA

A pesquisa é o caminho pelo qual se desvelam e se constroem conhecimentos. No entanto, para que esses conhecimentos sejam desvelados e construídos, não basta apenas o pesquisador, nem tampouco boas técnicas. É preciso uma totalidade formada por instrumentos adequados, projeto bem definido e um bom construtor. Gatti ilustra isso de uma forma bastante peculiar quando diz:

Um bom martelo e uma boa pá são absolutamente necessários para um trabalho de qualidade, mas, também, necessita-se de um artesão habilidoso e experiente em seu uso para a obtenção de resultados qualitativamente bons. (GATTI, 2002, p. 53).

Em seu livro “História Social da Criança e da Família”, Áries (1981, p. 9) traz uma analogia também muito interessante acerca da pesquisa:

Costuma-se dizer que a árvore impede a visão da floresta, mas o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele em que o historiador mal começa a imaginar a visão de conjunto, enquanto a bruma que encobre os horizontes longínquos ainda não se dissipou totalmente, enquanto ele ainda não tomou muita distância do detalhe dos documentos brutos, e estes ainda conservam todo o seu frescor.

A pesquisa, para que traga bons resultados, precisa se revestir “[...] de algumas características peculiares para que possamos ter uma certa segurança quanto ao tipo de

conhecimento gerado.” (ARIEÉS, 1981, p. 10). E, quando o autor refere-se a “certa segurança”, não garante segurança total e absoluta, pois que, nenhuma pesquisa pode garantir um conhecimento com tal pretensão e com tal precisão, por que o que teremos é uma representação ou uma aproximação da realidade.

Para tanto, busquei na bibliografia existente, o melhor caminho ou a metodologia mais adequada para desenvolver este projeto tendo plena consciência que “[...] o objeto de estudo metamorfoseia-se segundo o tipo de visão que se aplica.” (MORIN, 1999, p. 113) e que, portanto, a pesquisa não pode ser algo vago e descolado da teoria e nem tampouco pensar que vai trazer a realidade na sua totalidade. Ela precisa ser planejada, pensada e muito bem estruturada para que se aproxime ao máximo da realidade e ao máximo da sustentação dos fatos e que permita um trabalho científico de qualidade.

Pesquisar envolve certas características que são peculiares a cada tipo de estudo. Assim, para desvendar as prerrogativas elencadas no problema de pesquisa, detectei que a pesquisa qualitativa se mostrou como o melhor caminho porque vai “além da superfície dos eventos.” (VIANNA, 2003, p. 83). Na visão de Richardson (1999, p. 90) a Pesquisa Qualitativa “[...] pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.”

Além disso, a pesquisa qualitativa apresenta cinco características apontadas por Bogdan e Biklen (1982 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11-13) que oferecem maior segurança: a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

A pesquisa qualitativa comporta diversas abordagens tais como: observação, etnografia, análise do discurso e análise de conteúdos. Optei neste trabalho, pela abordagem de análise de conteúdo já que “[...] a relação que vincula a emissão de mensagens [...] está necessariamente vinculada às condições contextuais de seus produtores” (FRANCO, 2003, p. 13). Além disso, é através da ,análise de conteúdo que poderei detectar os aspectos semânticos das palavras tão necessários a essa compreensão que empreendo. A mudança de significados das palavras através dos tempos, quando se trata de um tema tão carregado de ideologias e de preconceitos como é o caso da sexualidade humana, constitui-se em um rico manancial para a compreensão do assunto.

A presente pesquisa, portanto, é de caráter qualitativo, numa abordagem descritiva de análise de conteúdo onde foram buscados os aspectos culturais e biológicos da sexualidade, tendo em vista que somos, enquanto seres humanos, organismos formados a partir da união desses dois aspectos. É a soma desses fatores (cultura e biologia) que faz o nosso viver, sentir, fazer...

A presente pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva antropológica concordando com Severino (2001, p. 12) que diz que “[...] o estudo antropológico é um grande ausente” na formação de professores e na pesquisa educacional. Além disso, ele reforça que o educador “precisa amadurecer uma consciência que pertence à humanidade [...]” e, que, por isso, deve buscar na antropologia o fundamento para a compreensão da existência humana.

Assim sendo, a presente pesquisa teve dois momentos distintos, a saber: no primeiro momento, um estudo bibliográfico para levantamento da evolução biológica e cultural da sexualidade do ser humano; no segundo, a pesquisa de campo para identificar a visão da sexualidade e a compreensão que os educadores têm em relação aos processos de evolução da sexualidade humana e perceber quais as dificuldades apresentam ao educar para a sexualidade e a que fatores eles atribuem essa dificuldade na abordagem do tema, já que a sexualidade é inerente ao ser humano, desde o princípio dessa evolução.

Embora na pesquisa de campo esteja subentendida a pesquisa bibliográfica prévia, citei em separado esses dois momentos porque tinha um pressuposto de que as raízes culturais e biológicas da formação da sexualidade humana não seriam encontradas de forma sistemática na pesquisa de campo, por tratar-se de entrevistas com pais e professores que são frutos de uma ‘era dourada’ do silêncio e do tabu sobre a sexualidade. Assim, a maior ênfase na pesquisa foi a bibliográfica e a pesquisa de campo serviu como uma confirmação (ou não) dos pressupostos.

Os instrumentos de pesquisa que utilizei, foram obras bibliográficas de pesquisadores da área da evolução humana, mais especificamente antropólogos, e as entrevistas. Entrevistei aleatoriamente seis (06) professores das redes públicas estadual e municipal (03 do sexo feminino e 03 do sexo masculino) do município de Sananduva (RS), e três (03) casais de pais de alunos (3 mulheres e 3 homens) do mesmo Município.

Para análise dos dados, foram levadas em consideração quatro categorias: a evolução biológica/cultural do desenvolvimento humano, mais especificamente da sexualidade; a questão religiosa como mecanismo de controle da vida e das coisas relativas ao sexo; as regras e normas sociais e a questão mercadológica da sexualidade na modernidade.

Creio ter conseguido, seguindo esse método, alcançar um certo grau de compreensão da questão pesquisada, sem ter a pretensão de ter esgotado o assunto que é amplo, complexo e permeado por tabus e preconceitos que se estendem desde longínquas datas.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Educar para a sexualidade responsável e consciente parece ser a meta de alguns educadores, sejam eles pais ou professores.

Louvável essa atitude, no entanto, ela se mostra frágil e vazia de conteúdo a partir do momento em que começo a compreender que a sexualidade, da forma como é vivida hoje, necessita mais de compreensão do que de educação. A educação subentende a orientação para, mas a compreensão sugere a tomada de consciência de como a sexualidade é vivida na atualidade e das raízes que assim a moldaram e moldam a cada dia. “Só poderemos adquirir uma compreensão objetiva e equilibrada da nossa extraordinária existência, se lançarmos um olhar duro sobre as nossas origens e estudarmos os aspectos biológicos do atual comportamento da nossa espécie”. (MORRIS, 1975, p. 21). É a partir dessa compreensão que os educadores poderão pensar uma orientação para a sexualidade livre, responsável e emancipatória.

É vasta a bibliografia existente sobre métodos e técnicas de educar para a sexualidade. No entanto, é escasso o referencial que busca compreender a profundidade dos processos evolutivos, tanto biológicos quanto sociais, de toda essa formação sexual da qual somos frutos. Assim, o que pretendo, não é trazer algum método novo de educação sexual, mas sim, trazer à tona e ao nível da palavra, todo o processo da evolução da sexualidade humana ao longo da história da humanidade para a sua compreensão. E a partir dessa compreensão, buscar formas de educar... (ou não), para a vivência da sexualidade.

Se pensarmos que os mecanismos sociais e biológicos que possibilitaram o desenvolvimento da sexualidade humana, são semelhantes aos que formaram o desenvolvimento de todo e qualquer processo humano, como por exemplo os processos digestivos, podemos pensar em uma educação ou reeducação sexual sim, já que falamos constantemente em uma educação ou reeducação alimentar. A descoberta do fogo, por exemplo, trouxe uma mudança cultural radical na evolução humana, partindo do sistema digestivo, já que com o cozimento, tornou mais leves os alimentos, diminuindo a função

do estômago, e reduzindo o tamanho da arcada dentária. Essa redução na arcada dentária possibilitou maior espaço para o crescimento do cérebro, ou o aumento dos processos sociais, precisou de um cérebro maior e forçou a diminuição da arcada dentária. Certo está, que a cultura e a biologia se alteram concomitantemente, uma em função da outra. Com a descoberta de novas formas de alimentação, e hoje com o estresse do dia-a-dia, as pessoas se alimentam mal e rapidamente, necessitando de profissionais capacitados para orientar uma alimentação mais saudável, e é fala comum entre nutricionistas e profissionais da saúde a necessidade da “reeducação alimentar”. Se pensarmos por esse viés, precisamos admitir que a evolução cultural e a descoberta do sexo como mecanismo de prazer e de marketing para muitos produtos culturais, trouxeram uma super-utilização do sexo que pode estar causando estresses e uma vivência um pouco conturbada, necessitando também de profissionais que reeduem sexualmente as pessoas para uma vivência mais natural da sua sexualidade. Assim, a teoria que trago sobre os processos evolutivos e as entrevistas com educadores, mostram uma evolução natural da sexualidade, permeadas por visões de épocas diferentes, alterações biológicas decorrentes de alterações culturais e uma vivência da sexualidade que pode estar sendo mal conduzida em função da falta de compreensão e da falta de orientação adequadas por parte dos educadores.

Levando em consideração as categorias de análise apresentadas na terceira seção, faz-se necessário inferir que na questão de número dois da entrevista, embora não de forma explícita, estava aberta a oportunidade para que os entrevistados citassem as questões biológicas e/ou culturais já que as abordagens religiosas, comerciais e de regras sociais estão colocadas de forma explícita em questões posteriores. Não questionei de forma explícita sobre a evolução biológica da sexualidade por ter um pressuposto de que esse conhecimento ainda é bastante escasso entre os educadores e quis evitar constrangimentos aos entrevistados.

4.2.1 As dificuldades

A dificuldade que a grande maioria dos educadores apresenta ao abordar a questão da sexualidade é assim vista por Ceccarelli (2000, p. 18):

Meu interesse ao retomar o velho debate sobre "Sexualidade e Preconceito" é saber porque a sexualidade continua sendo um grande enigma do ser humano. Por que, a despeito de tanta "evolução" ainda existem tantos tabus e preconceitos em relação à sexualidade? Se observarmos as diversas reações da atualidade em relação a certas atitudes de conotação sexual, ficaremos impressionados ao constatar que tais reações permanecem imutáveis ao longo da história. Assim, enquanto no passado havia uma preocupação excessiva, que pode nos fazer rir, com a questão do prazer, com os perigos da masturbação e outros tantos ligados à sexualidade, hoje [...], assistimos a acontecimentos, no fundo, bastante semelhantes: recentemente a mídia noticiou que uma professora de uma escola pública de São Paulo, teria obrigado que um aluno de 4 anos lavasse a boca com sabão por ter beijado um colega. Nos USA um aluno de 7 anos foi indiciado por assédio sexual por ter abraçado uma colega! O suplemento TEENS da Folha de São Paulo de 18/10/99 publicou uma extensa matéria sobre um renomado colégio da Capital Paulista que estava ameaçando de expulsão um aluno que se declarou homossexual e disse estar apaixonado por um colega. Por que o sexual desperta tanto terror podendo, às vezes, gerar atitudes absurdamente repressivas?

As dúvidas e questionamentos desse e de muitos outros teóricos tem trazido a tona modelos de como educar para a sexualidade. Ao querer saber “porque a sexualidade continua sendo um grande enigma do ser humano”, o autor percebe que a cultura mudou, mas não vislumbra uma razão para tal mudança. Ele confirma em seu discurso a existência de dificuldades na compreensão e na atuação do educador, mas não informa as raízes de tais dificuldades.

A busca de informações sobre as dificuldades que os educadores (tanto pais como professores) apresentam ao educar para a sexualidade que abordei na introdução e na qual pautei a presente pesquisa, parece se confirmar também com a entrevista feita aos educadores⁶. Quando a questão é “Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir sua sexualidade?”, as respostas giram em torno da falta de informação: “Era proibido falar e pronto.” (MÃE 1). “Deus castigava quem falasse nessas coisas.” (PAI 1). “Falo sobre muitas coisas, outras coisas deixo eles aprenderem por aí, porque nem tudo sei como falar.” (PAI 1). Todos os entrevistados relataram suas dificuldades e em nenhum momento, qualquer um deles afirmou não ter tido dificuldades. Diante dessas falas dos educadores confirmo a afirmação que fiz na introdução quando digo que esse problema é da escola, pois “O silêncio da escola e a superficialidade com que tem tratado assuntos relevantes para a vivência sexual de seus alunos são, no mínimo, motivos de preocupação e de questionamentos” (SILVA, 1995, p. 3), mas é um problema também dos pais: “[...] os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa” (BRASIL, 2001, p. 111).

⁶ As entrevistas estão transcritas na íntegra como apêndices no final do trabalho, resguardadas as identidades dos participantes.

A falta de diálogo e informações fica mais patente na resposta do pai 3 (57 anos) “queria saber por que o pinto endurecia, de onde vinham as crianças e não havia a quem perguntar”. Questões básicas, elementares e totalmente naturais na vida dos mamíferos, como também na do mamífero humano, ficam à mercê do tempo e da desinformação para serem respondidas. Ou seja, os educadores entrevistados deixam claro que as suas curiosidades não foram satisfeitas e nem contempladas por seus pais. E hoje? Passados mais de 40 anos...

Por que, à despeito de tantos movimentos, de tanta informação, as campanhas que incentivam o uso do preservativo, assim como aquelas que procuram informar como evitar a gravidez na adolescência, são tão pouco eficazes? Que fatores inconscientes são despertados para que a atitude correta não seja tomada no momento em que isto se faz necessário? (CECCARELLI, 2000, p. 18).

Os questionamentos do autor mais uma vez ratificam a tese de que informação *de per si* não muda comportamentos que estão enraizados nas savanas africanas. Tantos movimentos e tantas informações não são suficientes e talvez nem sejam necessários para que as atitudes socialmente aceitas sejam tomadas.

Em todas as entrevistas e em cada palavra que os educadores pronunciavam, mesmo os que se dizem mais liberais, ficou evidenciada a dificuldade em tratar assuntos relacionados à sexualidade.

Entretanto, de todos os entrevistados, um chama especial atenção. É o pai 2 que afirma: “Quando fiz 12 anos meu pai me levou numa ‘zona’, essas casas de mulheres, para elas me ensinarem. Quase morri de medo e de vergonha. Desde então, sou assim... gosto de mulher e de sexo.”

Difícil analisar essa atitude numa época em que a grande maioria tenta preservar os filhos contra ‘o pecado’ do sexo. Uma tentativa desse pai de mostrar o quanto era moderno? Um bode expiatório para se omitir em falar, terceirizando algo que poderia ter sido explicado por ele mesmo de forma menos traumática? Um machismo declarado querendo dizer ‘homem pode e mulher não pode’? Como fazer sexo, o filho certamente aprendeu, no entanto a questão é bem mais ampla: e os sentimentos? E as dúvidas adolescentes dos por quês de certas sensações?

Diante dessa certeza das dificuldades dos educadores, lancei a questão: “De onde vem tal dificuldade?” E não foi surpresa descobrir que os educadores realmente desconhecem essas raízes. Alguns atribuem aos seus pais, outros, a outras gerações anteriores às de seus pais. Outros às normas e regras sociais, outros ainda a Deus ou à religião. Quando questionados sobre a origem das dificuldades, as respostas são bastante evasivas demonstrando que os educadores entrevistados realmente não tem noção alguma sobre as raízes de tais dificuldades:

“Não sei [...] nossos pais foram criados assim também. Tudo era pecado.” (MÃE 1). “Ao modelo conservador que meus pais foram criados.” (PAI 1). “As mães achavam feio, tinham vergonha e medo que fossem incentivar a vida sexual dos filhos.” (MÃE 2).

Mesmo para o pai 2, que teve uma experiência bastante diferente dos demais, o conhecimento das raízes é precário. Ele assim responde a essa questão: “Não sei explicar. Creio que meu pai pensava que conhecer mulher era “ser macho” e para ele era muito importante ser macho [...] meu pai já morreu [...] tenho um filho [...] não vou fazer isso com meus filhos.”

Diferentemente de seu progenitor, esse pai 2 poderá adotar uma atitude de diálogo ao invés de levar seu filho à prática do sexo. No entanto isso não garante que a vivência sexual do seu filho seja melhor ou pior do que a sua, mas ela certamente será diferente.

As respostas parecem não ter diferença quando a pergunta é lançada aos professores. Mesmo estes, que são vistos pelos pais como ‘mais preparados’ para trabalhar com as questões da sexualidade, apresentam respostas semelhantes para as mesmas perguntas: “A sociedade não permitia que se falasse nessas coisas. Não se falava e pronto, a gente aceitava isso como regra, como lei. É como falar hoje em jogar lixo no ambiente. A gente sabe que não pode... e não joga.” (PROFESSOR 1).

Ou esta: “A falta de informação talvez [...] apesar de que acho que é porque não conheciam o mundo como nós conhecemos hoje e também porque a religião incutia neles a coisa do pecado. Tudo era pecado e a gente se criou assim.” (PROFESSORA 1).

Se nos parece incrível que nem pais nem professores saibam explicar tais fatos, poderíamos esperar diferenças de respostas quando o entrevistado é do sexo feminino ou masculino, já que temos um pressuposto de que aos homens foi dada maior liberdade para a vivência sexual. Mas essa diferença não aparece nas respostas. Tanto homens quanto mulheres repetem, com palavras diferentes, que a dificuldade existe e confirmam que as raízes de tais dificuldades são desconhecidas. Assim, podemos inferir que maior liberdade sexual não está associada a maior compreensão. E, portanto, a liberdade que os adolescentes da era da informática têm, não significa também que sejam melhor informados e nem que tenham ciência das raízes de sua sexualidade.

No entanto, algo chama a atenção, é o fato de a mãe 2 dizer que atribui as dificuldades e a falta de diálogo “ao medo que as mães poderiam estar sentindo de incentivar ao invés de orientar.” Isso, embora não explique, talvez justifique muitas das ações dos pais da atual geração de pais – os avós. A idéia de sexo como pecado. Se falassem sobre, poderiam estar incentivando e os pais não queriam que seus filhos pecassem. Um conceito cultural que

moldou comportamentos. Para evitar tais comportamentos, se fazia necessário um reforçamento de idéias e atitudes que evitassem o pecado

O reforço positivo pode ser utilizado pelos pais para incentivar e fortalecer comportamentos desejáveis em suas crianças [...] além de ser uma excelente técnica de controle de comportamento, o reforço positivo proporciona inúmeros efeitos positivos no desenvolvimento das crianças. (SALVADOR; WEBER, 2005, p. 341).

Embora essa declaração seja uma consequência dos estudos de Skinner e embora nem todos os pais dos entrevistados tivessem acesso a esses conhecimentos, era senso comum nas gerações anteriores a idéia de que os comportamentos se instauram a partir de um incentivo. E não apenas nas gerações anteriores. É muito comum ainda nos dias atuais me deparar com pais que dizem que a escola não deveria falar sobre sexo para não incentivar os alunos.

Já Ceccarelli (2000), afirma que os comportamentos anti-sexuais, ou de repressão da sexualidade, surgiram em torno de mitos, sem comprovação científica alguma:

Pitágoras recomendava que as relações sexuais ocorressem de preferência no inverno, embora o fazer sexo fosse prejudicial em todas as estações do ano. Hipócrates considerava que reter o sêmen proporcionava ao corpo a máxima energia; a sua perda a morte (8). Segundo Sarano de Éfeso, médico pessoal do Imperador Adriano, o ato sexual só se justificava para a procriação. (CECCARELLI, 2000, p. 20).

Há razões históricas e de cunho religioso impedindo que se fale ou que se faça sexo. Assim, com toda essa histórica repressão, agora, depois dos anos 60, com a invenção da pílula anticoncepcional, onde há uma ruptura com esses valores, é de se esperar que os educadores da atual geração estejam sem um discurso adequado. Medo de estar incentivando? Vergonha de falar? Repressão histórica? Um pouco de cada e ao mesmo tempo todos esses fatores juntos.

E se os professores esperam que os pais possam dar essa orientação em casa, não é diferente o que os pais esperam da escola. Mas as coisas não são tão simples. Se essa repressão toda em que viveram pais e professores limitou a liberdade de expressarem sua sexualidade também impediu que obtivessem informações sobre o assunto. E sem informação fica comprometida a comunicação e a partilha de conhecimentos, de vivências e de experiências.

Hoje, fatos inconscientes obrigam algumas pessoas a abrirem o debate sobre a sexualidade. É o caso da AIDS, do homossexualismo, da pedofilia, dos estupros, da gravidez na adolescência e uma série de coisas que, biologicamente instauradas, abriram o debate culturalmente reprimido. “Com a eclosão da pandemia de Aids, foi unânime, entre investigadores da área, a compreensão de que ainda havia muitas limitações no que se refere ao conhecimento sobre as diferentes formas de expressão da sexualidade humana.” (ABRAMOVAY, 2004, p. 32). No entanto, as falas sobre a sexualidade ainda estão bastante

restritas “entre investigadores da área”. Pais e professores, na sua grande maioria, carregam o peso do desconhecimento e da vergonha de tratar do assunto.

As políticas educacionais, por seu turno, inserem o debate da sexualidade nos currículos escolares, como se todos os séculos de vergonhas, repressões e silêncio sobre o assunto pudessem desaparecer num toque de magia, com a criação de uma lei. É diferente de inserir Educação para uma Alimentação Saudável. Os educadores revelam claramente a sua “incapacidade” de tratar do assunto em sala de aula. Que políticas públicas estão por trás ou estão embasando esse debate da sexualidade? Mas o governo fez sua parte, criou a lei. E agora? Porque a educação sexual não acontece se isso já é lei? Que concepções sobre educação sexual terão os legisladores? Compreendem eles todo esse processo evolutivo que está por trás da sexualidade dos educandos que estão em nossas escolas e famílias? São perguntas, que somente os legisladores poderão responder.

A lei que obriga a educação sexual existe. O trabalho efetivo de atualização dos educadores é escasso. Com isso, a terceirização do assunto, é, em muitos casos, a grande saída.

“Não tenho coragem de falar para meus alunos as coisas que a televisão fala, então não preciso explicar muitas coisas porque eles já sabem.” (PROFESSORA 1).

É comum os professores admitirem a dificuldade em trabalhar sobre sexualidade e afetividade em sala de aula [...] Essa problemática, segundo Barrosos (1986) e Warken (2003), se associa a questões complexas, de cunho existencial e institucional, como o fato de que os próprios professores, muitas vezes, não sabem lidar com essa questão em suas vidas. Explicita-se a falta de preparo e de capacitação para repassar aos alunos os temas transversais sugeridos pelos PCNs [...] pois as dúvidas vão além da informação, passando por experiências de vida pessoal, íntima, sendo que os professores sentem-se, muitas vezes, constrangidos a se posicionarem. (ABRAMOVAY, 2004, p. 42).

Assim, podemos perceber que as falas sobre as dificuldades, tanto de educadores como de teóricos, apontam apenas para os fatores culturais e/ou sociais porque estão desprovidos desse conhecimento das raízes antropológicas e milenares que embasa nosso comportamento moderno. É preciso ampliar essa visão e perceber que há algo a mais que explica essa questão. É a evolução biológica dos seres vivos e principalmente dos seres humanos que, juntamente com a cultura, formaram toda essa gama de comportamentos atuais. Tanto as reações físicas ligadas ao sexo como as respostas orais a esses comportamentos são construtos biológica e culturalmente evolutivos.

E se, por um lado, comprovadamente existe essa dificuldade por parte dos educadores, por outro há uma crescente curiosidade por parte de alguns que começam a admitir essa dificuldade e demonstram interesse em tentar se livrar dela.

4.2.2 O conflito entre o cultural e o biológico na evolução sexual

Século XXI! Quanta alteração biológica o ser humano apresenta em relação ao Neandertal⁷. Quanta cultura produzida ao longo desses milhares de anos!

Desse modo, o macaco caçador tornou-se um macaco territorial. Todas as suas normas sexuais, familiares e sociais, começaram a mudar. A antiga forma de viver, vagabunda, de apanhar frutos aqui e acolá, foi desaparecendo pouco a pouco. O jardim do paraíso tinha, de fato, ficado para trás. Daqui para o futuro, tratava-se de um macaco com responsabilidade. Começou a preocupar-se com os equivalentes pré-históricos das máquinas de lavar e dos frigoríficos. Começou a desenvolver o conforto caseiro – fogo, despensa, abrigos artificiais. Mas temos que ficar agora por aqui, senão afastamo-nos do domínio da biologia e embrenhamo-nos no da cultura. (MORRIS, 1975, p. 20).

Quão tênue é a linha que separa e une cultura e biologia no ser humano.

Essa cultura que influencia e ao mesmo tempo é influenciada pela biologia, dita normas de comportamentos e de atitudes que vão se alterando e se alternando a cada geração. Os entrevistados, embora não apresentem conhecimentos científicos sobre essa evolução cultural e biológica, denunciam, na sua fala, que essa evolução existe. Pais e professores, que apresentam idades diferentes, também apresentam concepções e pensamentos diferentes. Essas mudanças de comportamento, no entanto, não cessam em uma determinada data e uma nova começa no dia seguinte. São alterações biológicas e culturais que vão se instaurando paulatina e despercebidamente e que, muitas vezes, geram conflitos entre as gerações. Vejamos um exemplo prático: ao nascer um bebê, na década de 50 e anteriores, era mantido durante sete dias no escuro e enfaixado até a mumificação. Uma atitude cultural que talvez se explique pela facilidade que, estando enfaixado, os demais irmãos poderiam cuidar deles, sem correr o risco de machucar. O cuidado de não machucar é algo biológico, de instinto materno. A faixa é algo cultural. Com a industrialização, as mulheres começam a sair para trabalhar e a grande maioria delas, leva seus filhos para creches ou contratam babás. Tanto as babás em creches, como as caseiras são adultas, dispensando as faixas. A própria medicina começa a estudar os benefícios e os malefícios da faixa no desenvolvimento dos bebês. A faixa é deixada de lado. Culturalmente, não se usa mais faixa nos bebês. Biologicamente, esses bebês vão sofrendo alterações físicas.

⁷ O Homem de Neandertal é uma espécie fóssil do gênero *Homo* (*Homo neanderthalensis*) que habitou a Europa e Paleolítico Inferior, no Pleistoceno, tendo coexistido com os *Homo sapiens* de que são considerados, por alguns autores, como uma subespécie (nesse caso, *Homo sapiens neanderthalensis*). Wikipédia (2007).

O exemplo acima citado, que não apresenta cunho científico na presente pesquisa, pode ser constatado a qualquer instante em conversas com as pessoas das gerações anteriores. Mas o que quero inferir é que biologia e cultura andam de mãos dadas conflitandose e complementando-se o tempo todo.

Um outro exemplo, agora de cunho científico, pode ser citado para comprovar a alteração que a biologia sofre de acordo com a influência do meio:

Durante o processo evolutivo, os mamíferos elevam sua temperatura corporal e desenvolvem a capacidade de mantê-la relativamente constante (homeotermia). Esse aumento da temperatura corporal foi acompanhado de um incremento da taxa metabólica e de uma exigência maior no transporte de oxigênio (O_2). Sendo o núcleo celular uma estrutura metabolicamente ativa, ele consome quantidades consideráveis de O_2 . Com a perda do núcleo, as hemácias dos mamíferos deixaram de utilizar oxigênio, tornando-se mais eficientes no transporte desse gás. (MAHECHA, 2006, p. 12).

Biologicamente, as hemácias ‘abandonam’ o núcleo para aumentar sua capacidade de transporte de oxigênio para manter a temperatura do corpo, em função de uma alteração na temperatura da terra. Com o aumento da temperatura média da terra, nesse século XXI, e com o efeito estufa, em função de alterações culturais no lançamento de gases e outros produtos no ambiente, nosso organismo vai permanecer como está? Que alterações biológicas vai sofrer a geração da era ‘efeito estufa’?

Com esses dois exemplos de alterações biológico/culturais concomitantes, posso compreender quando os educadores dizem: “[...] quando a gente sentia alguma coisa ia rezar para esquecer.” (MÃE 1). “Ele falava sobre cuidados, mas aquilo que eu sentia e que queria entender, só entendi quando tive minha primeira namorada.” (PAI 1). “Quando menstruei, falei para minha irmã que estava sangrando e que tinha machucado a perna.” (MÃE 1), “Querida saber porque o pinto endurecia.” (PAI 3).

O que eles realmente estão querendo dizer é exatamente isso: *a cultura não me permitia falar sobre as coisas que a biologia me fazia sentir*. Hoje, início do século XXI, há uma descompressão cultural onde se inicia um diálogo mais aberto sobre a sexualidade. E embora esse diálogo seja mais presente do que há 50 anos atrás, por exemplo, ainda é sutil e carregado de ideologias, tabus e preconceitos, porque não se conhece a origem do sexo e da sexualidade. O que temos e o que sabemos sobre o sexo, é tão somente aquilo que nos foi passado por uma cultura pós ‘Santa Inquisição’ onde as pessoas se viram obrigadas a lavar a alma e as concepções que tinham para crer e viver dentro das normas impostas por um grupo.

Para os Cristãos, o exemplo da vida do próprio Jesus elevou o estado de solteiro. Esta noção foi encorajada por São Paulo, que achava o casamento um bom estado, mas que o celibato era melhor: para aqueles que não podiam exercer autocontrole, era ‘melhor casar-se do que arder’ na paixão [...] Segundo Augustinho, alguns séculos depois, o sexo mesmo dentro do casamento era suspeito e ele duvidava que no Paraíso antes da Queda, Adão tivesse mesmo tido ereções, uma vez que a luxúria – concupiscência – não havia ainda entrado no mundo [...] Ofensas sexuais na Idade Média freqüentemente ficavam sob a jurisdição da Igreja, em vez de cortes seculares. (GREGERSEN, 1983, p. 16, 21).

Com essas concepções, a Inquisição queimava e sacrificava os que fossem contra suas idéias impostas. E assim se foram construindo as concepções que a atual geração ainda carrega sobre os sexo.

Hoje, é pertinente construir conceitos explicitando a influência da biologia e da cultura como palcos do desenvolvimento sexual, já que isso fez evoluir a humanidade. Precisamos perceber, que não somente nas teorias aqui trazidas, mas também na fala dos entrevistados, essa evolução existe. Não posso pensar que evoluir é “o motivo por que as espécies existem – como se evoluir fosse um objectivo imposto à existência”; a evolução é “algo que acontece aos organismos.” (RIDLEY, 2004, p. 41).

O que fica claro diante do que foi dito e demonstrado pelos educadores pesquisados, é que não houve, nem entre os mais velhos nem entre os mais jovens, nenhum momento que disseram ter ensinado esses novos comportamentos em relação à vivência da sexualidade. Quer dizer, a cada nova geração se instauram alterações significativas na vivência da sexualidade que não foram ensinadas ou repassadas cultural e socialmente, mas sim sentidas e vividas de acordo com reações naturais do corpo que sente tais necessidades em função da alteração da cultura que, ao se alterar, altera também a biologia da sexualidade. No entanto, esses comportamentos, embora não tenham sido ensinados explicitamente, eles também seguem regras que de uma forma ou de outra foram impostas por essa mesma sociedade: “os homens não podem nem suportar a civilização, nem viver sem ela; eles têm que viver juntos... separadamente (CECCARELLI, 2000, p. 77).

Ainda posso chamar Freud que diz: “Muitos deles [dos nossos antepassados] provavelmente nutriam as mesmas dúvidas que nós, mas a pressão a eles imposta foi forte demais para que se atrevessem a expressá-las.” (FREUD, 2004).

Assim, quando Morris (2001, p. 39) expressa sua posição dizendo que “o comportamento sexual moderno foi menos influenciado pelo progresso da civilização do que esta foi influenciada pelo comportamento sexual” e sendo confirmado por Ridley (2004, p. 31) que diz “[...] a própria inteligência humana é produto da seleção sexual, e não da seleção natural”, precisamos compreender que foi o sexo e a necessidade de procriação que

promoveram a evolução através dos genes mais fortes. Estes, com maiores condições de sobrevivência procuram os meios para manter a espécie. Os genes mais frágeis, se perdem mesmo antes da concepção. Com esse arcabouço teórico, podemos compreender quando o professor 1 se manifesta dizendo que desejava: “[...] descobrir por que meu corpo fazia certas coisas que eu não queria que fizesse e não sabia como perguntar para minha mãe.”

A sua biologia e a necessidade inconsciente de fazer sexo e procriar, não estão correndo no mesmo ritmo que a cultura. Há um conflito evidente aí.

Assim, a sexualidade, que é algo que transcende o mero ato sexual de reprodução e que é uma prerrogativa da espécie humana, já que outras espécies, aparentemente, não apresentam uma sexualidade intencional, mas uma prática sexual reprodutiva (embora se saiba da existência de outras espécies que fazem sexo sem estarem necessariamente no período de estro). Isso tudo requer uma compreensão mais profunda.

A reprodução, culturalmente falando, não mais é a razão da existência da espécie e o próprio mecanismo para a reprodução, que durante séculos ficou proibido pela cultura, a não ser depois de passar pelo crivo e aprovação da sociedade: o casamento, hoje é utilizado como mecanismo de prazer e diversão. Mesmo assim, essa diversão é vista com culpa e medo já que a nossa cultura diverge da biologia: “[...] eu tinha medo porque minha irmã engravidou quando era solteira e sofreu o pão que o diabo amassou.” (MÃE 3).

A sexualidade que quer sexo sem querer reproduzir, anda em descompasso com a cultura. Há uma necessidade física e biológica de atender a um desejo do corpo que é despertado pelo olhar, pelos pensamentos, pelas lembranças... mas a cultura não aceita e tenta reprimir essas sensações. Essa repressão, embora não surta efeito em alguns jovens, deixa a outros confusos e frustrados.

Se a sexualidade é quase que um privilégio humano, é ainda escasso nosso conhecimento de seu surgimento. O ser humano surgiu a menos de cem mil anos e descende dos mamíferos. Os demais mamíferos por sua vez, não apresentam uma sexualidade tal qual os humanos. Diamond (1999, p. 11) faz uma interessante analogia quanto a isso dizendo que se perguntássemos para um cachorro o que ele diria sobre a vida sexual dos humanos, a resposta seria nesses termos:

Esses seres humanos nojentos fazem sexo qualquer dia do mês! Bárbara propõe fazer sexo mesmo quando sabe que não está fértil. [...] João está sempre querendo fazer sexo, mas sem se preocupar se seus esforços resultarão num bebe ou não. [...] Que desperdício! E o mais esquisito de tudo é que [...] fecham as portas dos quartos, fazem sexo às escondidas, em vez de fazer isso diante dos amigos, como qualquer cachorro descente!

Biologicamente, pertencemos a uma espécie que “se orgulha” de fazer sexo “na frente dos amigos” para reproduzir. Culturalmente, reservamos para o sexo o escuro e a noite e na grande maioria das vezes torcemos para que esse ato não gere um novo ser⁸. Mas se a reprodução fosse a única finalidade do sexo, não haveria homossexuais, transexuais e bissexuais.

Diante disso, posso dirigir a presente análise para duas linhas de pensamento:

Uma é a de que os educadores, tanto pais como professores, desconhecem o processo evolutivo tanto biológico quanto cultural da sexualidade humana: “não sei explicar.” (PAI 2). “Os pais não tinham conhecimento.” (PROFESSOR 3). Pais e professores afirmam que seus progenitores tinham pouco conhecimento de tudo o que se refere ao sexo e à sexualidade e que, por conseguinte, eles próprios não o tinham.

A outra é que a biologia e a cultura, embora se complementem e gerem juntas a evolução da sexualidade humana, entram em áreas de conflitos diferentes a cada período evolutivo: “as mães não falavam porque achavam feio, tinham vergonha e medo que fossem incentivar a vida sexual dos filhos.” (MÃE 2). “Os pais por vergonha e já tinham se criado dessa forma e as escolas também não podiam, não queriam ou não estavam preparadas para falar com os alunos.” (PROFESSORA 2). A biologia exige o sexo, mas a cultura impede que se fale nele e embora o diálogo hoje esteja mais aberto e mais franco, esse diálogo e essa compreensão ainda são muito sutis e afastados daquilo que realmente os educandos querem saber: O diálogo sobre sexo enfatiza cuidados com DSTs e gravidez. Os adolescentes querem saber o que fazer com as sensações.

4.2.3 A questão religiosa como mecanismo de controle

A religião, que por muitos séculos dominou a raça humana, tem grande influência na formação biológica e cultural da sexualidade humana. Ao reprimir a vida sexual das pessoas, alterou sua biologia. Se hoje temos educadores que reagem com rubor na face e frio no estômago quando um educando toca no assunto, podemos entender isso como uma reação biológica produzida por uma repressão cultural/religiosa. É a biologia do educador reagindo de acordo com a cultura e a religião que o moldaram.

⁸ Não posso deixar de referir os casais que desejam, sim, se reproduzir.

E se a religiosidade é algo culturalmente produzido, não causa estranheza que ela se conflite com a biologia. Exemplos de padres que se auto-flagelavam para esconder sua biologia em nome da cultura religiosa, não são raros. Exemplos de adolescentes que engravidam porque culturalmente era vergonhoso falar sobre como isso acontece, são ainda menos raros. Freud fala da religião como sendo o fator preponderante a constituir “[...] o inventário psíquico de uma civilização.” (FREUD, 2004).

Se o surgimento da religião, conforme Freud (2004), se deu em função da necessidade de criar um mecanismo de controle para o povo e também para atender uma necessidade humana de proteção, podemos inferir que a religiosidade exerce um papel fundamental no comportamento sexual de muitas gerações: “A religião é boa para frear um pouco as coisas do sexo, mas por causa dela também a gente não foi ensinado sobre muitas coisas.” (PAI 1). Quer dizer, alguns educadores vêem a religião como mecanismo de controle e a julgam necessária, mas ao mesmo tempo a culpam por não terem tido a oportunidade de conhecer mais sobre a sua própria sexualidade. Para outros educadores, a religião é o ópio da sociedade: “[...] é a porta de entrada do inferno. Não há nada pior do que a religião para impedir a vida. A religião prega ‘que todos tenham vida em abundância’ e impede as pessoas de viver.” (PROFESSOR 1).

Há uma clara demonstração de que o discurso da igreja começa a perder força. A cultura religiosa deixa de lado ou tenta afastar as manifestações biológicas do corpo. No entanto essas necessidades biológicas, também influenciadas por uma cultura de marketing, começam a se rebelar contra uma cultura religiosa de repressão: “Religião? Isso é uma farsa que serve para manter as pessoas sob comando. Na vida sexual, ela influencia somente os que a seguem, mas assim como as regras sociais, não atacam muita coisa não.” (PAI 2).

O discurso muda de lugar. O perseguido se coloca no lugar de perseguidor. A religião, que durante séculos dominou, passa a ser dominada, ou pelo menos perde adeptos. A vivência sexual é mais forte que o discurso religioso. E quando Nietzsche (2002, p. 74) diz que “Pregar a castidade é um incitamento público a atos contra a natureza” faz referência à igreja como algo que vai contra a natureza humana, que tem um discurso que vai na contramão da biologia do ser.

A religiosidade aqui referida, não tem a ver com alguma religião específica. O que sabemos é que há uma unanimidade quase que coesa das religiões em reprimir (umas mais, outras menos, mas todas em algum grau), o sexo. O cristianismo, por exemplo “[...] apenas preservou um legado que hostilizava o prazer e o corpo” (CECCARELLI, 2000, p. 20).

Há todo um controle que a igreja, por muito tempo, conseguiu incutir nas pessoas, mas que parece não fazer mais o mesmo efeito. No entanto, essa visão ou esse despertar para as imposições da religião, é mais evidente entre professores do que entre pais. Talvez pela própria instrução científica que os professores têm e que permite outra visão de mundo.

“A religião [...] embora ajude muitas pessoas, ela tem um lado medonho de incutir nas pessoas que tudo é pecado. Nada é permitido e isso impede o conhecimento das coisas reais da vida... como a sexualidade por exemplo.” (PROFESSORA 1).

O medo dos castigos religiosos, que foram largamente incutidos nas gerações Cristãs, também impedia muitas discussões e práticas acerca da sexualidade. Uma ameaça nesses termos: “Não descubrais as cabeças, nem rasgueis as vossas vestes; não suceda que morrais e que se levante a ira do Senhor contra toda a Assembléia [...] E obedeceram à palavra de Moisés” (BÍBLIA, LIVRO DO LEVÍTICO, cap. 10, v. 6), eram suficientes para que ninguém ousasse fazer o que a igreja não permitia.

A igreja, como mecanismo de controle não apenas sexual, mas econômico, social e moral, influenciou e influencia sobremaneira o modo de vida de toda uma população. A fé cega impede pensamentos, reflexões e “nos conduz a um mundo em que é mais cômodo viver”. No entanto, a proliferação de “problemas” ou desencontro entre cultura e biologia advindos de uma vivência sexual que opera em desacordo quando se compara cultura e biologia, podem estar desencadeando violências desnecessárias. “Os comportamentos adquirem caráter teleonômico, por atribuírem aos gens, os depositários de toda a informação e direcionamento do processo evolutivo. Essa teoria elimina a aleatoriedade e a presença do acaso.” (STRIEDER, 2002, p. 29). Se o objetivo da vida é humanizar e se a vida não tem sentido fora dela mesma, as reações químicas, físicas e biológicas do ser vivente, não podem ser mantidas à força de uma cultura que a reprime e a problematiza. O aborto, o estupro, a pedofilia, e tantos outros fenômenos, que foram superfluamente contemplados na segunda seção deste trabalho, são reações que, se forem observadas do ponto de vista da “normalidade” do ser humano, são extremadas e podem ser caudas por uma disfunção de uma cultura que invade a biologia do ser tentando reprimir, abafar e controlar.

Quando a professora 1 diz que para a religião “[...] nada é permitido e isso impede o conhecimento das coisas reais da vida, como a sexualidade por exemplo”, ela se refere à falta de diálogo, à falta de liberdade de expressão que por anos norteou a vivência da sexualidade e que não traz fragilidades para a vida sexual das pessoas.

Assim, a religião que é o norte de muitas famílias de educadores e educandos, traz conseqüências incalculáveis para a vivência, não apenas sexual das pessoas, mas cultural,

social, econômica e, principalmente, biológica. A religião que, ao nascer, traz repressões à vida sexual das pessoas, tem sido a mola mestre de quase todas as concepções que os educadores trazem acerca do tema. Mesmo os reformadores, como Lutero, que se rebelaram contra algumas das proibições da Igreja, trazem mudanças que contribuem grandemente para a repressão sexual.

Para Gregersen (1983, p. 17),

Três desenvolvimentos desde a Reforma têm sido particularmente repressivos em relação ao sexo. O primeiro deles foi a ascensão dos puritanos na Inglaterra no século XVII. Apesar de não se oporem ao sexo dentro do casamento, os puritanos eram intolerantes com o adultério e a idolatria [...] Um segundo desenvolvimento, também no século XVII, foi o renascimento das doutrinas Agostinianas na Igreja Católica Romana sob o rótulo de Jansenismo. Esse movimento reforçava o dano causado pelo pecado original e os males da luxúria à natureza humana [...] O terceiro desenvolvimento é mais recente e apenas parcialmente religioso em sua natureza: Vitorianismo. A extrema afetação do movimento foi acompanhada por uma crença nos perigos da perda do sêmen.

Essa influência toda traz conseqüências imensuráveis para a formação da sexualidade, tanto cultural quanto biológica das gerações que se seguiram a esses movimentos religiosos. E os educadores aqui entrevistados são frutos desses conceitos.

4.2.4 As regras e normas sociais

Em função de toda uma evolução biológica e cultural, as sociedades consciente ou inconscientemente se vêem a implantar regras de convivência diferentes a cada geração que acabam afetando biologicamente os seres humanos. “A necessidade de repassar as experiências positivas e negativas de geração para geração, é que firmaram no seio da humanidade as regras de comportamento mais adequadas a cada geração.”

As normas e regras, no entanto, não estão contidas em um livro que pode ser consultado. Elas existem em função de uma cultura oral e comportamental que muito bem é explicada por Zöller e Maturana (2004, p. 33) quando dizem que uma cultura “[...] é uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações.” Quer dizer, as regras e normas sociais são impostas por uma rede de falas e comportamentos que vão se instaurando de acordo com a vivência desse povo, dentro dessa cultura. Essa mesma cultura, ou essas regras de comportamento vão se alterando quando essas redes de conversações e ações mudam. A cultura

[...] surge quando uma linguagem humana começa a conservar, geração após geração, uma nova rede de coordenações de coordenadas de ações e emoções como sua maneira própria de viver. E desaparece ou se modifica quando a rede de conversações que a constitui deixa de se conservar. (ZÖLLER; MATURANA, 2004, p. 35).

Essa questão social de imposição de normas da modernidade, embora ampliada, não é diferente da dos homens primitivos, ou seja, para novos comportamentos, novas regras. E essas mudanças vão se dando aos poucos e despercebidamente. Não há um ponto de ruptura e outro de início de uma nova forma de viver. Ao viver, a vida se modifica.

O que questiono e agora vejo com mais clareza é que imposições sociais da atualidade estão em desacordo com a biologia humana. Há uma tentativa de barrar as vivências ou, às vezes, no outro extremo, de deixar que as coisas sigam seu rumo, pois “[...] não tenho coragem de falar para meus alunos as coisas que a televisão fala, então não preciso explicar muitas coisas porque eles já sabem.” (PROFESSORA 1).

No entanto, as regras e normas sociais que estão tendendo a não falar mais em sexo, porque percebem que seu discurso está meio que ultrapassado e em descompasso com o discurso da televisão, tem na escola ainda, um forte aliado. Se para os pais é cômodo deixar que a escola assuma as rédeas da situação, para pesquisadores e teóricos do assunto as coisas devem ser diferentes.

Para alguns autores, a intervenção da escola no campo da sexualidade além de complexa, tem riscos, considerando-se que a escola é intrinsecamente orientada para disciplinamentos, ênfase na razão e no controle, preocupando-se em ministrar conhecimentos especializados e ensinar para a vida em coletividade. Já a sexualidade pede observação de desejos, individuação e atenção para as tênues fronteiras entre prazer, libido e pulsões e o fixar limites para que tais orientações individuais não ponham em risco projetos civilizatórios, a convivência e o direito do outro. (ABRAMOVAY, 2004, p. 33-34).

Para Salvador e Weber (2005), da Universidade Federal do Paraná, há uma grande diferença de comportamentos entre adolescentes que convivem com regras e normas daqueles que não as recebem. As autoras pesquisaram as práticas educativas parentais de dois adolescentes “um pertencia a uma ONG que patrocina os estudos particulares de alunos carentes com alto desempenho acadêmico e o outro estava detido provisoriamente à espera de julgamento por cometer ato infracional”. Esse estudo pode nos ajudar a compreender as diferenças existentes quando as regras e normas sociais são conduzidas pelos adultos e quando são selecionadas pelos próprios educandos:

As categorias investigadas foram: relacionamento afetivo, reforçamento, envolvimento, regras e monitoria, comunicação, punição, auto-estima e envolvimento com pares desviantes. O relato do adolescente detido revelou pais com baixo envolvimento e demonstração de afeto; uso inadequado de reforçamento positivo, ausência de regras e monitoria, comunicação coercitiva, punições extremamente exageradas, além de envolvimento com pares desviantes. Já no relato do outro adolescente foi possível perceber pais com maior envolvimento e demonstração de amor, regras claras, uso adequado de reforçamento positivo, comunicação positiva, punições brandas e consistentes e o não-envolvimento do participante com pares desviantes. Pôde-se concluir que houve predominância de práticas parentais coercitivas na família do adolescente com comportamentos anti-sociais, e predominância de práticas parentais não-coercitivas na família do adolescente da ONG. (SALVADOR; WEBER, 2005, p. 341).

Não defendo aqui a abolição das regras e normas sociais e culturais, mas sim a compreensão dos mecanismos que criaram essa divergência entre cultura e biologia da sexualidade para que essas regras e normas sejam adequadas de acordo com a realidade.

Para a maioria dos educadores investigados, as regras e normas sociais têm grande importância na vivência sexual das pessoas já que elas exercem a função de ‘controle’. O professor 2, quando questionado sobre a importância das regras e normas sociais para a vivência da sexualidade, diz: “importante. Se deixar pelos jovens decidir o que é bom nem sempre sabem o que é bom para eles.” A professora 2 com visão semelhante diz: “Com certeza, porque está tudo muito liberado e com todas essas doenças, tem que ter um certo limite.” A necessidade de controle é comum em ambos os casos, embora por razões diferentes. Na segunda opinião, o controle social assume um caráter médico e as doenças são o motivo da aflição. Embora saibamos que as doenças devam ser evitadas, não há naturalidade que apóie a existência de regras sociais apenas para evitar doenças. Há muito mais por trás de tudo isso. Essas regras e a necessidades de controle de doenças nos reportam aos povos bíblicos, quando uma pseudociência na era Vitoriana dizia que “toda ejaculação era debilitante e que a relação sexual, mesmo dentro do casamento devia ser evitada o máximo possível para o maior benefício da Sociedade.” (GREGERSEN, 1983, p. 17). Quer dizer, por detrás de uma ‘falsa’ preocupação com as doenças, se reprimia o sexo para que a energia sobrasse para erguer a sociedade. Hoje isso parece se repetir. Por detrás da preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis, vem implícita uma repressão e uma necessidade de proibir o sexo e reprimir a sexualidade por força de uma noção implícita de que é pecado. Há a necessidade de disciplinar os corpos através das regras: “A disciplina fabrica indivíduos.” (FOUCAULT, 2002, p. 143). Castigar o corpo para salvar a alma. Negar ao corpo, através de regras sociais, prazeres que podem fazer com que se perca a alma ainda é prática comum; não com violências como eram

praticadas na Idade Média, mas com repressões explícitas. “[...] uma mecânica do poder está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer.” (FOUCAULT, 2002, p. 119).

E, ainda que nem todos os entrevistados aprovem a necessidade de regras e normas sociais, ela é tida como essencial. No entanto, recebe maior aprovação por parte dos pais educadores do que dos professores educadores. Sinto uma tendência em afirmar que o maior grau de conhecimento científico que certamente há entre os professores é o que faz com que eles vejam menos a necessidade dessas regras. Se entre os pais há apenas um entre seis que afirma que não há a necessidade de regras e normas sociais para um melhor controle, entre os professores, dois vêem essa mesma importância, dois acham desnecessárias e dois vêem os dois lados: positivos e negativos: “têm lados positivos como têm negativos. Tanto podem ajudar como atrapalhar.” (PROFESSOR 3).

As regras e normas sociais, no entanto, estão aquém e além da humanização que acredito ser necessária. Para Strieder (2002, p. 89), “Reduzir a natureza humana a pressupostos únicos e a partir deles estruturar uma organização social, resulta evidentemente em privilegiados e excluídos.”

Assim, as regras e normas sociais e/ou culturais são formas de vivências que vão se instaurando desde longínquas datas e se mantêm nas redes de relações sociais através da linguagem que a conserva e a dissemina.

De fato, a introdução de restrições culturais deve ter começado muito mais cedo, antes de haver estranhos. Mesmo nas unidades tribais mais simples, os membros de cada casal devem ter tido necessidade de reprimir em público as respectivas manifestações sexuais. Se a sexualidade se desenvolveu com o fim de manter o par unido, terão surgido medidas para desencorajá-la quando o par estava separado, para evitar que terceiros indivíduos se entusiassem. (MORRIS, 1975, p. 74).

4.2.5 A questão mercadológica da sexualidade e a influência da mídia

A mídia, que muitas vezes age como um mecanismo social de anestesiamento de consciências, exerce um papel tão humanamente incompreensível na vida das pessoas que beira ao fanatismo. O fanatismo, segundo o minidicionário Luft (LUFT, 2000) (a escolha do dicionário em toda a pesquisa deve-se ao fato de ser o mais utilizado nas escolas) é a qualidade ou modo de agir de um fanático. Segundo esse mesmo dicionário, o fanático é:

1. Que(m) se diz ou acredita ser inspirado por uma divindade. 2. Que(m) tem zelo excessivo por uma religião. 3. Que(m) adere cegamente a doutrinas, partidos políticos, etc. 4. Que(m) tem paixão ardente, excessiva por alguém ou alguma coisa. (LUFT, 2000, p. 320).

Assim, podemos inferir que esse fanatismo aos meios de comunicação, principalmente à televisão, permite que os educandos sejam conduzidos não por regras e normas impostas nem criadas, mas pela diversidade de comportamentos mostrados. A televisão mostra comportamentos e vivências de várias culturas. O não acompanhamento disso por parte dos educadores leva os educando a um ecletismo de idéias que podem afetar as relações e as vivências cotidianas, o que certamente afeta sua biologia. Os adolescentes, que estão em fase de composição de seu caráter, normalmente seguem modelos, e se os modelos que têm a seguir não são os melhores, eles o seguirão assim mesmo.

Os meios de massa audiovisuais são precisamente uma gigantesca indústria de sonhos e mitos, uma poderosa indústria de criação de associações emotivas. Com seu extraordinário poder para a manufatura de sonhos impõe aquelas imagens mentais que, a partir dos desejos e emoções que geram ou refletem, orientarão a futura conduta dos sonhadores. (FERRÉS, 1998, p. 43).

Esses comportamentos mostrados pela mídia são comunicados e ditames culturais que chegam às pessoas de forma, muitas vezes, despercebida. São de cunho econômico e mostram o corpo, o ser humano e o sexo, como mercadorias de valores diversos de acordo com a visão de mundo de cada um. Se para os ricos o sexo é uma mercadoria cara que traz como consequência o prazer, para os pobres o sexo pode ser uma fonte de sobrevivência e o vendem a preço de pão e leite, e tem como consequência a vida.

Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo. Estudaram-no no campo de uma demografia ou de uma patologia históricas; encaram-no como sede de necessidades e de apetites, como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos, como alvos de ataques microbianos ou de vírus: mostraram até que ponto os processos históricos estavam implicados no que se poderia considerar a base puramente biológica da existência; e que lugar se deveria conceder na história das sociedades a “acontecimentos” biológicos como a circulação dos bacilos, ou o prolongamento da duração da vida. Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder tem alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. (FOUCAULT, 2002, p. 25).

Essas exigências, cerimônias, súplicas não são impostas por um poder explícito de alguém, mas por um poder invisível da mídia, que não nos obriga a seguir seus passos, mas dita normas de comportamentos que seguimos inconscientemente. Diante da mídia, estamos

num falso *Panóptico*. Pensamos que estamos vendo sem ser vistos, mas ao contrário, estamos sendo vigiados e os programas todos são dirigidos a nós, de acordo com o que a mídia quer que façamos e pensemos.

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural [...] na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre [...] a construção periférica é dividida em celas. [...] Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. [...] É visto, mas não vê. [...] E esta é a garantia da ordem. Se os detentos são condenados não há perigo de complô, de tentativa de evasão coletiva, projeto de novos crimes para o futuro, má influência recíprocas; se são doentes, não há perigo de contágio; loucos, não há risco de violências recíprocas; crianças, não há “cola”, nem barulho, nem conversa, nem dissipação. O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto. (FOUCAULT, 2002, p. 165-167).

Assim, a vida sexual das pessoas é alvo do marketing. Não fazemos referência apenas ao ato sexual como mercadoria, mas a tudo o que o envolve. Roupas, perfumes, adereços, cigarros, bebidas, etc. Todo esse comércio encontrou no sexo o par perfeito para aumentar os lucros: “Mormente no mundo atual estamos continuamente assediados por um ‘ambiente sexual’ que se manifesta nos mecanismos de sustentação da sociedade capitalista ocidental.” (NUNES, 1997, p. 51). Mostrar uma mulher seminua, ou nua, na propaganda do produto, tem despertado o interesse das pessoas que desejam tê-la ou que desejam ser como a modelo. Enquanto isso os fabricantes vendem e os consumidores consomem com a ilusão do prazer que poderiam ter. Como o prazer mostrado não acompanha a mercadoria, o que resta é buscar esse prazer que passa a ser uma necessidade e assim se alteram nossos comportamentos que alteram a nossa biologia.

Os pais questionados sabem dessa influência, mas parece que, anestesiados pelo sonho que a mídia vende gratuitamente, e por sua cultura, não têm muito que fazer. Fugir às vezes é uma boa solução. Ao ser questionada sobre a influência da mídia a mãe 1 diz: “Influencia, sim e muito. De todo jeito, às vezes tem coisas boas, mas às vezes tem pouca vergonha. Saio da sala quando tem coisa vergonhosa. Meus filhos ficam lá”. Para Nunes (1997), a Pedagogia do avestruz, de enfiar a cabeça na areia até que o perigo passe, é prática comum aos educadores quando o assunto é sexualidade. Os argumentos dos educadores diante do discurso silencioso e imagético da televisão tornam-se obsoletos e sem efeito. Para Nunes (1997, p. 15), nos falta linguagem. Não temos uma linguagem adequada:

Não temos ‘linguagem’ para a sexualidade. Temos sim, de um lado, linguagem tradicional, depreciativa, estereotipada, estigmatizada, freqüentemente de baixo nível; e, de outro, a linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la [...].

Os educadores, ao reconhecer que não temos linguagem e ao perceber que a linguagem da mídia é ‘meio deturpada’, corroboram com essa afirmação de Nunes: “Certamente que influenciam. Trazem mais visão de mundo, embora essa visão seja meio deturpada, meio pornográfica, mas influencia sim e de um jeito bom.” (PROFESSORA 1). Na fala dessa professora, há uma declaração quase que explícita de que terceirizar a fala sobre a sexualidade ainda é a melhor saída. O que a televisão fala, pode não estar bom, mas isso livra a escola de abordar o assunto, discutir a visão da mídia e de opor alguns posicionamentos.

Quando questionados se a influência da mídia ajuda ou atrapalha, os educadores parecem não saber responder, mas desejam imensamente que ajude. Os que afirmam que ajuda, dizem isso não por achar que seja bom, mas por que pensando assim, os livra do compromisso de ter que falar. Num gesto de ‘enfiar a cabeça na areia’, as coisas vão acontecendo naturalmente. Para a mãe 1, a concepção é a mesma: “Eu não sei, por que os filhos aprendem na escola e na televisão essas coisas e daí não precisa a gente falar.” A fala da professora vem a corroborar com a fala da mãe: “Ajuda. Não tenho coragem de falar para meus alunos as coisas que a televisão fala, então não preciso explicar muitas coisas porque eles já sabem.” (PROFESSORA 1).

A caverna de Platão da modernidade, ou seja, a televisão, parece mostrar uma realidade que é aceita pelos habitantes da caverna, ou pelo menos para a grande maioria. Mas há os que não desejam esse tipo de informação para seus filhos, como é o caso do pai 1:

Num ponto atrapalha, porque você quer pregar que não devem fazer sexo o tempo todo com todas as pessoas e a televisão mostra o contrário. Além do mais o que a televisão mostra é um sexo sem cuidados e sem prevenção. As pessoas se encontram, se beijam e logo vão para a cama. Não é isso que quero para meus filhos.

Ou do Professor 1 quando diz: “Ajuda, e muito. Sempre uso exemplos da televisão para puxar assuntos dessa natureza.” Quer dizer. É possível não fugir, nem vender a televisão, mas usá-la como ferramenta de aprendizagem.

Diante disso, podemos inferir que a questão mercadológica da sexualidade encontra na mídia a sua grande aliada para mediar seu caráter econômico e vender um produto que por si só já é de renome no mercado: o sexo. Perde-se a sexualidade para garantir o produto. O sexo torna-se objeto não apenas do prazer, mas do poder, como afirma Foucault (2002) em Vigiar e Punir.

Já os educadores, vêem na mídia o bode expiatório perfeito para suas dificuldades em abordar o tema. Enquanto a televisão retoma o discurso, que há menos de um século era dos educadores, estes estão dispensados da sua árdua tarefa de educar. Mas se não falamos sobre sexo, porque continuamos a falar sobre regras gramaticais, fórmulas matemáticas e cálculos para se chegar a lua, se são artifícios bem menos naturais na vida do educando? Deve haver algum engano. Conhecer o caminho da lua e não conhecer o caminho do próprio eu, ou não se conhecer a si próprio, é algo que escapa da minha débil capacidade de compreender o mundo.

Assim, conclui-se que educadores e educadoras, sejam eles pais/mães ou professores/professoras, apresentam concepções diferentes, com raízes semelhantes. Parte de uma raiz comum às concepções que os entrevistados apresentam em suas respostas, sobre os mais diversos aspectos da sexualidade humana.

O que esperam os educadores?

4.3 O QUE EDUCADORES ESPERAM DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Diante de todo esse conturbado histórico da formação e da evolução da sexualidade humana; diante desse quadro, no mínimo intrigante, de concepções que os educadores apresentam, sejam eles pais ou professores, resta fazer uma análise do que esperam uns dos outros. Família e escola, agora em confronto, ou melhor, colocadas uma diante da outra, poderão dizer o que esperam. A última pergunta da entrevista era exatamente esta: O que você espera da escola (para os pais), e o que você espera da família (para os professores). E o que dizem, não causa estranheza: quando o assunto é educar para a sexualidade, uma espera pela outra.

4.3.1 O que os pais esperam dos professores

Esperar da escola mais do que ela pode dar, pode não ser uma boa prática para pais que querem ver seus filhos bem formados e informados. Mas como saber o que a escola pode ou não pode oferecer?

É natural pensar que a escola tem condições de educar para a sexualidade e para tantos outros temas, porque é na escola que a educação formal acontece e é na escola onde estão os profissionais da educação reunidos: “espero muito porque a escola sim está preparada para educar. Lá existe mais conhecimento, mais experiência e os professores têm mais estudo do que a gente para falar sobre isso. Eu espero que a escola fale das coisas que eu não sei falar.” (PAI 1)

É na escola que os pais colocam seus filhos para serem “preparados” para a vida e para o mundo do trabalho, isso lhes permite pensar que a escola saiba orientar também para a sexualidade. Mal sabem os pais que os educadores que estão nas escolas, ou a grande maioria deles, também viveram e vivem na mesma sociedade e que foram educados dentro dos mesmos princípios culturais que os próprios pais.

Ao dizer: “Lá existe mais conhecimento, mais experiência e os professores têm mais estudo do que a gente para falar sobre isso. Eu espero que a escola fale das coisas que eu não sei falar.” (PAI 1). Os pais demonstram não conhecer todo um histórico de repressões e de tabus, que também são vivenciados pelos professores tanto quanto por eles. Ou esperam que os professores tenham superado essa vivência repressiva e estejam preparados para abordar o assunto em sala de aula.

A escola, que foi erigida com o fim quase que exclusivo de ensinar a ler e escrever, hoje é tida, na concepção de muitos pais, como um centro amplo que forma as pessoas. É tida como o local em que as pessoas vão para aprender a ser. O papel da família de educar, orientar e capacitar para a vida é transferido à escola. Então é cultural que os pais pensem que a escola deve estar preparada também para a formação da vivência sexual.

E como a escola dá sinais evidentes de que não está preparada para mais essa função, muitas vezes é alvo de críticas: “Deixamos de ser considerados ‘apóstolos’ e figuras paternas ou maternas para nos convertermos em pessoas que parecem fazer tudo errado [...]” (NIDELCOFF, 1991, p. 9). Pode-se comprovar essa fala ao se comparar com a resposta do pai 2 que diz: “Espero sinceramente que ela acorde. O mundo já deu tantas voltas e a escola continua como era no meu tempo.” Quer dizer, assim como muitas famílias esperam pela escola, outras tantas acham que a escola já assinala o cansaço e o despreparo para tantas atribuições.

Alguns pais reconhecem e até entendem a situação da escola, mas nem por isso deixam de esperar algo dela:

A preocupação é muito grande. Meus filhos já não são mais crianças, mas preocupo-me não só com eles e sim com todos os adolescentes vendo-os praticarem atos sexuais em lugares não adequados e sem a devida educação. O assunto merece pesquisa, estudo e a escola também deve aperfeiçoar seus servidores a fim de corrigir estas dificuldades e estranhas atitudes. Primeiro deve haver educadores especializados que possam difundir adequadamente a questão da sexualidade. Tenho certeza que a escola apesar dos profissionais não serem especializados ainda é um bom caminho (PAI 3).

E ainda: “Acho muito bom quando a escola explica. Ajuda a educar. Espero que a escola faça mais do que faz. Embora hoje ela já faz mais do que fazia no meu tempo, mas ainda é muito pouco.” (MÃE 2).

Assim, é compreensível esse paradoxo de que a escola pode e deve fazer muito em relação à sexualidade, mas que também não pode e não tem condições de fazer muita coisa sobre o assunto. Enquanto alguns pais esperam e vêm na escola a sua tábua de salvação, outros vêm nela uma instituição fracassada incapaz de acompanhar o desenvolvimento e a evolução da humanidade.

4.3.2 O que os professores esperam dos pais

Os pais esperam que a escola socialize as informações adequadas para educar sexualmente as crianças e os adolescentes, também os professores esperam que parta dos pais a educação primeira, ou aquela educação que é necessária para a vida, já que a escola tem como obrigatoriedade o conhecimento científico das letras, das ciências e das artes. Educar para a vida e para a sexualidade, controlar o que os filhos assistem na televisão e orientar para o futuro é tarefa dos pais segundo os professores entrevistados. Questionada sobre o que espera da família a professora 1 diz:

[...] espero tudo porque é da família o papel de educar. A escola ensina conteúdos para a vida, para os concursos, para os vestibulares. A escola colabora com a formação do ser humano, mas é da família o papel de educar para a sexualidade pois é uma coisa bem pessoal e íntima de cada um.

A família transferiu para a escola um dever que era seu. A escola, nem recebeu a incumbência, nem sente como sua. As crianças e os adolescentes, por sua vez, estão exatamente no meio desse desencontro de identidade entre família e escola.

Os professores sabem que “A figura dos pais, como primeiro núcleo social da criança, tem grande influência no processo de desenvolvimento social, cognitivo e psicológico de uma criança.” (SALVADOR; WEBWER, 2005, p. 342).

Houve um tempo em que a educação familiar e a educação formal tinham seu papel definido. Com o advento da industrialização, da mulher entrando no mercado do trabalho e com a disseminação da escola, a tarefa de educar já não estava mais restrita à família. A creche, que absorvia e cuidava das crianças, também começou a desempenhar o papel de educar essas crianças.

Durante muito tempo a educação da criança foi considerada uma responsabilidade das famílias ou do grupo social ao qual ela pertencia. Era junto aos adultos e outras crianças com os quais convivia que a criança aprendia a se tornar membro desse grupo, a participar das tradições que eram importantes para ela e a dominar os conhecimentos que eram necessários para a sua sobrevivência material e para enfrentar as exigências da vida adulta. (BUJES, 1998, p. 9).

Embora essa opinião não seja compartilhada por todos os professores, o professor 1 diz: “não espero muita coisa não. Esses alunos que tenho foram criados na mesma cultura que eu [...]”. Ou seja, embora a escola, de um modo geral, espere pela família, é também sabido que não há muito o que esperar mesmo, já que esses alunos e principalmente os pais desses alunos fazem parte de um mesmo processo cultural no qual estão inseridos os professores. E o mesmo professor completa: “[...] mas a grande maioria dos pais não sabe muito o que dizer, ainda mais em cidade pequena como a nossa. Nos grandes centros há uma maior liberdade, mas aqui, não espero muita coisa não.”

Assim, o paradoxo de esperar pela escola, mesmo que ela não possa fazer muita coisa, se repete na opinião dos professores em relação aos pais. Ao dizer: “Os pais são tudo. Se o pai não consente que o filho moleste a menina e depois largue como um objeto, ele não fará. Os pais estão deixando os filhos livres demais e as conseqüências estão aí.” (PROFESSOR 2). “Deveriam deixar um pouco claro. Embora a família esteja um pouco perdida. Os alunos aprendem mais na rua do que com a família. A família deveria tomar isso.” (PROFESSORA 3). Esses professores parecem dizer: espero pela família, mas sei que ela não pode fazer muita coisa.

O que fica claro é que família, escola e religião, que já foram mais unidas e compartilhavam as responsabilidades, hoje parecem afastadas e desintegradas, trabalhando individualmente e causando esse desconforto de não saber exatamente o que cabe a quem e uma instituição esperando pela outra.

Se escola e família esperam uma pela outra e se ambas esperam pela religião, todas podem fazer pouco ou quase nada pela educação sexual das crianças e dos adolescentes, então, a quem cabe esse papel?

Parece ficar claro, depois da presente pesquisa, que muito há por se fazer e que todos podemos fazer algo. Aliás, algumas instituições já estão fazendo. No entanto, embora saibamos que muitas escolas estão se empenhando em algumas atividades nesse sentido, ainda é muito escasso o trabalho e evidentemente desprovido dos aprofundamentos da evolução biológico/cultural que apresentamos na presente dissertação, os quais devem embasar todo trabalho acerca da sexualidade dos educandos.

Assim, a contribuição que trago à ciência é justamente o conhecimento processual evolutivo tanto da cultura como da biologia que permite a compreensão dos determinantes que moldaram, moldam e moldarão a sexualidade humana. Cabe a cada educador conhecer esse processo e paulatinamente caminhar na tentativa de libertação das repressões, tabus e preconceitos que são difíceis de serem esquecidos.

Imaginamos muitas vezes que nos comportamos de uma certa maneira porque ela corresponde a determinado código sublime de princípios abstratos e morais, quando, na verdade nos limitamos a obedecer a um conjunto de impressões puramente imitativas, profundamente arraigadas e aparentemente ‘esquecidas’. É essa imutável obediência a tais impressões [...] que torna tão difícil que as sociedades mudem os respectivos costumes e ‘crenças’. Mesmo perante novas idéias, excitantes e brilhantemente racionais, baseadas na pura aplicação objetiva a inteligência, a comunidade ainda se manterá agarrada aos antigos hábitos e preconceitos caseiros. (MORRIS, 1975, p. 109).

Mesmo assim, é possível mudar esse quadro porque “felizmente, fomos desenvolvendo um poderoso antídoto contra essa fraqueza, que é inerente ao processo de aprendizagem por imitação” (MORRIS, 1975, p. 109).

Ou seja, embora a cultura atual de educadores tenha em si ‘antigos hábitos e preconceitos caseiros’, há uma curiosidade humana que pode permitir, a partir de novas idéias, mudanças culturais. Assim, a presente pesquisa pode vir a ser essa nova idéia que possa desencadear um processo de mudança na visão, nas concepções e no compartilhamentos de informações acerca da sexualidade dos educadores para com seus educandos.

5 CONCLUSÃO

O que deveria nos preocupar, se é que queremos nos preocupar, é o que fazemos com nossa existência humana, que curso queremos que nosso sermos humanos siga. (MATURANA, 2001, p. 192).

Seria pretensão, ao concluir este trabalho, dizer que encontrei as respostas para os questionamentos feitos no início. No entanto, posso afirmar com convicção, que muitas das dúvidas iniciais ficam esclarecidas no decorrer da pesquisa e que, não tendo respostas, posso trabalhar, pelo menos, com dúvidas claras.

O longo processo que moldou o comportamento sexual atual, precisa ainda ser melhor compreendido. Essa é a grande luz no fim do túnel. Compreendendo-o, posso perceber e aceitar com mais clareza certos comportamentos e reações dos educandos e, aceitando, posso me sentir menos culpada e discutir com eles de forma mais segura as suas reações e manifestações.

5.1 RETOMANDO OS OBJETIVOS

Meu primeiro objetivo, ao iniciar a presente pesquisa era compreender de que forma evoluiu a sexualidade humana tanto nos aspectos culturais quanto biológicos, ao longo do processo de evolução dos seres humanos. O que encontrei foi surpreendente porque a concepção que eu tinha e acredito que a que a grande maioria dos educadores também tinha e/ou tem, era de que “o problema” sexual atual, ou a forma de vivência da sexualidade da atual geração, se devia a uma mercantilização da sexualidade e uma banalização do sexo. Essa mercantilização existe e contribuiu imensamente para essa vivência mais livre, mais pública e mais natural da sexualidade humana, mas não é, nem de longe, o único fator. A mídia, embora tenha colaborado com a disseminação de novas formas de viver a sexualidade no atual momento evolutivo, também não é o “grande mal”, nem o fator preponderante. O que é então?

O que posso afirmar é que a sexualidade humana evoluiu, desde que algumas das primeiras células vivas, por um erro da natureza, ficaram com dois núcleos; essas células “defeituosas”, para se reproduzir, necessitavam de uma troca de substâncias entre seus núcleos, começando então, o desenvolvimento de órgãos sexuais. Esse processo de troca de proteínas, ou material genético era a complementação que esses núcleos necessitavam para se reproduzirem.

Ao surgir a célula binucleada, surge o sexo e a morte. Isso não significa a extinção das bactérias, ou células unicelulares. São duas ramificações diferentes da evolução.

O processo de evolução da sexualidade humana nasce, dessa forma, juntamente com o surgimento da vida, há muitos bilhões de anos. Desde então, todo um processo biológico e cultural concomitantemente foi moldando a forma de viver que temos hoje. A terceira seção traz com detalhes esse processo inicial.

Segundo Morin (1975, p. 7) a seguinte cronologia pode auxiliar a compreensão desse processo:

Universo	7 bilhões de anos
Terra	5 bilhões de anos
Vida	2 bilhões de anos
Vertebrados	600 milhões de anos
Répteis	300 milhões de anos
Mamíferos	200 milhões de anos
Antropóides	10 milhões de anos
Homínidas	4 milhões de anos
Homo sapiens	100.000 a 50.000 anos
Cidade, estado	10.000 anos
Filosofia	2.500,00
Ciência do homem	0

Diante desse quadro, posso inferir que o ser humano surgiu há cerca de cem mil anos, mas antes disso, ao passar de coletor de frutas para caçador, começou a produzir cultura, pelo menos essa cultura (ZÖLLER; MATURANA, 2004, p. 33) da forma como a concebemos hoje. Começou a compreender seus procedimentos, a reger suas ações e a perceber sua sexualidade. Ao caçar e ficar ereto, seus órgãos genitais foram paulatinamente se deslocando para frente do seu corpo. Ao compartilhar a caça, sua socialização se dava face a face com os demais membros do grupo.

Desse momento em diante, todo um jogo de interesses biológicos orientou um complexo processo evolutivo. Ao querer ter certeza de que o alimento que trazia da caça, era dado à sua prole e não à de outro, o macho começou a desenvolver atributos sexuais mais prazerosos para que sua fêmea não sentisse a necessidade de fazer sexo com outros machos.

Regras e normas de condutas, foram surgindo, mais por conta de uma necessidade biológica de garantir a reprodução, a sobrevivência e a alimentação da prole do que de consciência social. Quer dizer, a partir desse fenômeno natural, desencadeia-se toda uma mudança na vida sexual desses seres que evoluíram e continuam evoluindo em todos os aspectos, que aqui, convencionalmente, agrupamos em dois: cultura e biologia.

Assim, cultura e biologia juntas evoluíram e continuarão evoluindo, trazendo novas biologias e novas culturas que, ao caminhar pelo universo evolutivo, vão empreendendo em novas formas de viver, de sentir e de ser de cada ser humano.

Quando Ridley (2004, p. 17) afirma que “A natureza humana é um produto da cultura, mas a cultura também é um produto da natureza humana, e ambas são o produto da evolução [...]” está afirmando que o processo é natural. Assim, evoluiu e evolui a sexualidade humana tanto nos aspectos culturais quanto biológicos, ao longo do processo de evolução dos seres vivos, e em particular da nossa espécie.

O segundo objetivo proposto era identificar as alterações mais visíveis que ocorreram ao longo do processo evolutivo, na sexualidade humana. o que ficou claro é que essas alterações são significativas, embora nem todas visíveis a olho nu. Se, atualmente, vivemos nossa sexualidade e a expressamos de forma mais pública, é em função também de todo um processo cultural de globalização e de midiaticização que tudo publica e tudo dissemina. A evolução biológica que faz com que as pessoas necessitem da “prática do sexo” mais precocemente e com mais frequência, faz parte desse processo evolutivo, no entanto, os desejos, as pulsões, as necessidades sexuais mudam a frequência, mas não a intensidade do sentir.

Biologicamente, as mudanças mais expressivas em relação ao mamífero das florestas, na era terciária, foram: o andar ereto sob dois pés, o deslocamento dos órgãos genitais para frente do corpo, o desenvolvimento de atributos sexuais como o engrossamento e alongamento do pênis (nos mamíferos coletores tinha o tamanho não maior do que uma lombriga) no macho, a ocultação da ovulação e desenvolvimento de atributos sexuais mais prazerosos como desenvolvimento dos seios e arredondamento das nádegas, nas fêmeas.

Culturalmente, cito os rituais sexuais que eram realizados pelos povos pré-bíblicos como culto de adoração aos deuses, e compreendo que os desejos e as necessidades sexuais tinham outro enfoque e talvez uma outra destinação, o de ser uma oração e o de ser uma forma de procriação, o que não difere muito da visão moderna. A idéia de que sexo é ‘para’ a procriação, lentamente vai se desvanecendo, mas esse culto de adoração, não mais aos deuses, mas sim ao próprio corpo, é muito mais presente.

Essa evolução biológica e cultural concomitante, altera paulatinamente a percepção e forma de viver a sexualidade dos humanos. Segundo Tiba (2000), numa entrevista em rede de televisão, “antigamente se contava uma geração a cada dezessete anos, hoje, se conta uma geração a cada cinco anos”. Quer dizer, há mudanças de comportamentos e de sistemas físicos que evoluem de forma complexa e constante. Um comportamento nunca cessa para iniciar o outro, uma geração nunca morre para nascer outra, uma forma de viver nunca termina de forma pontual para começar outra, o que ocorre é a evolução paulatina e quase que imperceptível a olho nu. Quando se percebe as mudanças já ocorreram.

O que influi também na alteração atual das vivências é a mídia, não como fator único e principal, mas como um grande coadjuvante que torna inviável o segredo em torno da sexualidade que era comum em séculos anteriores. Na segunda seção, onde exponho minha experiência de vida, retrato com clareza os segredos que eram guardados apenas para os adultos. Quando as mulheres se reuniam para falar de coisas inexplicáveis, quando minha mãe dizia que me encontrou no banhado, quando pensei que a filha da vizinha engravidaria por beijar na boca, não estava sendo ignorante apenas, estava resguardada dos segredos dos adultos, coisa que a mídia hoje, não permite mais. Ela inviabiliza que os segredos dos adultos sobre sexo e sexualidade sejam guardados.

Assim, se acompanharmos toda evolução biológica e cultural desde a primeira célula bi-nucleada que viabilizou o surgimento do sexo até o ser humano do século XXI, veremos uma evolução constante e complexa, uma interdependência profunda entre o natural e o cultural, mas sempre natural.

O terceiro objetivo visava elencar os fatores que determinam as mudanças comportamentais dos seres humanos em relação à sexualidade. O que encontrei apenas confirmou os pressupostos de que as alterações eram produtos de uma evolução cultural que, ao evoluir e se conflitar com a biologia, vai se alterando e alterando a outra. Cultura e biologia, evoluindo em conjunto e se conflitando, vão se alterando mutuamente. Hoje, a forma de viver, os prazeres (como o desejo, a excitação, o orgasmo etc) e os desvios de conduta em relação ao aceitável pela sociedade (como o estupro, a pedofilia etc) são produtos de uma evolução que afeta cultura e reações físicas. No caso da modernidade, podemos citar a religião, a mídia, o marketing, a globalização e a ciência produtora de conhecimentos como os fatores culturais que produzem maiores mudanças tanto na cultura como na biologia dos seres humanos. E a biologia, ainda, é diferente quando se trata do sexo feminino e masculino, porque os homens, por exemplo, se excitam olhando, as mulheres, sendo olhadas, conforme diz Nunes (1997). Quer dizer, há uma reação biológica, afeta ao sexo, que foi produzida pela

cultura. Ao encurtar os vestidos, as mulheres oferecem aos homens um incentivo ao seu desejo. Sabendo-se olhadas, as mulheres se predispõem ao desejo.

De todos esses fatores, um aparte especial para a religião se faz necessário já que por muitos séculos foi a veia cultural pela qual mais correu o sangue da formação do comportamento humano. A religião, um mecanismo de aculturação dos povos do mundo inteiro, tem servido aos propósitos de poucos, desde que foi criada, mas tem arrebanhado gerações e gerações para agir de acordo com seus ditames. E, se os ditames da religião vêm de encontro ou se conflitam com a biologia, isso foi facilmente resolvido pelos seus mentores. A repressão era o remédio para o grande mal que acometia a população: a sexualidade.

Reprimir, castigar, atribuir a um ser invisível que se encarregaria de se vingar dos que não obedecessem às normas e regras, eram, foram e ainda serão por muito tempo as fórmulas mágicas da religião para reproduzir frustrações e seres com sentimento de inferioridade e culpa ao viver sua sexualidade. Ao reprimir, a igreja pode estar propiciando estupros e pedofilias (exemplos disso estão na seção II), quando cito o grande número de padres que são acusados desses abusos), e fazendo com que as pessoas, ao atenderem suas necessidade biológicas de fazer sexo, se sintam sujas e pecadoras. É possível também, que ao reprimir o sexo e a vivência sexual das pessoas, a igreja esteja propiciando outras formas de violência. Ao tentar conseguir o que *é proibido*, algumas pessoas podem matar, roubar, estuprar.

As regras e normas sociais, que analisei na terceira seção, também têm como pano de fundo a religião que, ao determinar comportamentos, foi moldando o viver em sociedade tanto quanto a biologia, mas não em consonância e sim em conflito.

Como último objetivo, mas não menos importante, busquei identificar as raízes das dificuldades demonstradas pelos educadores na educação sexual e aqui sim, pude viajar para o interior de mim mesma, para o interior da escola e das famílias e para o interior da formação biológica dos educadores. Sendo esse o objetivo maior que motivou esta pesquisa, é aqui que trago grande parte das minhas reflexões.

5.2 AS RAÍZES DAS DIFICULDADES

Há uma série infinda de razões e/ou de implicações para as dificuldades que os educadores apresentam ao educar para a sexualidade. Relembrando que educadores, no presente trabalho, são os pais e os professores.

A primeira e talvez maior raiz das dificuldades que os educadores apresentam, quando o assunto é educação sexual, é o desconhecimento que demonstram de todo o processo evolutivo que levanto na presente pesquisa. Não conhecer o histórico que molda vivências e comportamentos é fator preponderante para a dificuldade em abordar o assunto.

A informação não é suficiente para mudar comportamentos e sensibilizar, mas é o ponto chave ou o ponto de partida para tal. Se não mudamos comportamentos pela informação, tampouco mudaremos sem ela.

Essa falta de conhecimento ou o conhecimento de partes do todo, impede que tenhamos opiniões formadas e tranqüilidade em abordar o assunto.

A segunda raiz é a formação cultural que molda idéias e comportamentos capazes de permitir/reprimir até mesmo o discurso. A visão janelar permite que olhemos para uma janela, esquecendo que existem tantas janelas quantas forem as pessoas e que cada uma tem um ponto de vista diferente de acordo com suas vivências, sua religião, sua formação, sua aculturação. Para Strieder (2002, p. 19) “[...] nossa cultura retrata janelizações pelas quais olhamos o ser humano e o mundo.” Assim, se temos apenas a visão da religião, por exemplo, não teremos a visão da ciência e esse parco conhecimento ou conhecimento parcial desse complexo processo, não permite que façamos uma educação sexual de forma ampla. É preciso informação, a princípio, mas informações consistentes, colhidas em várias fontes e que contemple vários aspectos: religião, sentimento, biologia, visão de mundo, cultura e o que mais for necessário.

A repressão histórica que atacou quase que exclusivamente a vivência sexual das pessoas é outra das raízes que moldam nossa forma de fazer educação sexual. A idéia errônea de que o sexo proporcionava a perda de energia e a necessidade de geração de riquezas, na Era Vitoriana, são exemplos claros de que a repressão sexual moldou muitos comportamentos. Outros aspectos do viver humano, nunca foram tão controlados pela cultura, principalmente a cultura religiosa como foi a sexualidade humana. Rever essa repressão secular e compreender que o momento histórico é outro, que o sexo perdeu seu caráter reprodutor e que a ciência informa que a perda de energia do sexo é semelhante a perda que o organismo tem em uma caminhada, que fazer sexo não afronta os deuses e que a necessidade do sexo que os organismos humanos tem hoje é algo que foi desenvolvido biologicamente são alguns dos pontos que os educadores devem rever para iniciar uma reeducação sexual e uma posterior orientação a seus educandos.

5.3 NÃO HAVERÁ UMA EDUCAÇÃO SEXUAL ADEQUADA SEM UM COERENTE PROCESSO DE REEDUCAÇÃO SEXUAL DO ADULTO

Nunes (1997) afirma que não haverá uma educação sexual adequada das crianças e dos adolescentes sem um coerente processo de reeducação sexual do adulto. Com isso, ele fala da necessidade de uma compreensão e de uma reeducação sexual. Assim como a reeducação alimentar é necessária num mundo que se tornou *fast food*, a reeducação sexual é necessária num mundo que, desconhecendo sua sexualidade, comercializou-a e a tornou objeto de compra e venda.

A educação sexual, tal como a concebe grande parte dos educadores, parece algo intangível. Cito um exemplo para estabelecer uma analogia. Nos palanques oficiais, em épocas eleitorais, a frase que mais se ouve é: “Vamos investir na Educação para minimizar o problema da violência”; “A violência somente será controlada se todos tiverem acesso à educação”. Quando acontece algo que abala a nossa sensibilidade, como o menino João Hélio que foi arrastado do lado de fora do carro por mais de sete quilômetros preso pelo cinto de segurança (fato que aconteceu em 2007 e que foi amplamente divulgado pela mídia) ou quando o cantor de música pop apresentou um relatório sobre os meninos do tráfico intitulado “Falcões, os meninos do tráfico”, lançado em 2006, também as frases que se ouvia em todos os meios de comunicação eram: “A educação deverá resolver”; “vamos investir na educação”; “Todos precisam ter acesso à educação para melhorar essa situação”. Diante de tais discursos, os governos “sabidamente”, investem na educação. Oferecem cursos de graduação no modelo *fast food* aos professores, constroem mais escolas, ampliam mais um ano a obrigatoriedade de presença das crianças na escola e pronto, o problema da violência está resolvido. Não está? Como não? Se fomos informados que a educação é o meio pelo qual esse problema seria atacado. Todos dizem isso... Infelizmente, o problema não foi resolvido, simplesmente porque acesso e permanência na escola, não significam melhores condições de vida. Às vezes chego a pensar que uma educação excludente como a que temos em nosso país, apenas contribui para gerar mais violência e não para minimizá-la. Que formações recebem os professores para resolver a violência? Que condições têm as escolas para trabalhar nesse sentido? Que condições têm um curso “a jato” de formar profissionais capazes de compreender e empreender ações que minimizem a violência, a mercantilização do corpo, a banalização da vida? Que proposta pedagógica as escolas públicas brasileiras elaboraram para formar para a não violência? Que motivações terão nossas crianças e adolescentes para frequentar a escola?

Se hoje temos 97% das crianças brasileiras na escola e a violência não diminuiu, podemos concluir que a educação não está resolvendo, ou pelo menos, sozinha não resolverá o problema.

Analogicamente, reflito sobre a questão da sexualidade. Centenas de anos de repressões, milhares de anos de uma cultura que relegou a sexualidade ao plano do sujo e do pecaminoso e agora se cria uma lei para educar para a sexualidade, como se a lei, *de per si*, bastasse para a mudança de comportamentos secularmente reafirmados. Os Parâmetros Curriculares Nacionais elegem a Sexualidade como um dos temas transversais para serem trabalhados em sala de aula. A Resolução n.º 02/1997 da SEB (Secretaria de Educação Básica do MEC) torna legal a inclusão do tema. Isso basta para que se mude a prática nas escolas? Isso basta para que esqueçamos todos esses séculos de repressões que nos moldaram cultural e biologicamente? A criação de uma lei faz com que as raízes que imprimem as dificuldades em nosso educar para a sexualidade sejam arrancadas e queimadas, como num passe de mágica?

Não é assim tão simples. A questão é mais complexa.

A informação, *de per si*, não altera comportamentos. Isso ficou comprovado nas entrevistas quando abordei a diferença nas respostas entre educadores do sexo masculino e feminino. Temos um pressuposto de que os homens podem saber mais sobre esse assunto, já que a eles culturalmente sempre foi dada maior liberdade para a vivência de sua sexualidade. No entanto as respostas dos educadores, não diferem das respostas das educadoras. E se informação mudasse comportamentos, haveria esse aumento significativo nos casos de AIDS que são relatados constantemente pela mídia? Haveria esse aumento de casos de gravidezes na adolescência?

A pergunta que fica agora e que será discutida em outra pesquisa é: Que políticas Públicas existem que tenham a capacidade de atacar o problema discutido na presente pesquisa? A resposta, já é conhecida: não existem políticas públicas adequadas para essa questão. Então, a pergunta será redirecionada no seguinte sentido: Que Políticas Públicas posso propor aos governantes a partir dos resultados dessa pesquisa?

É preciso uma renovação de conceitos e de formas de compreensão dos humanos para com os humanos. Como chegar ao “coração” do nosso semelhante para compreender e explicar que precisamos conhecer as raízes dos fatos para educar e criar a convivência harmônica entre nós? Como explicar e compreender que somos semelhantes e que o fundamento do viver humano deve ser o amor e que é pelo amor que precisamos nos compreender? “É a configuração do emocional que vivemos como *Homo sapiens* que especifica nossa identidade humana, não nossa conduta racional.” (MATURANA, 2001, p. 181, grifo do autor).

Ao educar nossas crianças e adolescentes para a vivência da sexualidade, precisamos compreender e ensinar que “nós não somos apenas geneticamente predeterminados nem algo do gênero para nos tornarmos o tipo de seres humanos que nos tornamos”, mas sim que “nos tornamos o tipo de seres humanos que nos tornamos de acordo com o modo pelo qual vivemos em uma maneira sistêmica, contribuindo com nosso viver para conservar o tipo de seres humanos que vimos a ser.” (MATURANA, 2001, p. 190).

Para isso, precisamos refletir: “que curso queremos que nosso sermos seres humanos siga?”. Com essa reflexão, com o conhecimento da nossa evolução biológica e com o estabelecimento de diretrizes pautadas na ética da vida, talvez estejamos um pouco mais preparados para compreender e educar o ser cultural e biológico da atualidade, porque a aprendizagem que desejo aos nossos jovens “é uma expressão do acoplamento estrutural, que sempre manterá uma compatibilidade entre o operar do organismo e o meio.” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 199).

Se cedermos todo nosso encantamento aos apelos da mídia, do consumismo e da exploração corporal da economia, então nossa condição humana se perde e a arte de educar se transforma em mais um produto que gera renda aos bolsos dos poderosos.

Precisamos investir sim na educação, mas não apenas em recursos financeiros como o propõem nossos governantes, mas na compreensão do que é o ser humano, buscando-a em todas as fontes: no livro, no filme, no texto, porque o conhecimento é fruto da atividade diária do ser humano.

Busquemos então a construção do conhecimento de quão carente anda a compreensão do ser sexual que vive um tanto “perdido” nessa selva moderna formada de *chips* e de células.

Os questionamentos que trago ao final de cada item da segunda seção, ouso aqui, respondê-los a todos, com uma única frase: se não conhecermos o processo evolutivo todo, biológico e cultural que nos formou; se não empreendermos em uma ação consciente de libertação das repressões seculares e se não nos livrarmos da aculturação janelar que tivemos e que nos fez achar que seguir a religião seria a única forma de salvar a alma, então não faremos nada na escola, não discutiremos nada em família e não educaremos para a sexualidade responsável, consciente, humana e emancipadora que nossas crianças e jovens necessitam. Eles estão ansiosos por respostas e nós estamos perdidos na mesmice, ou na vergonha, ou pela escuridão dos pudores ou dos falsos moralismos ou ainda, pela ótica simplificadora que varre para debaixo do tapete as reações e sentimentos de cada um para que se vislumbre meramente as de um ser considerado ideal – mas (in)existente de fato.

Para Low (2000, p. 231), entender esse processo todo é a chave para termos opinião formada e condições de discutir o assunto: “um passo na dissecação do nosso entendimento envolve a melhoria das nossas definições.” Formar seres humanos reflexivos, que é um dos grandes objetivos de todo o processo educacional, não será possível se não proporcionarmos aos nossos educandos o aprofundamento teórico do que queremos que ele entenda e compreenda. Portanto, nem educadores nem educandos poderão ser reflexivos, quando o assunto é sexualidade, se nem um, nem outro conhece com profundidade todo o processo atual e evolutivo que formou a ambos. E se educar é “oportunizar ao ser humano aprendente a possibilidade de lidar com a grande quantidade de informações disponibilizadas.” (STRIEDER, 2002, p. 11), educar para a sexualidade implica em que seja disponibilizado e aprofundado todo um manancial de informações sobre o processo evolutivo do ser humano.

Cabe a cada um de nós, educadores, o aprofundamento, a compreensão e a disseminação desses conhecimentos para que a vivência da sexualidade seja menos traumática tanto para educadores quanto para educandos. Pensemos como Morris (2001, p. 70): “[...] se todas essas atividades reprodutivamente inúteis podem manter-se sem reduzir o potencial reprodutor dos indivíduos implicados, é porque são inofensivas.”

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e Sexualidade**. Brasília: Unesco Brasil, 2004.

ACOSTA-ORJUELA, Guilherme Maurício. **15 motivos para “ficar de olho” na televisão**. Campinas, SP: Alínea, 1999.

AFP. **Vaticano reafirma que proíbe o uso de camisinha**. Disponível em: <www.aegis.com/news/afp/2005/AF050159_PT.html>. Acesso em: 20 jan. 2005.

ALVES, Maria Marcelita Pereira. A primeira Feminista das Américas. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org.). **Representações do Feminino**. Campinas: Átomo, 2003.

ALVES, Rubem. **A gestação do Futuro**. Campinas: Papirus, 1986.

AMORA, Antônio Soares, **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. São Paulo: Papirus, 2001.

APARELHO promete melhorar orgasmo feminino. 2004. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/01/040114_orgasmoml.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2006.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ATLAN, Henri. **O livro do conhecimento**: as centelhas do acaso e a vida. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

BARP, Magna Regina Tessaro. **Estudo Descritivo/comparativo da Educação Sexual nos anos iniciais**: programas de Ensino X Prática Pedagógica. 2002. Monografia (Especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental)–Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2002.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. São Paulo: Nova Fronteira, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERNARDI, Marcelo. **A deseducação sexual**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1985.

BÍBLIA. A. T. Português. **Gênesis**. 75. ed. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Claretiana, 1991.

BÍBLIA. A. T. Português. **Levítico**. 75. ed. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Claretiana, 1991.

BÍBLIA. João. Português. 1999. **Evangelho segundo São João**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, v. 10, Brasília: MEC, 2001.

BUJES, Maria Isabel. Um pouco de História. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládia Elise Pereira da Silva. **Educação Infantil**: p'ra que te quero? Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

CABRAL, J. T. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e Preconceito. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. III, ano 3, p. 18-37, set. 2000.

_____. Os efeitos perversos da televisão. In: COMPARATO C.; MONTEIRO D. (Coord.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 2, 2001, 75-86.

_____. Ética, Mídia e Sexualidade. **Jornal do Psicólogo**, Belo Horizonte, abr./jun. 2003.

CIENTISTA diz ter inventado 'chip' do orgasmo. 2003. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

CNBB. **Guia do Agente Pastoral de DST/AIDS**. Caxias do Sul, RS: Editora São Miguel, 2004.

COBRA, Marcos. Os brasileiros e as brasileiras são campeões mundiais de sexo. **Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. A-13, 21 jun. 2000.

COBRA, Marcos. **Sexo & Marketing**. São Paulo: Ed. Cobra, 2002.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AIDS, 14., 2002, Barcelona. **Aids se alastra no mundo**. Barcelona, 2002. Disponível em: <http://www.aids.org.br/default.asp?site_Acao=mostraPagina&paginaId=41>. 2002. Acesso em: 15 dez. 2004.

COSTA, Florência. Ser homossexual é crime na maior democracia do mundo. **Jornal O Globo**. São Paulo, p. 6, 1 out. 2006.

DIAMOND, Jared. **Por que o sexo é divertido?** A evolução da sexualidade humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

EIGEN, Manfred. O que restará da biologia do século XX? In: MURPHY, Michael; O'NEILL, Luke. **"O que é a vida?"** 50 anos depois. Especulações sobre o futuro da biologia. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

FELIPE, Jane. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?** 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2007.

FERRÉS, Juan. **Televisão subliminar, socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramalhe. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FRANCO, Maria Laura Puglisi. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma ilusão**. 2004. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Column/8413/freud>>. Acesso em: 17 jun. 2005.

_____. **O Mal Estar na Civilização**. São Paulo: Imago, 1997.

GARCIA, Rafael. **Vírus da Aids surgiu em chimpanzés de Camarões**. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u14671.shtml>>. Acesso em: 26 maio 2006.

GATTI, Bernardete Angelina. **A Construção da pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília, DF: Plano, 2002.

GEWEHR, Rodrigo Barros; HETKOWSKI, Tania Maria. Do grupo ao indivíduo: a tirania da mídia televisiva no mundo adolescente. In: **Revista Roteiro**, v. 24, n. 44, p. 151-174, jul./dez. 2000.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês (Org.). **Representações do Feminino**. Campinas: Átomo, 2003.

GOMES, Sérgio. **Ejaculação precoce**. 2004. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/sexo/frigidez.html>>. Acesso em: 17 set. 2006.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais: a história da sexualidade humana**. São Paulo: Roca, 1983.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na escola – Mito e Realidade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

HETKOWSKI, Tania Maria; GEWEHR, Rodrigo Barros. **Adolescente-televisão-grupo: buscando compreender o adolescente na era televisiva**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000. Relatório de Pesquisa.

IGREJA suspende mais de 100 padres nos Estados Unidos. 2002. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/noticia>. Acesso em: 11 set. 2006.

INSTINTOS, o lado selvagem do comportamento humano. Produção de Natasha Bondy. Co-produção de BBC/TLC. São Paulo: Abril, 2005. 1 DVD.

KALIL, Mariana. Rede do prazer. In: **Revista Época**, São Paulo: Ed. Globo, ano 4, n. 166, p. 88-93, 23 jul. 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/esquisa/ObraForm>>. Acesso em: 14 maio 2006.

LANDINI, Tatiana Savoia. Pedófilo, quem és? A pedofilia na mídia impressa. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 19, 2003. Suplemento 2.

LIMA, Celso Piedemonte. **Evolução biológica, controvérsias**. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.

LIMA, Raymundo de. A polêmica sobre as causas do homossexualismo. **Revista Espaço Acadêmico**, ano 1, maio 2001.

LOW, Bobbi S. **Sexo e comportamento humano**: uma perspectiva evolutiva. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: Ativa, 2000.

MAHECHA, Germán Arturo Bohórquez. Porque as hemácias dos mamíferos não tem núcleo e como podem viver por 120 dias? In: COSTA, Vera Rita; COSTA, Edson Valério. **Biologia**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 12. v. 6. (Coleção explorando o ensino).

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 12 out. 2006.

MEDEIROS, Selma Zelandra. **Método para educadores na arte de ensinar-aprender a sexualidade do adolescente**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ergonomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MESMO sem receita, jovens recorrem ao Viagra para melhorar desempenho. **Jornal Correio Braziliense**, Brasília, p. 1, 27 set. 2006.

MONOD, Jaques. **O acaso e a necessidade**. Portugal: Publicações Europa América, 2002.

MONTENEGRO, Érica. Deus é para todos. **Jornal Correio Braziliense**, Brasília, p.12, 5 abr. 2006.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **O método II: a vida da vida.** 3ª ed. Portugal: Publicações Europa América, 1999.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

MORRIS, Desmond. **O Macaco nu.** 14 ed. Rio de Janeiro: Record. 2001.

_____. **O método II: a vida da vida.** 3. ed. Portugal: Publicações Europa América; São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças.** 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. Algumas tendências recentes nos discursos evangélico e católico sobre a homossexualidade. In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, ano 11, n. 22, p. 1-8, dez. 2004.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **As ciências sociais na escola.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

NIETZSCHE, F. **Assim Falava Zaratustra.** 2003. Disponível em: <www.e-book.com.br>. Acesso em: 18 out. 2003.

_____. **O Anticristo.** Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** 2. ed. Versão rev. e ampl. Campinas, SP: Papirus, 1997.

NUNES, Cesar Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança.** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

NUNES, Vicente. **Mesmo se for punido, Brasil vai copiar remédios anti-Aids.** 2001. Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-03-01/cab_9131.htm>. Acesso em: 15 dez. 2004.

O LENHADOR (The Woodsman). Direção de Nicole Kassel. Produção de Lee Daniels. Boston: Imagem Filmes, 2004. 1 DVD (126 min).

PARISOTTO, Luciana. **Abuso sexual, a violência como doença**. 2006a. Disponível em: <<http://www.abcdocorposalutar.com.br>>. Acesso em: 12 set. 2006.

PARISOTTO, Luciana. **Disfunção no organismo Feminino**. 2006b. Disponível em: <www.abcdasaude.com.br/artigo.php?131>. Acesso em 17 set. 2006.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Sexualidade, quem precisa disso?** A trajetória de uma oficina. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

REDAÇÃO TERRA. **Pênis artificial permite que coelhos se reproduzam**. 2006. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,17560,OI1021438-EI299,00.html>>. Acesso em: 25 maio 2006.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **O Assassinato de Cristo**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RICHARDSON, Roberto (Org.). **Pesquisa Social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIDLEY, Matt. **A rainha de Copas: o sexo e a evolução da natureza humana**. Portugal: Gradativa, 2004.

ROSA, Bruno. **Brasil é terceiro mercado do Viagra**. 2006. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/economia/2006/02/04/joreco20060204008.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2006.

SALVADOR, Ana Paula Viezzer; WEBER, Lúcia Natalia Dobrianskyj. **Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos**. Paraná: Ed. UFP, 2005.

SAÚDE na cama, **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre. Seção Vida, 11 mar. 2006, p. 4.

SAYÃO. Rosely. Professora despreparada dá vexame. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1, jul. 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquin. **Educação, Sujeito, História**. São Paulo: Olho D'água, 2001.

SFREDDO, Marta. **Fim da consumação e jornada contra exploração sexual foram destaques**. 2006. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/Ag/NOTICIAS.ASP?txtIDMATERIA=145918&txtIdTipoMateria=1>>. Acesso em: 28 abr. 2006.

SILVA, Cenira. **Sexualidade Humana**: considerações pedagógicas. Passo Fundo: Ed. UPF, 1995.

STRIEDER, Roque. **Educação e Humanização**. Florianópolis: Habitus, 2002.

TIBA, Içami. **Sexo e adolescência**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

VELASQUEZ, Miguel Granato. Direitos humanos das crianças e dos adolescentes. In: **Relatório Azul, Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da AL**. RS, Porto Alegre: Corag, 2005.

VIANNA, Heraldo Marelin. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

VITIELLO Nelson, et al. **Adolescência Hoje**. São Paulo: Prol, 2000.

VITIELLO, Nelson; MARTINEZ, Silvia. Vitimação Sexual de Crianças e Adolescentes. In: VITIELLO, Nelson et al. **Adolescência Hoje**. São Paulo: Prol, 2000.

WIKIPÉDIA. **Neandertal**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neandertal>>. Acesso em: 17 maio 2007.

ZOLLER, Gerda Verden; MATURANA, Humberto. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA MÃE 1

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

Todas... era proibido falar e pronto. Era pecado. E quando a gente sentia alguma coisa ia rezar para esquecer.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Não sei... Nossos pais foram criados assim também. Tudo era pecado. Deus castigava quem falasse nessas coisas. Quando menstruei, falei para minha irmã que estava sangrando e que tinha machucado a perna... Mas ela compreendeu e me mandou usar uns paninhos e lavar escondido.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

() revistas

() amigos

() nenhum destes

(X) outro. Qual? Marido, quando casei aos 22 anos

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Claro, senão a vida seria uma bagunça.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

É muito importante porque Deus sabe o que é certo e o que é errado

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Influencia sim e muito. De todo jeito, as vezes tem coisas boas, mas as vezes tem pouca vergonha. Saio da sala quando tem coisa vergonhosa. Meus filhos ficam lá.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Eu não sei, por que os filhos aprendem na escola e na televisão essas coisas e daí não precisa a gente falar.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Eu sempre falo para eles se cuidarem. Não é para fazer bobagem porque depois se arrependem. Mas eles dão risada da gente.

9. O que você espera da escola em termos de Educação sexual para seu filho?

Eu espero que meus filhos escutem os professores porque eles sabem mais sobre essas coisas e também os professores tem mais jeito de falar para os alunos.

APÊNDICE B – ENTREVISTA MÃE 2

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

(37 anos) Medo de engravidar. A mãe não falava e eu não sabia como engravidava.

2. A que você atribui essas dificuldades?

As mães não falavam porque achavam feio, tinham vergonha e medo que fossem incentivar a vida sexual dos filhos.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

() revistas

(X) amigos

() nenhum destes

() outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Não é importante. Cada um tem que fazer o que achar certo.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

A religião não deveria interferir. Inclusive os padres deveriam casar.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Acho que a televisão até ensina.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Ajuda.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Converso muito sobre isso. Tem que se cuidar. Não apenas de gravidez, mas também de doenças.

9. O que você espera da escola em termos de Educação sexual para seu filho?

Acho muito bom quando a escola explica. Ajuda a educar. Espero que a escola faça mais do que faz. Embora hoje ela já faz mais do que fazia no meu tempo, mas ainda é muito pouco.

APÊNDICE C – ENTREVISTA MÃE 3

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

(38 anos) Foi tranqüila. O único pânico que eu tinha era de namorar e ficar grávida.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Eu tinha medo porque minha irmã engravidou quando era solteira e sofreu o pão que o diabo amassou.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

() revistas

(X) amigos

() nenhum destes

() outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Sim, se não tiver regras não tem graça.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

A igreja se mete demais na vida das pessoas. Se seguir a igreja católica, por exemplo, vai ter muitos filhos.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Não tem influência

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Não influencia

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Penso em ter um diálogo muito aberto, mas meu filho ainda é pequeno demais para falar sobre isso. (3 anos)

9. O que você espera da escola em termos de Educação sexual para seu filho?

Espero um diálogo aberto. Uma complementação do que eu faço em casa.

APÊNDICE D – ENTREVISTA PAI 1

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

(46 anos) Algumas. Meu pai falava sobre algumas coisas comigo, mas minha mãe não. Só que ele falava sobre cuidados, mas aquilo que eu sentia e que queria entender, só entendi quando tive minha primeira namorada.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Ao modelo conservador que meus pais foram criados.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

☒ pais

☒ professores

☒ padres e/ou pastores

☒ revistas

☒ amigos

☐ nenhum destes

☐ outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Claro que sim. Nossos filhos estão por aí, e se não existissem regras para controlar a sociedade e o comportamento das pessoas, onde isso ia parar? A televisão mostra muitas coisas que se não tivesse um pouco de freio, seria um bacanal a vida.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

A religião é boa para frear um pouco as coisas do sexo, mas por causa dela também a gente não foi ensinado sobre muitas coisas.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Nossa, e como! Na minha opinião a televisão é a que mais ensina coisas para os nossos filhos. Não apenas para os nossos filhos, mas para nós também. Eu acho que os meios de comunicação são os que mais influenciam no comportamento dos jovens hoje, mais do que os pais...

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Num ponto atrapalha, porque você quer pregar que não devem fazer sexo o tempo todo com todas as pessoas e a televisão mostra o contrário. Além do mais o que a televisão mostra é um sexo sem cuidados e sem prevenção. As pessoas se encontram, se beijam e logo vão para a cama. Não é isso que quero para meus filhos.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Eu sou bem mais aberto do que meus pais foram comigo. Falo sobre muitas coisas, outras coisas deixo eles aprenderem por aí, porque nem tudo sei como falar. Mas sempre que surge a oportunidade aproveito para dizer algumas coisas, sempre no sentido de prevenção de doenças, de gravidez, e assim por diante

9. O que vc espera da escola em termos de Educação sexual para seu filho? (pais)

Espero MUITO porque a escola sim está preparada para educar. Lá existe mais conhecimento, mais experiência e os professores tem mais estudo do que a gente para falar sobre isso. Eu espero que a escola fale das coisas que eu não sei falar.

APÊNDICE E – ENTREVISTA PAI 2

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

(41 anos) Quando eu fiz 12 anos meu pai me levou numa “zona”, essas casa de mulheres, para elas me ensinarem. Quase morri de medo e de vergonha. Desde então sou assim... gosto muito de mulher e de sexo.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Não sei explicar. Creio que meu pai pensava que conhecer mulher era “ser macho” e para ele era muito importante ser macho... meu pai já morreu... tenho 1 filho... não vou fazer isso com meus filhos.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

☐ pais

☐ professores

☐ padres e/ou pastores

☐ revistas

☐ amigos

☐ nenhum destes

☒ outro. Qual? Meu pai. No começo só ele, depois as mulheres da vida me mostraram todos os caminhos do prazer.

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Acho muito importante por causa dos meus filhos, mas não acredito que elas ataquem muita coisa não, professora.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

Religião??? Isso é uma farsa que serve para manter as pessoas sob comando. Na vida sexual ela influencia somente os que a seguem, mas assim como as regras sociais, não atacam muita coisa não.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Essa sim influencia. Tudo o que vemos temos vontade de fazer. Um dia ainda agarro aqueles mulherões que aparecem... ah, meus filhos? Procuro controlar um pouco o que assistem, mas sei que um dia vão assistir e ler coisas quando não estou por perto, então deixo meio livre.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Ajuda quando orienta, mas atrapalha quando mostra sexo sem camisinha. É meio complicado falar disso.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Converso muito com ele, mas não vou levá-lo numa zona como meu pai fez comigo. Quero que ele seja feliz, mas sem traumas. Quando ele quiser fazer sexo, ele saberá... a menina tem 13 e o menino já tem 17 anos.

9. O que vc espera da escola em termos de Educação sexual para seu filho?

Espero sinceramente que ela acorde. O mundo já deu tantas voltas e a escola continua como era no meu tempo.

APÊNDICE F – ENTREVISTA PAI 3

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

(57 anos) Queria saber porque o pinto endurecia, de onde vinham as crianças e não havia a quem perguntar.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Os pais e professores tinham constrangimento e tudo era escondido.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

() revistas

() amigos

() nenhum destes

(X) outro. Qual? Aprendi no meio das crianças e dos adolescentes (amigos) brincando com eles e comentando. Presenciando fatos de animais e aí vinham todos os porquês das coisas.

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Na minha opinião é de suma importância a fim de que se tenha uma adequada educação sexual com consentimento de ambas as partes (casal)

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

Ainda há esconderijos, ou tabus. Não havendo clareza na sexualidade fica a pergunta: Por que desses esconderijos.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Influenciam de forma desordenada porque o interesse da mídia é diferenciado da Educação sexual familiar pois visa o interesse financeiro.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

É muito confuso. Em algumas famílias os adolescentes só aprendem através da mídia ajudando e também atrapalhando. Mas no geral eles concluem da necessidade em manter relações sexuais sem a razão fiel do que é.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Meus filhos foram educados de forma totalmente equivocada. Não houve uma educação adequada e hoje sinto-me culpado de ver certas atitudes por eles praticadas por que não ofereci uma educação suficiente. Prejudiquei meus filhos neste sentido. Talvez tenha sido por não ter recebido uma educação adequadamente, acabei vivendo e ensinando os exemplos de meus pais.

9. O que você espera da escola em termos de Educação sexual para seu filho? (pais)

A preocupação é muito grande. Meus filhos já não são mais crianças, mas preocupo-me não só com eles e sim com todos os adolescentes vendo-se praticarem atos sexuais em lugares não adequados e sem a devida educação. O assunto merece pesquisa, estudo e a escola também deve aperfeiçoar seus servidores afim de corrigir estas dificuldades e estranhas atitudes. Primeiro deve haver educadores especializados que possam difundir adequadamente a questão da sexualidade. Tenho certeza que a escola apesar dos profissionais não serem especializados ainda é um bom caminho.

APÊNDICE G – ENTREVISTA PROFESSOR 1

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

A única dificuldade que tive foi em descobrir porque meu corpo fazia certas coisas que eu não queria que fizesse e não sabia como perguntar para minha mãe. Meus pais estavam separados e eu vivia com minha mãe que também era professora. Talvez por ser separada e ter vergonha da sua situação, nunca falamos sobre nada, namoro, sexo, essas coisas nada. Mas eu era muito curioso e vivia com meus amigos a procura de revistas de mulher pelada. Aos 13 anos eu já havia visto muita coisa.

2. A que você atribui essas dificuldades?

A sociedade não permitia que se falasse nessas coisas. Não se falava e pronto, a gente aceitava isso como regra, como lei. É como falar hoje em jogar lixo no ambiente. A gente sabe que não pode... e não joga.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

- () pais
- () professores
- () padres e/ou pastores
- (X) revistas
- (X) amigos
- () nenhum destes
- () outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Não... são essas regras que não sei quem criou que impedem as pessoas de viverem de acordo com aquilo que acreditam.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

A religião é a porta de entrada do inferno. Não há nada pior do que a religião para impedir a vida. A religião prega “que todos tenham vida em abundância” e impede as pessoas de viver.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Influencia tanto quanto a religião. Só que a religião vai para a esquerda e a televisão para a direita. São opostas, mas influenciam da mesma maneira. Essa liberdade que a televisão mostra, é o que a gente devia viver.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Ajuda, e muito. Sempre uso exemplos da televisão para puxar assuntos dessa natureza.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Sou liberal. Falo de tudo e os alunos gostam disso.

9. O que você espera da família em termos de Educação sexual para seu aluno?

Não espero muita coisa não. Esses alunos que tenho foram criados na mesma cultura que eu. Eu me tornei mais liberal em função disso, mas a grande maioria dos pais não sabe muito o que dizer, ainda mais em cidade pequena como a nossa. Nos grandes centros há uma maior liberdade, mas aqui, não espero muita coisa não.

APÊNDICE H – ENTREVISTA PROFESSOR 2

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

A timidez. Eu morava no interior.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Falta de informações. A única fonte era a escola que nem sempre passava a informação.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

(X) revistas

() amigos

() nenhum destes

() outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Importante. Se deixar pelos jovens decidir o que é bom nem sempre sabem o que é bom pra eles.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

Não sei até que ponto ela consegue influenciar hoje. No passado era ela que mandava.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Influencia. Deturpando os valores do verdadeiro amor, do sexo como deve ser.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Atrapalha por que os jovens não esperam o tempo certo. Porque a TV mostra que pode trocar todo momento de par. As novelas mostram que pode. O cara casado ter duas ou três mulheres. As moças solteiras recebem em casa o rapaz.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Procuro mostrar: 1º a importância da relação um valorizando o outro; 2º o tempo certo e as consequências de certas atitudes. Ficar para mim não existe o que existe no ficar é sacanagem.

9. O que você espera da família em termos de Educação sexual para seu aluno?

Os pais tem que cobrar dos filhos o respeito que eles tem que ter com o companheiro. A relação não é brincadeira e sim uma consequência que o tempo mostra para os jovens (o casal). Os pais são tudo. Se o pai não consente que o filho moleste a menina e depois largue como um objeto, ele não fará. Os pais estão deixando os filhos livres demais e as consequências estão aí.

APÊNDICE I – ENTREVISTA PROFESSOR 3

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

Os pais não eram abertos, não tinha a quem recorrer.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Os pais não tinham conhecimento. Medo de conversar. No interior tem muito tabu.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

(X) revistas

(X) amigos

() nenhum destes

() outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Têm lados positivos como têm negativos. Tanto podem ajudar como atrapalhar.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

Tem que ter certo equilíbrio. Cada um deve saber o que seguir e o que não seguir. A religião tem papel fundamental.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Influencia e muito. Até negativamente. Influencia na troca de parceiros a toda hora, sexo com qualquer um.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Para eles qualquer coisa serve. Mais atrapalha do que ajuda porque eles (os adolescentes) não têm certo limite ou conhecimento do que é real.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Tento orientar. Trabalhos em grupo. Quando surgem alguns fatos eu falo.

9. O que você espera da família em termos de Educação sexual para seu aluno?

Deveriam deixar um pouco claro. Embora a família esteja um pouco perdida. Os alunos aprendem mais na rua do que com a família. A família deveria tomar isso.

APÊNDICE J – ENTREVISTA PROFESSORA 1

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

Muitas. Minha família era muito conservadora e quase não se falava em sexo. Quando menstruei é que minha mãe falou algumas coisas... mas poucas e com grande medo de alguma coisa que eu não sabia o que era, mas que compreendi e fiz segredo.

2. A que você atribui essas dificuldades?

A falta de informação talvez... apesar de que acho que é porque não conheciam o mundo como nós conhecemos hoje e também porque a religião inculcia neles a coisa do pecado. Tudo era pecado e a gente se criou assim.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

(X) professores

() padres e/ou pastores

() revistas

(X) amigos

() nenhum destes

() outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Se cada um soubesse cuidar da sua vida, não precisaria ter regras sociais, mas isso vem de longa data então não é possível reverter isso. Do jeito que as coisas andam, acho necessário que existam regras, senão seria o caos.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

A religião ... embora ajude muitas pessoas, ela tem um lado medonho de inculcar nas pessoas que tudo é pecado. Nada é permitido e isso impede o conhecimento das coisas reais da vida... como a sexualidade por exemplo.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Certamente que influenciam. Trazem mais visão de mundo, embora essa visão seja meio deturpada, meio pornográfica, mas influencia sim e de um jeito bom.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Ajuda. Não tenho coragem de falar para meus alunos as coisas que a televisão fala, então não preciso explicar muitas coisas porque eles já sabem.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Na verdade não educo. Minha disciplina não tem nada a ver com essas coisas da ciência. Trabalho com Português.

9. O que vc espera da família em termos de Educação sexual para seu aluno?

Espero tudo porque é da família o papel de educar. A escola ensina conteúdos para a vida, para os concursos, para os vestibulares. A escola colabora com a formação do ser humano, mas é da família o papel de educar para a sexualidade pois é uma coisa bem pessoal e íntima de cada um.

APÊNDICE K – ENTREVISTA PROFESSORA 2

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

Nunca tive instrução de ninguém. Sempre tive que descobrir as coisas por mim mesma.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Os pais por vergonha e a tinham se criado dessa forma. E as escolas também não podiam, não queriam ou não estavam preparadas para falar com os alunos.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

(X) revistas

(X) amigos

() nenhum destes

() outro. Qual? _____

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

Com certeza por que ta tudo muito liberado e com todas essas doenças tem que ter um certo limite.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

Repressão. Diz que é só para reprodução que é feio, que é pecado.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Sim, através de novelas, filmes, propagandas.

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Atrapalha. É muito exagero e eles (os adolescentes) pensam que é tudo liberado.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Meus filhos eduquei talvez não como deveria ser, mas bem melhor do que eu fui educada. Aos alunos quando surge oportunidade procuro falar a verdade, esclarecer de forma correta.

9. O que você espera da família em termos de Educação sexual para seu aluno?

A família deve esclarecer da melhor forma possível para que eles não sofram as consequências como doenças ou troca de parceiros toda hora.

APÊNDICE L – ENTREVISTA PROFESSORA 3

1. Quais as dificuldades que você encontrou quando começou a descobrir a sua sexualidade?

Acho que não percebi minha sexualidade até hoje. (risos) Ninguém falava nada. Ninguém perguntava nada. A gente se criou brincando de boneca e de casinha longe das conversas das mulheres. A televisão eu só conheci quando tinha quase 20 anos. Nem luz elétrica a gente tinha. Já estou me aposentando na profissão e hoje fico de cabelos em pé quando vejo esses adolescentes vivendo desse jeito. (...) Desse jeito assim, fazendo sexo, beijando no meio da rua.

2. A que você atribui essas dificuldades?

Acho que por que era pecado fazer sexo. Era regra geral e todos obedeciam, ainda mais que nossos pais foram da época do Regime militar. O que era proibido falar, eles calavam.

3. A sua formação ou orientação para a sexualidade foi através de:

() pais

() professores

() padres e/ou pastores

() revistas

() amigos

() nenhum destes

(X) outro. Qual? Um médico fez uma palestra quando eu estava na sétima série. Mostrou pênis e vaginas tão cheios de feridas e inchados que eu jurei que nunca ia fazer sexo na vida... depois casei e esqueci o juramento (risos)

4. É importante a existência de regras sociais para a vivência da sexualidade? Por quê?

No meu tempo era... hoje, eu não sei dizer.

5. Qual o papel da religião na vida sexual das pessoas?

É uma regra social como as outras. Serve apenas para impedir as pessoas de serem felizes.

6. A mídia (televisão, rádio, revistas) influenciam na vida sexual das pessoas? Se sim, de que forma?

Muito. A televisão, principalmente é a cartilha da libertinagem

7. Essa influência ajuda ou atrapalha a educação para a sexualidade dos nossos alunos e filhos?

Nunca parei para pensar nisso. Talvez ajude porque a gente não gosta de falar sobre isso e aí a televisão faz o trabalho por nós.

8. Como você educa sexualmente seus filhos e/ou alunos?

Infelizmente, quase do mesmo jeito como fui educada. Fico vermelha só de pensar que me perguntem alguma coisa.

9. O que você espera da família em termos de Educação sexual para seu aluno?

Vejo por mim, não falo sobre isso com meus filhos e acho que as famílias no geral não falam. Por isso acho que é papel da família esse, mas não sei se elas cumprem.

ANEXOS

ANEXO A – HISTÓRIA DA AIDS

A síndrome de imunodeficiência adquirida foi descrita em 1981. Os primeiros casos foram reconhecidos devido a aglomeração de casos de Sarcoma de Kaposi (SK) e Pneumonia pelo *Pneumocystis carinii* (PPC) em pacientes homossexuais masculinos, procedentes de grandes cidades norte-americanas (Nova York, Los Angeles e São Francisco). Embora já reconhecidas anteriormente, essas doenças apresentam características próprias. Entretanto nunca fora observado anteriormente a ocorrência em pacientes homossexuais masculinos, previamente saudáveis. Esse fato logo chamou a atenção do órgão de vigilância epidemiológica norte-americano, que passaram imediatamente a estudar a doença e definir o seu perfil clínico e epidemiológico.

Muitos dos pacientes inicialmente diagnosticados eram homossexuais o que fez suspeitar que a doença estivesse de alguma forma ligada a este estilo de vida. Logo se percebeu entretanto, que havia casos entre heterossexuais e crianças recém nascidas. Ainda assim, certas características epidemiológicas permaneciam sugerindo uma etiologia infecciosa, transmitida por via sexual, vertical e parenteral.

A partir daí muitos estudos foram iniciados na tentativa de identificar-se o agente etiológico da AIDS, possivelmente um vírus, já que parecia pouco provável que outro tipo de microorganismo pudesse causar uma doença com essas características sem ser identificado. (...) e a doença sob investigação era nova, o que indicava que um vírus até então desconhecido fosse o agente etiológico da doença.

Em 1984, dois grupos de cientistas reclamaram para si a descoberta de um retrovírus que seria o agente etiológico da AIDS. (...) a comunidade científica internacional chegou a um consenso de denominá-lo HIV, de vírus da imunodeficiência humana.

No início de 1985 já estava disponível no mercado, um teste sorológico de metodologia imunoenzimática, para diagnóstico da infecção pelo HIV que podia ser utilizado para triagem em bancos de sangue. Este teste passou a ser usado mundo afora e diminui consideravelmente o risco de transmissão transfusional do HIV.

Em 1986, foi aprovado pelo órgão norte-americano de controle sobre produtos farmacêuticos a primeira droga com atividade antiviral, a azidotimidina ou AZT.

Em 1994, um novo grupo de drogas antivirais para o tratamento da infecção pelo HIV passou a ser estudado, os inibidores da protease. Estas drogas revelaram potente efeito anti-viral *vitro*, e seu uso *in vivo*, isoladamente ou em associação com drogas do grupo do AZT (daí a denominação "coquetel"), apresentou um impacto enorme na história natural da infecção pelo HIV. Houve diminuição da mortalidade imediata, melhora dos indicadores da imunidade e recuperação de infecções oportunistas. Houve uma verdadeira euforia, chegando-se a falar na cura da AIDS. Entretanto logo se percebeu que o tratamento antiretroviral combinado (coquetel) não eliminava o vírus do organismo dos pacientes infectados pelo HIV. Some-se a isso também os custos elevados do tratamento, o grande número de comprimidos tomados por dia e os efeitos colaterais dessas drogas. Apesar desses inconvenientes, o coquetel reduziu de forma significativa a mortalidade de pacientes com AIDS. Atualmente há duas linhas principais de pesquisa na AIDS. Uma em busca de uma vacina eficaz, visando imunizar os indivíduos pertencentes a populações sob risco e outra visando buscar drogas antivirais mais potentes e com menos efeitos colaterais visando erradicar o HIV do organismo de pacientes infectados.⁹

⁹ Disponível em: <www.connect.com.br/~gapahp/historico.htm>.

ANEXO B – CARTA ABERTA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

CARTA ABERTA - 08/12/2003

Posição do Programa Nacional de DST e Aids frente à proibição de divulgação de campanha da Sociedade Civil

O Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde vem a público defender o direito de divulgação do vídeo “Pecado é não usar”, que as organizações não governamentais engajadas no controle da epidemia de aids fizeram em resposta à posição da Igreja Católica contra o uso do preservativo.

Estamos em um país democrático, democracia esta que parcela da própria Igreja ajudou a construir, com a coragem de religiosos como Dom Paulo Evaristo Arns e inúmeros outros. Temos uma Constituição que defende as liberdades fundamentais como direito inalienável. Entre eles, a livre manifestação do pensamento e a liberdade de credo. O Governo Brasileiro não discute os dogmas e valores morais e individuais de abstinência e fidelidade conjugal.

Entretanto, ressalta que estas estratégias são inadequadas enquanto política de saúde pública para a prevenção do HIV e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis. Seria um erro uma política pública baseada no respeito à universalidade, à diversidade e na realidade cultural da sociedade preconizar condutas que não são compartilhadas por todas as pessoas. Temos o dever e a responsabilidade de afirmar que o preservativo é a única maneira de prevenir o HIV entre as pessoas que têm vida sexual ativa. No Brasil, um contingente de 91 milhões de pessoas.

Respeitamos a Igreja Católica, reconhecemos a contribuição que ela tem dado na luta contra a aids no Brasil. Desde o início da epidemia, a Igreja acolheu e amparou os órfãos da aids; criou esquemas de ajuda aos moradores de rua; fundou creches e instituições para dar assistência aos portadores; criou, inclusive, a Pastoral da Aids.

No entanto, a Igreja erra quando, para fazer valer o seu ponto de vista teológico, lança dúvidas sobre verdades científicas há muito comprovadas, pondo em risco a vida de pessoas que, por obediência religiosa, acabam se descuidando. Quando lidamos com vidas humanas não temos o direito de errar. Sabemos, também, que embora essa orientação venha do Vaticano, nem toda a Igreja Católica do Brasil a difunde. Prova disso é a decisão tomada em Itaiçara na reunião da cúpula da CNBB em 2000, quando o preservativo foi considerado, “dos males, o menor”.

Democraticamente, não podemos ignorar a multiplicidade das orientações sexuais e nem deixar de respeitar o direito que as pessoas têm de manifestá-las e exercê-las. É papel do Estado garantir a saúde física de todos os cidadãos, e é papel das religiões tentar melhorar a saúde espiritual do Planeta. Mas não podemos mentir.

O preservativo é único meio de proteger a população do HIV e de outras doenças sexualmente transmissíveis tão prejudiciais à saúde quanto o vírus da Aids: o HPV, por exemplo, que provoca 90% do câncer do colo do útero; as hepatites virais, que acometem mais de 15% da população e podem levar à morte; a sífilis congênita, que provoca o aborto ou a má formação do feto, apenas para citar as mais conhecidas. Colocar em dúvida esta eficácia, especialmente, instituições com a credibilidade da Igreja Católica é danoso para a saúde pública. Anos inteiros de trabalho e investimento de recursos públicos para promover uma prática mais segura entre as pessoas que têm vida sexual ativa ou que ainda vão iniciá-la escorrem pelo ralo com declarações como a do Cardeal Colombiano López Trujillo.

Quando as ONG que trabalham com aids no Brasil decidiram veicular o vídeo contestando a posição da Igreja sobre o uso do preservativo, elas entenderam que a Igreja estava mentindo e, portanto, teria que pedir perdão, mais cedo ou mais tarde, por mais este equívoco histórico. E usaram como argumento a própria posição do Vaticano em 14 de março de 2000, quando o Papa João Paulo II proferiu em Roma a Oração Universal e a Confissão das Culpas e Pedido de Perdão pelos crimes do passado.

Toda a imprensa divulgou, à época, que o Vaticano estava tentando encontrar um jeito de pedir perdão à humanidade e, ao mesmo tempo, redimir a Igreja dos crimes pelos quais era acusada: o de perseguição religiosa na Idade Média; de violência e intolerância contra os povos pagãos do Novo Mundo; de omissão durante a ascensão de Hitler, que culminou com o holocausto. São essas as citações que o vídeo faz, baseando-se nas reportagens da época.

De fato, no Dia do Perdão, o Papa não se referiu à Igreja Católica em suas orações, mas a “homens da Igreja que, em nome da fé e da moral, às vezes lançaram mão de métodos não evangélicos no cumprimento da obrigação de defender a verdade”. Com base neste dispositivo, a Arquidiocese do Rio de Janeiro, fundamenta a argumentação de que é uma injúria associar a Igreja aos momentos históricos relatados no vídeo. Ora, se o responsável pela política de aids em um país, em nome de suas convicções morais e religiosas, decidiu parar de promover o uso do preservativo e provocasse, com essa atitude, um grande aumento do número de transmissões do HIV e a morte de milhares de pessoas, quem seria acusado da irresponsabilidade? Apenas ele, como pessoa, ou todo o governo que ele representa e que permitiu que ele tomasse tal atitude?

É essa mensagem que o vídeo quis transmitir, no direito que as ONG têm – elas também parceiras importantíssimas do governo na luta contra a aids no Brasil e no mundo – de fazer o contraponto científico a dogmas religiosos que podem por em perigo toda a humanidade.

Prova disso é o comportamento de líderes do continente Africano, onde alguns, até há poucos meses afirmavam, peremptoriamente, que o HIV não existe e que a aids é uma doença social, não de transmissão sexual. A África, hoje, por essa posição anti-científica, é um continente ameaçado de extinção, com mais de 30% da população infectada pelo vírus. O continente Africano está aí para lembrar-nos de que não temos tempo para errar.

Portanto, é preciso cautela ao defender idéias. A Igreja está errada ao insistir que o preservativo não protege, e pode estar cometendo mais um crime contra a humanidade.

Vale lembrar que a própria Comissão Teológica Internacional, que redigiu o documento que justificava a necessidade que a Igreja tinha de pedir perdão à humanidade pelos erros do passado, alertou: “A Igreja é uma sociedade viva que atravessa os séculos. A sua memória não é apenas constituída pela tradição que remonta aos Apóstolos, normativa para a sua fé e a sua própria vida, mas é também rica na variedade de experiências históricas, positivas ou negativas, que ela viveu. O passado da Igreja estrutura em larga medida o seu presente. (Pág. 5).

E o próprio Papa João Paulo II acrescentou: “Um sério exame de consciência foi desejado por numerosos cardeais e bispos, principalmente sobre a Igreja de hoje. No limiar do novo milênio, os cristãos devem por-se humildemente diante do Senhor, interrogando-se sobre as responsabilidades que lhes cabem também nos males do nosso tempo” (TMA36, pág. 22 do documento, grifo dos próprios redatores).

Programa Nacional de DST/Aids

Ministério da Saúde

Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST/AIDS

– Disponível em: <www.aids.gov.br>.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)